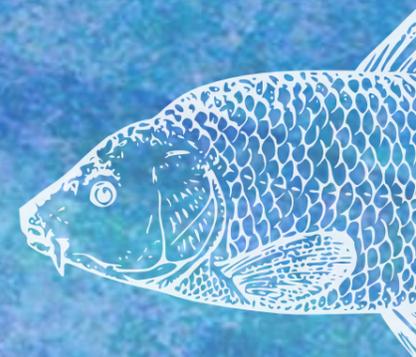




ENTRE PONTES

ANTEPROJETO DE HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL PARA A ANTIGA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA, PÓS INCÊNDIO DE 2022.



VINÍCIUS SIBALDO TORRES DE LIRA

RECIFE - 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO



**ENTRE
PONTES**

ANTEPROJETO DE HABITAÇÃO DE
INTERESSE SOCIAL PARA A ANTIGA
COMUNIDADE DE PALAFITAS DO
PINA, PÓS INCÊNDIO DE 2022.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO AO DEPARTAMENTO DE
ARQUITETURA E URBANISMO, COMO PARTE
DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM
ARQUITETURA E URBANISMO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.

VINÍCIUS SIBALDO TORRES DE LIRA
ORIENTADORA: ADRIANA BORBA
RECIFE - 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lira, Vinícius Sibaldo Torres de.

Entre Pontes: anteprojeto de habitação de interesse social para a antiga comunidade de palafitas do Pina, pós incêndio de 2022 / Vinícius Sibaldo Torres de Lira. - Recife, 2024.

102 p : il., tab.

Orientador(a): Adriana Carla de Azevedo Borba

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Habitação Social. 2. Elemento Vazado. 3. Mangue. 4. Palafita. 5. Recife. I. Borba, Adriana Carla de Azevedo. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

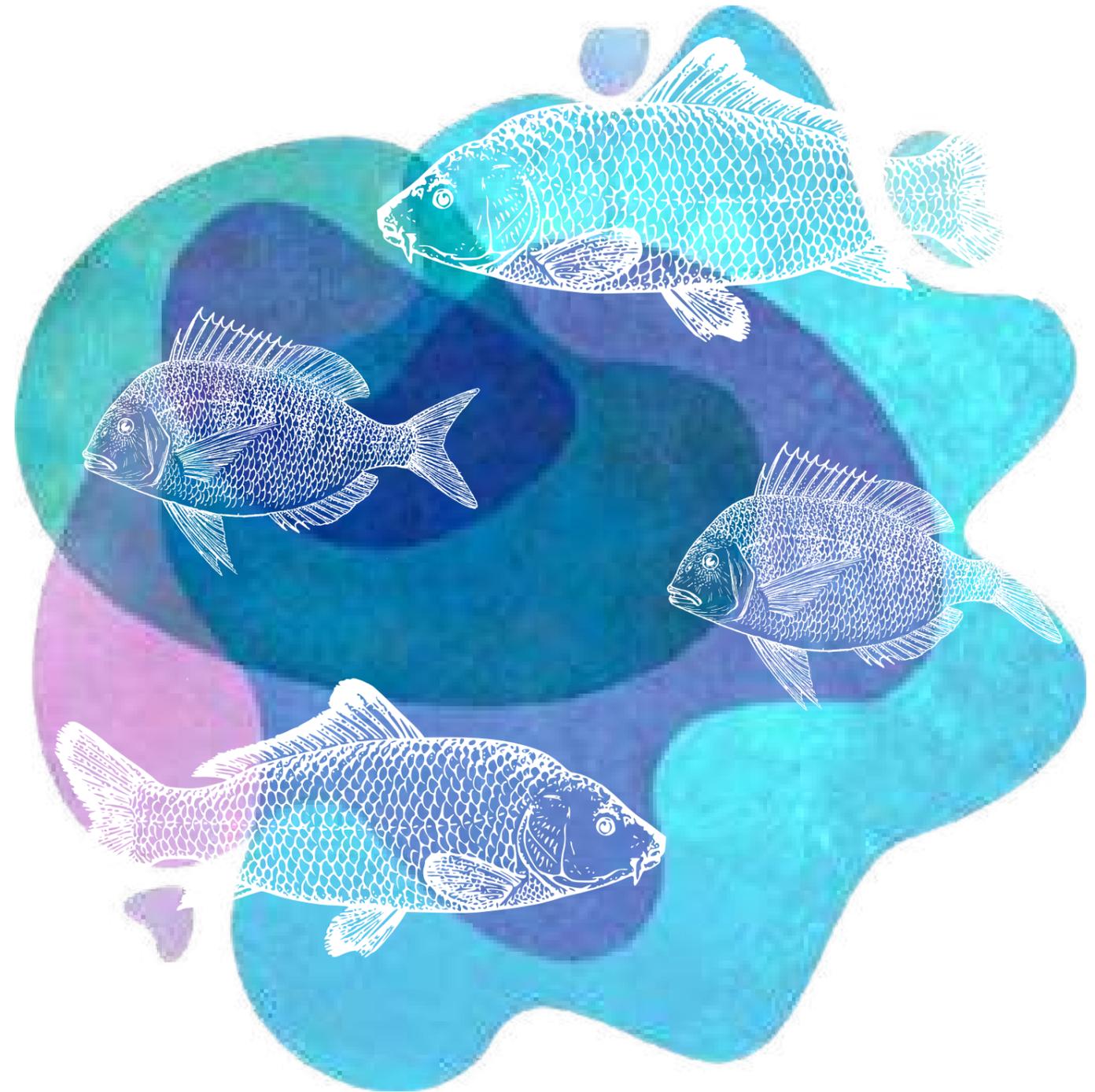
Agradecimento

Este trabalho é um resultado de todos aqueles que estiveram ao meu lado por todos esses anos do curso. Tudo que faço e dedico é pensando primeiramente na minha família, e só tenho a agradecer por toda dedicação e confiança depositada em mim. Espero um dia compensar todo estresse.

Agradecer a Deus por permitir passar por todo o caminho torto que caminhei durante o curso até chegar até aqui e principalmente por todas as minhas amizades que tive o privilegio de cultivar. Guardarei todos no meu coração, em especial as minhas amigas e amigos do meu GE, Hellen, Kerol, Livis, Junhu, Rafalea e Willy, que sem eles eu já teria largado dessa caminhada. Agradeço também a minha prima Clara que me ajudou e sem ela não seria possível este trabalho. Também dedico a meus amigos Beca, Tainã, Renato, Thales, Laís que compartilharam esse curso comigo.

Também agradeço a minha orientadora Adriana, que foi paciente e acreditou em mim nos momentos em que eu não via para onde ir.

Obrigado.



Resumo

Em 6 de Maio de 2022, no bairro do Pina, um incêndio se alastrava nas palafitas das bordas das Pontes Gov. Paulo Guerra e Antônio de Góes, escancarando as desigualdades da capital pernambucana e reforçando a situação de insegurança habitacional a qual boa parte da população recifense ainda enfrenta. Tal incêndio, ajuda a refletir sobre a situação das palafitas no Recife, enquanto forma de moradia de uma parcela da sociedade, e que está intrinsecamente ligada a forma de viver daquela comunidade, assim como ao mercado imobiliário, cada vez mais excludente e predatório, o que dificulta essa parcela mais pobre e dependente do rio a conseguirem usufruir de forma plena e segura a cidade, os forçando a viverem dessa forma insalubre.

Boa parte da Comunidade de Palafitas do Pina que sofreu com esse incêndio, ocupa essas margens do rio a muitos anos, e utilizam o rio como fonte de subsistência, constituindo uma comunidade de maioria de pescadores e marisqueiros. Portanto, a relação dos moradores com o rio possui um significado de pertencimento, sustento e principalmente vínculos afetivos criados pelos anos de ocupação nessas margens.

Contudo, após o incêndio, os restos das palafitas e o que sobrou foram limpos, e os antigos moradores tiveram que se abrigar em locais afastados de sua fonte de renda. Além disso, no local está sendo feito um projeto de orla, junto a uma torre de luxo, da construtora Moura Dubeux. Tal projeto exclui completamente os antigos moradores do local, e novamente transforma o que antes era símbolo de resistência da comunidade, no mais do mesmo que o mercado imobiliário anda fazendo, visando apenas a população mais rica e negando as frentes d'água da população ribeirinha que utiliza dos rios como forma de subsistência.

Com tudo isso em mente, o TCC tem como objetivo criar uma Habitação de Interesse Social, a nível de anteprojeto, para a antiga comunidade de Palafitas do Pina e cidadãos ribeirinhos como alternativa ao projeto de alto luxo desenvolvido pela Moura Dubeux, trazendo as frentes d'águas para aqueles que as utilizam como sustento e que são excluídos delas para interesse do mercado imobiliário.

Palavras-chaves: Habitação Social, Elemento Vazado, Mangue, Palafitas, Recife



Abstract

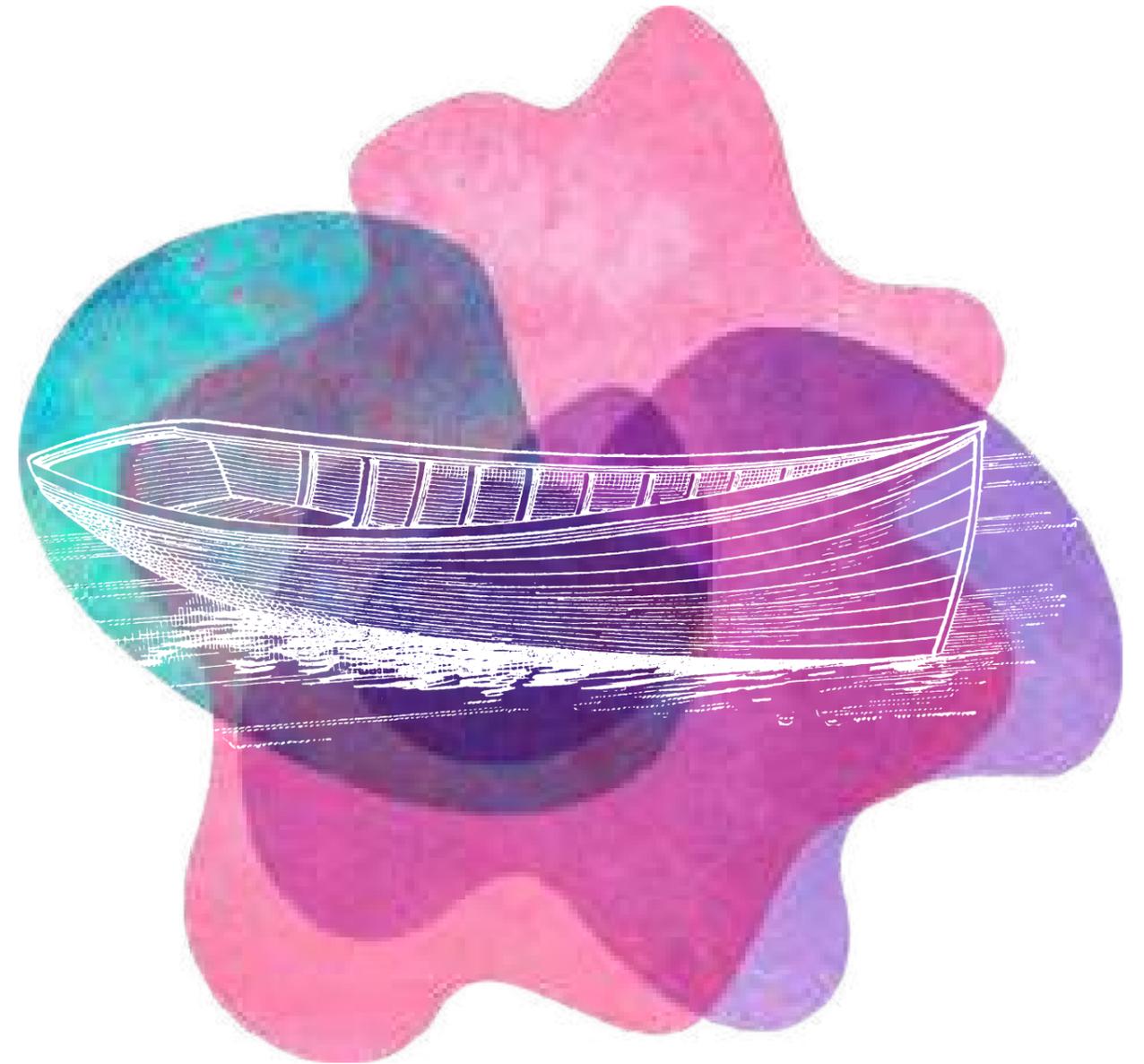
On May 6, 2022, in the Pina neighborhood, a fire spread in the stilts on the edges of the Gov. Paulo Guerra and Antônio de Góes bridges, exposing the inequalities of the capital of Pernambuco and reinforcing the situation of housing insecurity that a large part of the population from Recife still faces. This fire helps to reflect on the situation of stilt houses in Recife, as a form of housing for a portion of society, and which is intrinsically linked to the way of living in that community, such as to the real estate market, which is increasingly exclusionary and predatory, making it difficult for this poorer and river-dependent group to be able to fully and safely enjoy the city, forcing them to live in an unhealthy way.

A large part of the Pina Stilt Community, which suffered from this fire, has occupied these riversides for many years, and uses the river as a source of subsistence, constituting a community mostly made of fishermen and shellfish gatherers. Therefore, the residents' relationship with the river has a meaning of belonging, sustenance and mainly emotional bonds created through the years of occupation on these banks.

However, after the fire, the remains of the stilt houses and what was left were cleaned, and the former residents had to take shelter in places far from their source of income. Furthermore, a waterfront project is being built at the site, next to a luxury tower, by the construction company Moura Dubeux. This project completely excludes the former residents of the place, and once again transforms what was previously a symbol of community resistance into more of the same thing that the real estate market is doing, aiming only the richest population and denying the waterfronts of the riverside population who uses rivers as a form of subsistence.

With all this in mind, this work aims to create Social Interest Housing, at a preliminary project level, for the community of Pina Stilt Community and riverside citizens as an alternative apart from the high-luxury project developed by Moura Dubeux, bringing the fronts of 'waters for those who use them for sustenance and are excluded from them in the interest of the real estate market.

Keywords: Social Housing, Hollow Element, Mangrove, Stilts, Recife



Sumário

1. Introdução	7
1.1. Metodologia	8
2. Entre Pontes	10
2.1 O Beco do Sururu	10
2.2 Clube Libanês	15
2.1. Projeto da Moura Dubeux	16
3. HIS no Brasil	19
3.1. Contexto Histórico	19
3.2. Políticas Públicas acerca Habitação Social no Brasil	24
3.3. Situação Atual	25
4. Estudo de Casos	27
4.1. Héctor Viglicca e sua produção de Habitação de Interesse Social 31	27
4.2. Jardim Vicentina	30
4.3. Parque Novo Santo Amaro V	38
4.4. Conjunto Habitacional do Jardim Edite	40
4.5. Entre a Teoria e a Prática - Lições Aprendidas a partir dos Exemplos Estudados	43
5. Projeto Entre Pontes	47
5.1. Referências Projetuais	47
5.1.1 Internacionais	48
5.1.2 Nacionais	49
5.2. Condicionantes Projetuais	50
5.2.1 Análise Urbana	50

Sumário

5.3. Diretrizes Urbanas	54
5.3.1 Diretrizes Urbanas - Macro	54
5.3.2 Diretrizes Urbanas - Micro	56
5.4. Implantação	59
5.5. Conceito	61
5.6 Elementos Construtivos	66
5.6.1 Estrutura	66
5.6.2 Elemento Vazado - Tijolo	67
5.6.3 Caixa d'água	68
5.7. Projeto - Plantas	69
5.7.1 Tipo 1	70
5.7.2 Tipo 2	75
5.7.3 Tipo 3	76
5.7.4 Tipo 4	77
5.7.5 Quantidade de Pessoas	78
6. Considerações Finais	81
7. Referências Bibliográficas	83
Anexos	85

1 INTRODUÇÃO



1. Introdução

No dia 06 de Maio de 2022, Recife presenciava mais uma vez o incêndio de 50 palafitas¹, desta vez entre as Pontes que ligam o bairro do Pina ao Centro da cidade, deixando várias pessoas desabrigadas. Em meio ao caos e das cinzas do que antes era seus pertences e casa, os moradores da comunidade de palafitas, que recebia o nome de Beco do Sururu, foram mais uma das vítimas do descaso do Estado perante as péssimas condições de vida em que eles estavam submetidos.

Com um auxílio pecúnia, de parcela única, de R\$ 1.500,00 e o auxílio moradia de R\$ 300,00, muitos não conseguiram se manter perto das suas atividades econômicas no rio e mar, pois o que foi ofertado não consegue dar oportunidade a eles de morar em locais mais interessantes, pelo alto preço local. Com isso, muitos tiveram que mudar drasticamente de vida, alguns até trocaram de profissão, outros, principalmente pescadores e marisqueiros, foram para outros locais, como Brasília Teimosa, para voltar a construir palafitas e morar perto de seus sustento: o mar.

Agora, no local está sendo construído um grande empreendimento de apartamentos de alto padrão, da construtora Moura Dubeux, que começou suas atividades para o local no ano anterior à tragédia, em substituição ao antigo projeto que não saía do papel a anos e que seria um empresarial. Com isso, fica clara a falta de interesse do Estado em resolver os problemas e anseios das comunidades ribeirinhas que precisam dos corpos d'água para sua subsistência, uma vez que muito mais vale oferecer tais áreas para a especulação imobiliária do que pensar maneiras de integrar e humanizar essas comunidades nas áreas em que vivem.

Isso porque não é comum a resolução desse conflito entre comunidades ribeirinhas e a especulação imobiliária, principalmente por viverem nessas áreas de potencial paisagístico para o mercado, e quando se é “resolvido” essas pessoas não ficam mais perto de onde moravam. A exemplo disso, tem o que aconteceu com parte dos moradores de Brasília Teimosa que foram realocados em 2004 para o Habitacional localizado no bairro do Cordeiro, ignorando totalmente a relação de muitos com o mar, pois grande parte eram pescadores e marisqueiros e perderam essa subsistência ao serem colocados tão longe de onde conseguiam sobreviver.

É pensando nessa realidade excludente em que a comunidade invisibilizada e negligenciada pelo Estado, em que pouco a nada se faz para a mudança e melhora da realidade dessas pessoas, de maioria pesqueira, que o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal a de projetar um anteprojeto de uma habitação de Interesse Social para a comunidade entre pontes do Pina. Isso a fim de servir de contraponto a o que está sendo feito hoje em dia no local, em que os antigos moradores simplesmente não farão mais parte da



Imagem 01: Comunidade do Beco do Sururu antes do incêndio
Fonte: Daniel Verçosa Vale



Imagem 02: Palafitas em chamas da Comunidade do Beco do Sururu durante incêndio de 2022
Fonte: G1 2022



Imagem 03: Menina olha para o que restou das palafitas que morava pós incêndio de 2022
Fonte: Arnaldo Sete / Marco Zero 2022

1. Introdução

ocupação da área, visto a mudança de público e classe social que o projeto da Moura Dubeux foca, além de ser um exercício do que poderia ser feito em outros lugares em que há a mesma problemática.

1.1 Metodologia

O Objetivo Geral deste trabalho é o de produzir um Anteprojeto para a antiga comunidade do Beco do Sururu, entre as pontes do Pina, pós incêndio de 2022, como uma alternativa ao atual projeto da Moura Dubeux para o local. Com isso em mente, a Justificativa para tal é o de permitir, através de uma habitação de interesse social, que uma comunidade que está à margem da sociedade, e que tinha no rio sua principal forma de sustento, more próximo dessa atividade que é centenária para o rio e para aqueles que vivem dele, fugindo da normalidade da cidade formal que nega tais locais para a comunidades mais carentes.

Este trabalho tem, portanto, como Objetivos Específicos: 1) Investigar as origens das políticas e produção de habitação social no Brasil; 2) Investigar produção nacional de habitação social a fim de absorver lições daquilo que já foi produzido; 3) Projetar um conjunto inserido nas dinâmicas do cotidiano dos moradores, da cidade e do rio.

Para tais objetivos serem cumpridos, o presente trabalho foi dividido em 5 capítulos, incluindo esta Introdução, além das Considerações Finais, Referências Bibliográficas e Anexos. No capítulo 2 será abordado a localidade que é objeto de estudo deste trabalho: o Entre Pontes do Pina, estudando a própria comunidade do Beco do Sururu, além de outros elementos que compõem e interagem com eles, sendo eles o Clube Libanês brasileiro, prédio do movimento modernista recifense, e o projeto para a área da Moura Dubeux. Já no capítulo 3 será feito um apanhado histórico sobre as origens da produção de habitação de interesse social no Brasil. Após isso, no capítulo 4, será feita uma análise de casos, estudando obras do arquiteto Hector Vigliecca, o Jardim Vicentina e o Projeto Parque Novo Santo Amaro V, e também o projeto do Conjunto Habitacional de Jardim Edite, todos localizados no estado de São Paulo. Por fim, no capítulo 5, será explicado e demonstrado o anteprojeto desenvolvido para a Comunidade do Beco do Sururu.



Imagem 04: Área de intervenção
Fonte: Vinícius Sibaldo



Imagem 05: Vista Aérea do bairro Pina
Fonte: Google Earth adaptado pelo autor



ENTRE PONTES 2

2. Entre Pontes

Sendo o principal objetivo deste trabalho de conclusão Elaborar um Anteprojeto para a Antiga Comunidade de Palafitas do bairro do Pina, a localidade em que ela antigamente estava é um dos principais objetos de estudo deste trabalho, no que diz respeito tanto à própria Comunidade que habitava o local, que perdeu suas casas com o incêndio, como também tudo aquilo que a cercava. Com isso em mente, para melhor entendimento da problemática à qual esse trabalho diz respeito, a análise da história de ocupação deste local pelas Palafitas, assim como a caracterização da população que se estabeleceu lá é necessária, assim como o entendimento daquilo que cercava essa comunidade, a fim de melhor compreender as relações deles com a cidade.

Portanto, neste capítulo, foi feita a análise histórica da ocupação dessa comunidade de palafitas no local, assim como um breve resgate de como se deu a relação das suas origens com a própria história do bairro do Pina, fazendo um apanhado desde seu início até o fatídico dia do desastre em maio de 2022, que culminou na remoção forçada daquele povo que ainda resistia à beira do rio. Ademais, aborda-se sobre o Clube Libanês, registro da arquitetura modernista do início da década de 1960 de Pernambuco, uma pré-existência de importância histórica que necessita ser preservada e incluída no pensar projetual, uma vez que atualmente, no Recife, percebe-se uma falta de respeito ao legado modernista na cidade. Por fim, foi analisado o projeto da Moura Dubeux que está sendo proposto na área imediatamente ao lado de onde se encontravam as palafitas, para melhor entender como a cidade formal e o mercado imobiliário lidam com a problemática estudada.

2.1 O Beco do Sururu

Nas margens do Rio Tejipió, se encontrava uma comunidade de palafitas do Pina, conhecida também como Beco do Sururu, dentre as várias outras que ocupam a bacia do Pina, com mais de 100 famílias que residiam em suas pequenas casas e de grande insalubridade, feitas de materiais frágeis e apoiadas em ripas de madeiras que as erguiam sob o rio. Tais palafitas marcavam a paisagem de entrada ao bairro do Pina, pois estavam localizadas entre as Pontes Gov. Paulo Guerra e Antônio de Goes, que conectam o bairro do Pina ao outro lado da cidade.

O contraste das pequenas silhuetas e de clara insalubridade das palafitas entre as pontes do Pina perante as imponentes torres e empreendimentos de alto padrão que a cercavam, era um perfeito espelho da desigualdade latente da capital Pernambucana, assim como de muitas cidades brasileiras, e de como pessoas com oportunidades tão diferentes acabam ocupando e disputando por um mesmo espaço.



Imagem 06: Palafitas antes do incêndio
Fonte: Alma Preta / YouTube

2. Entre Pontes

Entretanto, diferentemente das pessoas que moram na cidade formal, das torres e empreendimentos de alto padrão, as pessoas que viviam nas palafitas à beira rio estavam inseridas em uma realidade de latente vulnerabilidade, em que muitas delas acabavam morando nessas estruturas, a partir do momento em que não viam na cidade formal a possibilidade de terem um lar, já que muitos não possuíam condições financeiras de pagar aluguéis, principalmente na área que moravam, fato importante já que muitos que ali moravam eram pescadores, marisqueiros e possuíam uma forte ligação e dependência com o rio.

É importante entender que há uma ligação histórica entre a existência dessas palafitas e como se deu o processo de ocupação do bairro do Pina, pois, por muito tempo, antes do adensamento hoje percebido, era muito mais comum casebres dispersos pelos coqueirais e nas proximidades dos cursos d'água da região nos mangues. A origem do bairro do Pina, remonta ainda da época colonial, quando aquelas terras eram usadas como fazendas, e dentre as várias pessoas que possuíam terras naquela área estava André Gomes Pina. Ele e seu irmão usavam principalmente a mão de obra de ex – escravizados, que fugiam e se instalavam naquela região do Pina. (Daniel Vale, 2023)

É possível, portanto, fazer um paralelo histórico entre aquelas pessoas que viviam da pesca e moravam de forma insalubre já naquela época, principalmente por serem ex-escravizados e não possuírem as mesmas oportunidades na vida, e os moradores do Beco do Sururu, em que muitos também dependem da pesca para sua sobrevivência e também viviam de forma insalubre nas palafitas. Tal fato pode ser visto na entrevista feita no trabalho feito por Daniel Verçoza Vale, de título “As transformações das paisagens na antiga comunidade de palafitas do Pina e no entorno do shopping RioMar”, em que a maioria dos seus entrevistados e que moravam por lá, tinham a pesca como principal fonte de renda, demonstrando que o perfil predominante e de maior força daquela comunidade ainda eram as mesmas pessoas que dependiam do rio para seu sustento:



Imagem 07: Palafitas antes do incêndio
Fonte: Alma Preta / YouTube

2. Entre Pontes

Dificuldade de acesso, porque estou morando no bairro do Cabanga e tenho que me deslocar de bicicleta entre o local de pesca e a residência. Quando eu morava aqui, não tinha esse deslocamento. A situação também piorou, porque aqui nunca faltava nada, sempre chegava doação para todos e agora está todo mundo espalhado. (entrevistado ao ser perguntado “Como você pode descrever os impactos no seu cotidiano após a retirada da comunidade do rio?”, (Daniel Vale, 2023, p.73)

Embora seja verdade que a relação entre pescador e rio tenha laços para além do econômico, todos ali viam aquele local como uma oportunidade, que a formalidade não tinha permitido a eles. Ainda no mesmo trabalho de Daniel Verçosa Vale é possível ver nas entrevistas como a saída daquelas pessoas, forçadas pelo incêndio, demonstra essa relação que os antigos moradores tinham com o local, e como viver ali, mesmo em tanta insalubridade, dava oportunidades que em outros locais não proporcionavam: “Aumento da dificuldade financeira, pois aqui na comunidade eu tinha um pequeno comércio e trabalhava na pesca, agora eu tive que mudar de profissão.” (Daniel Vale, 2023, p.73)

Neste relato da entrevista de um dos moradores quando feita a pergunta “Como você pode descrever os impactos no seu cotidiano após a retirada da comunidade do rio?”, a perda da sua moradia foi tamanha que mudou completamente a maneira que esta pessoa vivia e principalmente se relacionava com a cidade, transformando profundamente os hábitos e principalmente sua profissão.

Com tudo isso em mente, fica claro a forte relação dessa localidade com os moradores e como era importante para eles a sua permanência na área, visto a forte conexão e dependência deles com o rio e com os laços da própria comunidade. Contudo, essas necessidades foram ignoradas pelo Estado, e o estilo de vida pesqueiro, tradicional daquele bairro, e as vidas das pessoas de classe menos abastadas mais uma vez foram desmanteladas pelas chamas, e a ajuda oferecida pela prefeitura, pouco ajudou os ex moradores do Beco do Sururu a se manterem e se reerguerem da tragédia, afastando-os do seu ganha pão, por, novamente, não possuírem oportunidades de exercerem seus ofícios.

Essa falta de interesse do poder público em manter essas populações nas proximidades dos cursos d’água que tanto beneficiam suas vidas e fazem parte já de sua maneira de viver, está muito relacionada a uma cultura muito enraizada no Recife desde o início de sua ocupação:



Imagem 08: Palafitas antes do incêndio
Fonte: Alma Preta / YouTube

2. Entre Pontes

A partir do século XVIII, o declínio da economia açucareira representou um rompimento no modelo vigente de ocupação urbana. Os grandes engenhos de cana, representantes arquitetônicos e sociais do poder da burguesia recifense, passaram a ser objeto de conflito para as famílias tradicionais, muitos deles entrando em estado de arruinamento. Por outro lado, o centro urbano tornou-se o locus de interesse das novas gerações das famílias tradicionais rurais. A nova aristocracia urbana era composta pelos jovens abastados que tiveram educação em outros países, em especial na metrópole portuguesa. Eles se estabeleceram, em terras brasileiras, como comerciantes, acentuando o desprestígio da aristocracia rural e agravando o cenário de endividamento deste grupo. O que se desdobra, a partir de então, é a subdivisão das terras dos antigos engenhos, em sítios e chácaras, utilizados pela burguesia, cada vez mais urbana, como residências de veraneio. “É neste período em especial [...], que o rio Capibaribe é o lugar dos banhos apazíveis, do ponto de encontro dos que procuravam o lazer, do casario que se abria para o rio, quando os quintais eram jardins de borda, com ancoradouros e acesso às águas límpidas do Capibaribe” (Moura e Mota, 2022)

Como essas frentes d'águas são destinadas de maneira privilegiada às camadas mais abastadas da sociedade, a população mais pobre que depende do rio para sua subsistência, principalmente as comunidades tradicionais de pescadores e marisqueiros, por exemplo, acabam sendo excluídas desse recurso natural, nos meios normais, pelo mercado imobiliário. Isso se dá pela especulação nessas áreas, tendo em vista que é preferível destinar esses locais a empreendimentos de alto padrão ou outros projetos de escala urbana.

Embora isso hoje seja uma regra, por muitos anos essas áreas foram rejeitadas pela população rica. Isso possibilitou a ocupação de pessoas mais pobres nessas áreas de mangue, o que viria a gerar muitos conflitos hoje em dia, uma vez que se volta a valorizar essas áreas pelo apelo mercantil da contemplação e relaxamento, em contrapartida das paisagens conturbadas das torres da cidade, como fala o artigo “A negação das frentes d'água do Recife à ocupação popular: discutindo os casos das comunidades Arlindo Gouveia, José de Holanda e Brasília Teimosa”, de Célio Henrique Rocha Moura e Maiara Costa Moura, observado na citação a seguir:



Imagem 09: Moradores protestando por moradia digna pós incêndio
Fonte: Maria Lígia Barros / Brasil de Fato PE

2. Entre Pontes

Em muitas dessas áreas, ainda alheias à cidade formal, a ausência de infraestrutura possibilitou que o solo não se convertesse, num primeiro momento, em produto mercadológico. Aliado a esse fator, a oferta de insumos diversos para subsistência das populações foi outra razão para a atração de indivíduos. Dessarte, especialmente as áreas estuarinas, tornaram-se local de moradia, não apenas por serem as parcelas residuais na trama urbana, mas pelo seu potencial em gerar renda para os ribeirinhos. Se, durante o século XX, essas áreas foram sistematicamente rejeitadas, o alvorecer do século XXI trouxe uma inversão emblemática na condição das margens d'água como lugares de ocupação/contemplação. É com a chancela do poder público que passaram a se tornar áreas de aporte das atividades imobiliárias, quando foram contempladas com uma melhor infraestrutura a partir de recursos públicos. Em muitas dessas áreas, o efeito decorrente das investidas do setor imobiliário é a paulatina ou drástica expulsão das populações tradicionalmente assentadas, mesmo que a presença de muitas já seja reconhecida e protegida legalmente. (Moura e Mota, 2022)

Alguns exemplos disso são os casos das comunidades citadas no fragmento de artigo mencionado acima, em que as Comunidades Arlindo Gouveia e José de Holanda, foram despejadas de suas casas, graças ao programa da prefeitura Recife Sem Palafitas, e realocadas em um Conjunto Habitacional no bairro da Torre, longe das ligações que os moradores tinham com o rio Capibaribe, demonstrando mais uma vez o descaso para com a forma de vida dessas pessoas.

Com isso em mente, fica clara a falta de interesse de manter essas populações perto desses cursos d'água, e que desastres como o que ocorreram com a comunidade de palafitas do Beco do Sururu só beneficiam o mercado imobiliário formal, já que facilita a especulação e exploração imobiliária na região agir mais livremente. Além disso, o prejuízo de muitos, com os irrisórios auxílios ofertados pela prefeitura, não são o suficiente para que essa comunidade possa voltar às suas atividades de forma plena, demonstrando mais uma vez a invisibilidade desse estilo de vida, e falta de empatia em como eles irão sobreviver depois do desastre.

Por fim, a partir desses registros das desigualdades sociais e falta de oportunidades vivenciadas por essas comunidades, que este trabalho tem como objetivo criar um projeto que integre essas pessoas a cidade formal, trazendo conforto e salubridade para suas moradias, e também mantendo o máximo possível sua conexão com seu sustento. A partir desse objetivo, a ideia é que este projeto venha a substituir o empreendimento de luxo que está sendo construído ao lado de onde se encontravam as palafitas, como uma forma de estudar

2. Entre Pontes

alternativas a essas trocas drásticas de classes sociais no local, que negam esses espaços para as classes mais pobres.

2.2 Clube Libanês Brasileiro

O Clube Libanês Brasileiro (Imagem 11), com projeto da década de 1960 e de autoria do arquiteto Dilson Neves Mota, é um dos registros da produção modernista recifense da época. Sua concepção se inspirou no Palácio dos Soviets (Imagem 10), projeto de Le Corbusier datado de 1930, trazendo dois arcos atirantados, que ajudam a estrutura a vencer maiores vãos, característica também usada no projeto de 1935 da Escola Rural Alberto Torres (Imagem 12) em Recife do arquiteto Luiz Nunes. (Vieira, Marques e Oliveira, 2012).

O uso de Clube Libanês Brasileiro estava em alta na produção arquitetônica modernista das décadas de 1930 e 1960, principalmente no cenário latino-americano, em que os novos grupos urbanos ansiavam por locais onde pudessem se reunir e socializar com seus iguais. Isso pode ser observado, já que boa parte dos clubes daquela época, podiam ter bastantes restrições para que pudesse fazer parte deles, além de ser um uso bastante elitista e de classes com melhores condições financeiras da sociedade. (Vieira, Marques e Oliveira, 2012).

Com isso em mente, o Clube Líbano Brasileiro do Recife, de acordo com o que é encontrado em descrições nas propagandas da Moura Dubeux, construtora responsável pelo restauro dele atualmente, junto com projeto habitacional que será melhor abordado no próximo tópico, tinha como principal objetivo ser um local em que pessoas, principalmente as de origens árabes, pudessem se reunir e socializar.

Contudo, mesmo com essa importância histórica pela sua herança do modernismo recifense, o prédio passou por diversos usos e alterações, sendo inclusive usado, nos dias atuais, como um restaurante, uso este que fez grandes modificações, incluindo um anexo na fachada frontal. Esse anexo, de estilo contemporâneo, destoa e descaracteriza a fachada modernista, que era marcante pela inclinação destacada de sua fachada, além das janelas em fitas e dos pilares em V, que foram totalmente desconsiderados e absorvidos pela nova roupagem dada ao prédio histórico.

Tal restaurante, o Bargaço, será futuramente removido do Clube Libanês Brasileiro e, segundo o jornal local JC, irá mudar de localidade, ato que faz parte do acordo com a Moura Dubeux, para a construção do novo projeto habitacional no terreno do Clube. O restaurante, portanto, irá para o rooftop do empreendimento do Novohotel Recife Marco Zero.



Imagem 10: Proposta de Le Corbusier para o Palácio dos Soviets
Fonte: Coisas da Arquitetura Wordpress



Imagem 11: Vão Livre da área de trás do Clube do Libanes Brasileiro
Fonte: Vitruvius



Imagem 12: Escola Rural Alberto Torres
Fonte: Eduardo Aguiar / Vitruvius

2. Entre Pontes

Por fim, com sua importância histórica para o acervo construído do patrimônio modernista recifense, faz-se necessário seu restauro, bem como a atribuição de um reuso, compatível e respeitosa para com suas feições originais. Pensando nisso, o Clube foi incorporado na concepção do anteprojeto deste trabalho de conclusão de curso, mas como não se trata do foco principal do projeto, será tratado a nível de diretriz projetual.

2.3 Projeto para a área

Ao observar os projetos que se tinha para a área do Beco do Sururu, percebe-se uma falta no que tange às necessidades daquela comunidade, uma vez que, há anos, os projetos pensados para o local são voltados para um público alvo de maior poder aquisitivo, seguindo a lógica de ocupação do próprio bairro e das proximidades, com a valorização da vizinhança pela proximidade com o shopping RioMar e a sua respectiva torre empresarial.

Hoje em dia, o terreno do Clube Libanês Brasileiro, ao lado de onde ficavam as antigas palafitas, está dando espaço a um novo empreendimento de luxo, o Condomínio Libanês. Esse projeto, da construtora Moura Dubeux, já está em fase de construção, e se trata de um habitacional, com flats de um quarto, voltados principalmente para o público jovem de classe mais alta, elitizada.

Antes desse projeto, o local já possuía um outro para a construção de um edifício empresarial, também voltado para a classe de maiores condições financeiras. Contudo, neste projeto mais antigo, estava previsto a demolição completa do Clube Libanês Brasileiro, sendo, portanto um projeto mais radical; contudo, algo em comum que os projetos tinham em entre si, além do público alvo, era que ambos ignoravam a existência da comunidade de palafitas do Beco do Sururu. (Vieira, Marques e Oliveira, 2012)

Tendo em vista essa realidade excludente, que nega a frente d'água aos moradores do Beco do Sururu, os tradicionais ocupantes desta franja do rio, e a falta de projetos que pensem e resolvam as necessidades e relação das pessoas da comunidade de palafitas com o rio, este trabalho de conclusão de curso foi pensado para trazer uma alternativa a esses projetos elitistas, e que não levam em consideração essa parcela da população, sempre prevalecendo a especulação imobiliária e os interesses do mercado imobiliário.



Imagem 13: Construção de Pontes para o Pina e o Clube Libanês ao fundo
Fonte: Fundaj, 1966 apud. Daniel Viçosa, 2023

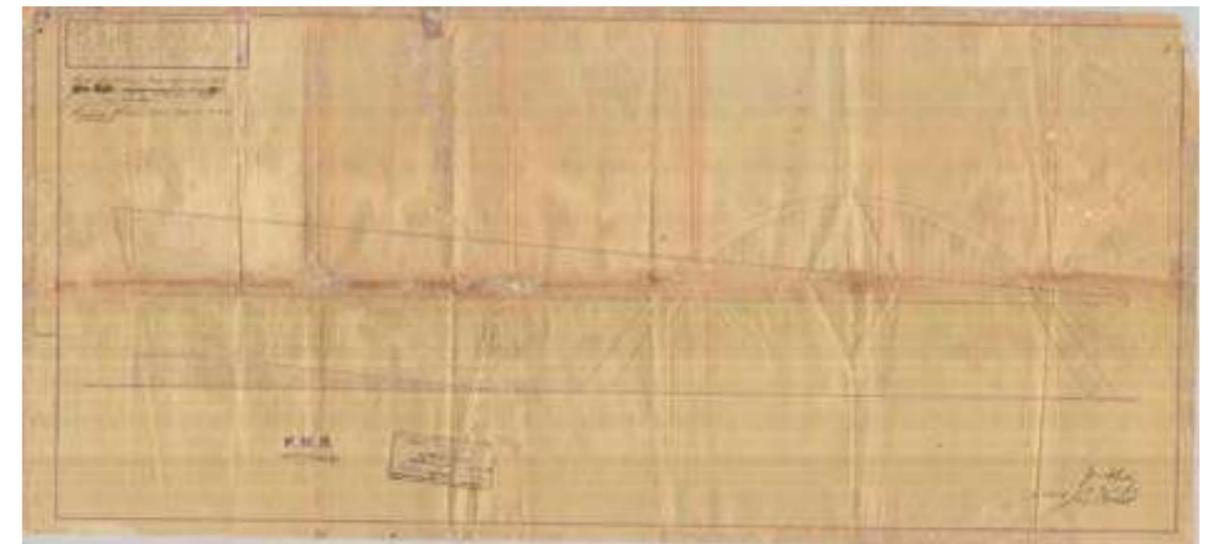


Imagem 14: Prancha Original do projeto da década de 60 digitalizada pela DIRCON - SUL
Fonte: DIRCON - SUL

2. Entre Pontes



Imagem 14: Render do projeto da Moura Dubeux mostrando a intervenção que será feita no Clube Libanês
Fonte: Moura Dubeux



Imagem 16: Fotomontagem demonstrando o projeto urbanístico feito onde antes ficavam as palafitas
Fonte: Moura Dubeux



Imagem 15: Render em que percebe-se já a ausência das palafitas
Fonte: Moura Dubeux



Imagem 17: Rooftop do prédio
Fonte: Moura Dubeux

3 THIS NO BRASIL



3.HIS no Brasil

Para um bom entendimento do tema de habitação de interesse social (HIS) no Brasil, é importante que se conheça o contexto histórico dele, observando desde suas origens, até sob que circunstâncias legais e projetuais devem ser consideradas para esse tipo de projeto, inclusive nos dias atuais.

Neste capítulo, portanto, será abordada a conjuntura social e econômica que iniciaram as primeiras discussões sobre habitação de interesse social no Brasil, enfocando desde a época da abolição da escravatura no século XIX, o aumento populacional urbano, até os dias atuais, com a persistente desigualdade social que alavanca os problemas de habitação no solo brasileiro. Além disso, será discutido como foram os primeiros projetos de habitação de interesse social brasileiros e as principais políticas públicas que instigaram e financiaram este tipo de projeto, desde a Era Vargas (1930 a 1945) até os dias atuais, com o advento do programa de habitação de interesse social, Minha Casa Minha Vida.

Por fim, será discutido como este tipo de projeto é estruturado no cenário nacional e, em contrapartida, como está sendo feito internacionalmente, a fim de compreender em quais pontos podem ser melhorados, mas, principalmente, quais lições podem ser apreendidas para o projeto deste trabalho.

3.1 Contexto Histórico

Desde o período colonizador, o Brasil foi organizado a partir de um desenvolvimento um tanto mais distinto em relação a outros países, de modo que o processo de urbanização brasileira só se torna amadurecido, atingindo as características atuais de urbanização, apenas no século XX (Santos, 2009, p.21).

As transformações provenientes da formação econômica-social, ligadas ao sistema capitalista, adquirida pelo país, são resultado do crescimento das “camadas populares urbanas” (Villaça, 2001, p.226). A alteração das moradias, também está atrelada ao interesse da burguesia, nas questões de higiene e moralização das classes hipossuficientes da época, bem como pela construção e forte presença populacional nos cortiços.

Embora seja uma realidade atual, o problema de déficit habitacional e, por consequente, de insalubridade em razão da moradia, na vida de uma parcela grande da população, é um problema histórico, e está intrinsecamente relacionado com a forma como foi organizada a urbanização do nosso país. Isso porque as necessidades da população urbana não acompanharam a oferta de moradia do mercado imobiliário, resultando no abrigo, por grande

3.HIS no Brasil

parte da população, em locais poucos favoráveis, deixando muitas pessoas em situação de vulnerabilidade, em casas precárias.

O processo de urbanização das cidades brasileiras teve início principalmente no final do século XIX, e foi alavancado em meados do século XX; neste período, acontecimentos como a abolição da escravatura e a Revolução Industrial foram cruciais para o aumento da população urbana (Rubin e Bolfe, 2014). Tal processo de urbanização no Brasil, foi marcado pela forte desigualdade, com o surgimento de novas camadas sociais com menos condições financeiras, e que também enfrentavam a inserção dentro de um país fortemente ligado aos valores de uma sociedade escravocrata, sendo muitas vezes marginalizados e excluídos da cidade central. (Oliveira, 2012)

O processo supracitado ocorreu, principalmente, pelo crescimento da industrialização, aliado à falta de uma reforma agrária que melhor distribísse terras ao povo, após o fim da escravidão, pois a população de baixa renda das zonas rurais foi atraída para os centros urbanos, na esperança de melhores condições de vida, emprego e conseqüentemente moradia. Com isso, as cidades do final do século XIX começaram a apresentar um aumento populacional que não acompanhou a oferta por moradia, e, principalmente, a falta de moradia a preço acessível para as classes mais baixas, levando muitas pessoas a se subjugarem em casas mais precárias, com um aluguel mais acessível, como os infames cortiços. Tal tipo de solução para a moradia mudava de cidade para cidade, assim como as diferentes maneiras que foi dada a urbanização nos centros urbanos daquele século (Rubin e Bolfe, 2014).

Os cortiços, moradias multifamiliares e de condições insalubres, muito observados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, que já se caracterizavam como os grandes centros urbanos daquela época, possuíam diversas formas e tamanhos.

No ano de 1880, um grande cortiço surgiu na cidade do Rio de Janeiro, conhecido por “Cabeça de Porco”, e tornou-se famoso na região portuária do Rio de Janeiro por sua resistência, só sendo demolido no ano de 1893.

A estética desse cortiço em particular, consistia em uma cabeça de porco feita em ferro, e exposta nos portões frontais da entrada do que fora a residência habitacional de, aproximadamente, duas mil pessoas.



Imagem 18: Cortiço Cabeça de Porco
Fonte: Museu do Amanhã

3.HIS no Brasil

Conforme supramencionado, tais estruturas marcavam a paisagem como aglomerados de residências multifamiliares, onde muitas pessoas viviam em espaços pequenos para muita gente, com pouco ou nenhum saneamento básico, sendo predominantemente casas de pessoas pobres e racializadas. Essas características fizeram com que muitos cortiços fossem focos de doenças, que estavam se disseminando muito facilmente na época, como a gripe espanhola, febre amarela, entre outras que tinham como vetores os ratos e outras pragas urbanas, oriundos de uma higiene difícil e precarizada.

Com os casos de doenças observadas nesses locais, a elite brasileira e a mídia da época, reforçavam ainda mais a visão estereotipada, não somente dos cortiços, mas da classe mais pobre como um todo, atribuindo a responsabilidade do caos observado nas grandes cidades por conta da disseminação dessas doenças. Para eles, esses locais em que a camada mais hipossuficiente vivia era a representação dessa vida suja, insalubre, longe dos princípios cristãos, e principalmente dos princípios moralistas da época, e por isso precisavam ser contidos e destruídos.

As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio. Por um lado, o próprio perigo social representado pelos pobres aparecia no imaginário político brasileiro de fins do século XIX através da metáfora da doença contagiosa: as classes perigosas continuaram a se reproduzir enquanto as crianças pobres permanecessem expostas aos vícios de seus pais. [...] Por outro lado, os pobres passaram a representar perigo de contágio no sentido literal mesmo. Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação, ou como economistas em tempo de inflação: analisavam a "realidade", faziam seus diagnósticos, prescreviam a cura, e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que só a sua receita poderia salvar o paciente. E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos (Chalhoub, 2006, p. 29).

3.HIS no Brasil

Contudo, é importante salientar que, mesmo nessas situações mais precárias, as pessoas viam nos cortiços pois assim, tinham ao menos uma chance de morar no centro, e conseqüentemente com mais oportunidades de trabalho, e menos tempo gasto no trânsito, se encaixando na nova lógica industrial da época, fazendo com que suportassem a falta de privacidade, higiene e conforto, típicos dos cortiços da época (Kowarick, 2013). Inclusive, isso é uma realidade percebida até os dias de hoje, em que muitas pessoas se veem forçadas a morarem em locais mais precários e suscetíveis a desastres naturais e doenças, para poderem morar perto de seus sustentos, ou mais perto de oportunidades de trabalho.

Tal situação é observada no caso aqui estudado, da antiga Comunidade de Palafitas do Pina, majoritariamente composta por pescadores, que viam na localidade ribeirinha parte intrínseca da forma de viver deles, pela proximidade com o rio, e como tiravam o sustento dele, mesmo que isso signifique morar em palafitas insalubres. Isso mostra como essa situação e essa relação entre moradia e sustento é valiosa para a sociedade, tanto antigamente como até os dias de hoje, principalmente para aqueles que dependem do governo para se locomover de forma fácil pela cidade, ficando à mercê do transporte público.

É inclusive esse transporte público, que nos séculos XIX e XX, influenciou na logística de se ter os trabalhadores perto dos centros urbanos, pois os bondes e transportes da época não tinham um alcance tão favorável dos trabalhadores para as fábricas e empregos no centro da cidade, tendo este cenário melhorado somente com a disseminação maior do ônibus como transporte público, mais hodiernamente. Isso também ajudava no crescimento no número dos cortiços, nos centros das cidades, que viraram facilmente a principal forma de morar para quem não detinha tanta renda, e conseqüentemente não possuía dinheiro para ter uma casa unifamiliar formal e dentro dos padrões ditos aceitáveis para a época. (Kowarick, 2013).

Todos esses problemas que cercavam a moradia multifamiliar das classes mais pobres da época, aliado ao fato de ocuparem locais de interesses para as classes dominantes no centro da cidade, intensificaram os conflitos entre essa população mais pobre e as classes mais ricas, que viam nessas habitações, empecilhos para os seus próprios interesses e ideias de civilidade. Todavia, esses conflitos surgiram, dentre outros fatores, da conivência estatal perante às péssimas condições de moradia nessas áreas, que só começaram a ser tratadas devido aos interesses da classe mais abastada da sociedade, e ignorando a preexistência e necessidades das classes mais baixas, como ilustra Chalhoub, no trecho a seguir:

3.HIS no Brasil

Pelas sugestões do fiscal de Santa Rita, não há que duvidar de suas palavras ao afirmar que sua intenção era melhorar as condições de vida nos cortiços existentes, fazendo com que "esses lugares" deixassem de ser "focos de enfermidades". "A pobreza que ali se asila", obtendo assim mais proteção e comodidade, "conservará sua saúde". Nenhuma das sugestões mencionadas, porém, foi acolhida pela Câmara Municipal, que se contentou em adotar apenas o item nove do documento do fiscal: "Não será permitida a construção de novos cortiços sem licença da Câmara, e nessas construções serão guardadas todas as condições higiênicas e não serão habitáveis sem aprovação da Junta de Higiene Pública" (Chalhoub, 2006, p. 32).

Tais transformações são observadas nas reformas higienistas urbanas realizadas no fim do século XIX e início do século XX, que visavam higienizar e modernizar à moda europeia as cidades brasileiras, tornando-as mais atraente para o investimento estrangeiro, pois alinhava a imagem do Brasil com o que se esperava de uma cidade civilizada (Rubin e Bolfe, 2014). Essas reformas de cunho higienista expulsaram a população mais pobre dos centros das cidades e dos locais de interesse para a classe dominante, já que não se tinha uma construção em massa para suprir essa necessidade por habitação para as pessoas mais pobres, forçando-as a ocupar zonas periféricas e de risco para habitação, como morros e alagadiços, por exemplo, resultando na formação de grandes assentamentos irregulares com moradias precárias.

Foi justamente por conta dessas reformas higienistas que o poder público começa a discutir alternativas de "habitações higiênicas" para a classe mais pobre, e os primeiros habitacionais para classe mais pobre começam a ser discutidos no cenário nacional. Isso aliado à mentalidade do movimento modernista que começa a chegar no país, introduzidas principalmente por meio da Semana de Arte Moderna de 22, influencia a produção desses habitacionais nas próximas décadas no país, caracterizados por muita racionalidade e funcionalidade, próprias do movimento modernista (Rubin e Bolfe, 2014).

Entretanto, a interferência estatal não era tão grande nos séculos XIX e início do XX na construção de habitação para a classe mais pobre da sociedade, tendo esse cenário mudado mais intensamente a partir da Era Vargas, e com a criação de políticas públicas específicas, que começaram a enxergar essa grande necessidade por moradias, geradas pelo déficit habitacional.

3.HIS no Brasil

3.2 Políticas Públicas

No fim da República Velha e no início da Era Vargas, a industrialização intensifica-se no país, e as moradias operárias começam a ser vistas como boas soluções para o problema dos cortiços e casebres, visto que serviriam tanto como solução da insalubridade como também passariam a servir para a indústria. Com o governo populista de Vargas, essas obras foram feitas principalmente como manobra política para agradar a camada operária e trabalhadora em geral, servindo ao populismo e começando, portanto, uma nova perspectiva de intervenção estatal em habitação no país.

É importante destacar que essa intervenção estatal na questão habitacional do país, objetivava regularizar a crise de moradia que acabou por atingir igualmente a classe média da época, bem como tornar acessível a aquisição da casa própria.

Nas palavras de Bonduki (2004),

[...] o objetivo dos governos desenvolvimentistas era estimular a criação de uma solução habitacional de baixo custo na periferia, visto ser ela conveniente para o modelo de capitalismo que se implantou no país a partir de 1930, por manter baixos os custos de reprodução da força de trabalho e viabilizar o investimento na industrialização do país. (Bonduki, 2004, p.12).

Ou seja, as populações mais carentes eram diretamente colocadas em locais periféricos, em consequência do processo histórico do Brasil, que não vislumbrou as reais necessidades habitacionais de sua população.

No ano de 1931, foi discutida a necessidade de diminuição dos custos de moradias, a fim de facilitar e garantir o acesso da população mais hipossuficiente às terras. Foram desenvolvidos, então, nessa mesma época, os Institutos de Aposentadoria e Pensão, os IAPs, que possuíam como principal função fornecer assistência médica e benefícios previdenciários, mas que foram os primeiros órgãos públicos a dar assistência habitacional no Brasil, financiando, não somente casas, como obras de dimensão pública. Com grande influência dos conceitos modernistas, as obras daquela época tiveram um forte caráter de padronização, industrialização e pré-fabricação como solução para os problemas da cidade operária.

Após os IAPs, outro grande momento para as habitações sociais foi o surgimento do BNH (Banco Nacional de Habitação) em 1964, na época da Ditadura Militar. Sendo um dos maiores programas de habitação do mundo, financiou inúmeros projetos de conjuntos habitacionais,

3.HIS no Brasil

que influenciam a construção de habitação de interesse social até os dias de hoje, como podemos ver nas obras analisadas no decorrer deste trabalho.

3.3 Situação Atual

Após a extinção do BNH e conseqüentemente do financiamento no ramo da habitação, os programas de interesse social novamente deixam de ter relevância na construção civil do país. Isso agrava-se substancialmente na presidência de Fernando Collor (1990 a 1992), uma vez que programas como o Plano de Ação Imediata para a Habitação (PAIH) novamente colocam a iniciativa privada como principal propagador de habitação, afastando novamente o Estado do seu papel constitucional de promover moradias dignas, de cunho social, para aqueles que mais necessitam.

O cenário da habitação social volta a ser encarado de forma mais intensa no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, com a criação do Ministério das Cidades, retornam-se as políticas para o problema da habitação no país de forma institucionalizada. Foi em 2009 que um dos principais programas de assistência social, voltada para pessoas de baixa renda, seria criado e voltaria a construir em grande escala habitações de interesse social: o Programa Habitacional Minha Casa, Minha Vida.

Contudo, como apontado no artigo “O Desenvolvimento da Habitação Social no Brasil”, de Graziela Rossatto Rubin e Sandra Ana Bolfe, a produção de habitacionais começa a se afastar da qualidade observada no início das produções de Habitação Social e começam a focar muito mais na quantidade, o que foi e é bastante prejudicial para as pessoas de classe mais baixa que estava sendo destinadas essas habitações pois acabavam sendo prejudicadas por isso, precisando, portanto, que seja feito um a melhor análise das reais necessidades dos moradores dessas habitações para melhor inseri-los nas novas realidades em que estão sendo colocados sem prejudicar suas vidas e relações.



ESTUDO DE CASOS 4

4. Estudo de Casos

Após entender a situação precária que se vivia a população da Antiga Comunidade de Palafitas do Pina, e como o poder público desconsiderou suas necessidades, assim como negou essa frente d'água para essa população, foi feita uma pesquisa sobre a produção de bons projetos de habitação de interesse social, a fim de melhor contribuir com o projeto para essa comunidade, conhecendo bons caminhos para o projeto arquitetônico, como também entender qual seria a melhor forma para o seu financiamento, além de visitar projetos diversos pelo mundo, para absorver soluções arquitetônicas que se apliquem no caso estudado.

Com isso em mente, neste capítulo, será estudado brevemente a obra de Héctor Vigliecca, um dos principais arquitetos no cenário nacional quando o assunto é habitação de interesse social, se debruçando em alguns casos famosos de autoria dele, como o do Jardim Vicentina, e o Residencial Parque Novo Santo Amaro V. Além desses exemplos, também será estudado o projeto do Conjunto Habitacional do Jardim Edite, que está localizado em uma das áreas mais valorizadas do país, na capital paulista, do escritório MMBB em conjunto com o escritório Hereñú & Ferroni Arquitetos.

Por fim, será analisado o que se pôde adquirir de aprendizado desses casos, a fim de aplicar esse conhecimento no projeto de habitação social elaborado para a Antiga Comunidade de Palafitas do Pina neste trabalho estudado. Para isso, será feito uma análise crítica, apoiado por meio de textos acadêmicos sobre esses conjuntos a fim de melhor entender a realidade pós construção deles.

4.1 Héctor Vigliecca e sua produção de HIS

A produção arquitetônica de Héctor Vigliecca possui um diferencial muito importante no que diz respeito a sua sensibilidade às preexistências da cidade em volta do projeto. Tal percepção fugia um pouco do que se estava acostumado a produzir no país por fatores históricos, que marcaram o fazer arquitetônico brasileiro, muito influenciado pelas práticas e teorias modernistas, marcadas pela alta industrialização e racionalidade dos espaços criados, o que já estava sendo contestado no cenário internacional pós Segunda Guerra Mundial. Tal postura está intrinsecamente ligada à sua formação e experiências durante a vida profissional, que marcaram seu modo de fazer projeto, e principalmente, o ajudaram a produzir uma arquitetura de qualidade, especialmente quando se trata de Habitação de Interesse Social, que se destacam pela notoriedade de seus projetos. (Minghini, 2019)

Héctor Ernesto Vigliecca Gani, uruguaio nascido em Montevideu, se formou na Universidad de la Republica (Udelar), nos anos de 1960, período que já se observava o pós-moderno estando nas discussões europeias e nos estados unidos, e que chegava nos jovens uruguaio por meio

4. Estudo de Casos

de revistas internacionais e pela produção de países vizinhos como a Argentina, que possuía forte influência do que se fazia na Europa. (Minghini, 2019)

Vigliecca em seus estudos universitários, desenvolveu junto a seu grupo de estudos, denominado "Núcleo Sol", um viés metodológico, balizado em uma perspectiva mais humanista da arquitetura, onde os conceitos que sedimentavam a construção das cidades objetivavam se distanciar dos feitos do modernismo, se aproximando, por conseguinte, do indivíduo enquanto destinatário final dos espaços habitacionais, em outras palavras, as cidades seriam pensadas para as pessoas e por causas destas. Portanto, o grupo acadêmico tinha por objetivo fazer pesquisas em oposição ao que era aplicado na Carta de Atena, se aproximando desse debate pós-modernista, com ideias que se aproximavam do Team X, grupo que organizou o 10º CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), importante para a disseminação desse pensamento, que ia de encontro ao modernismo, e começou a enxergar a cidade e as necessidades humanas de maneira mais decisiva para o projeto. (Minghini, 2019)

Outra forte influência que ele teve na época de sua formação foi a produção arquitetônica na Argentina, que também estava mais alinhada com o que estava sendo feito na Europa, como o Vigliecca mesmo disse: "Nós líamos a Europa através da arquitetura produzida na Argentina.". Tinham alguns arquitetos argentinos que inspiraram Vigliecca, como Justo Souzana, arquiteto de projetos como o habitacional La Rioja, em Buenos Aires, que possui, inclusive, proximidade estética com um dos seus primeiros grandes projetos, o Complexo Habitacional Bulevar Artigas, ambos com aparente inspirações no brutalismo inglês e seu uso de estrutura exposta e paredes de vedação de tijolos. (Entrevista Vitruvius, 2019)

Tal projeto surgiu como uma oportunidade após sua chegada de viagem de estudos pela Europa, onde ele passou por países como Itália, Alemanha e Espanha, dentre outros, quando formou um escritório com colegas da mesma geração de arquitetos, o Estúdio Reconquista, tendo inclusive alguns colegas do antigo clube de estudo que participava, o Núcleo Sol. Esse projeto de Habitação de Interesse Social foi encomendado pelo CCU (Centro Cooperativista Uruguaio), uma Associação Civil sem fins lucrativos, criada na década 1960 que atuava fazendo ações, que visavam à melhoria de vida das camadas mais carentes através da melhoria comunitária, com um grupo de cristãos que o fundou, e que contava com uma equipe multidisciplinar de diversas profissões, entre elas arquitetos e engenheiros, que faziam projetos de habitações sociais entre suas atividades (Minghini, 2019).



Imagem 19: Conjunto Rioja do arquiteto argentino Justo Souzana
Fonte: Alejandro Goldemberg / Moderna Buenos Aires



Imagem 20: Conjunto Habitacional Bulevar Artigas
Fonte: Vigliecca e Associados

4. Estudo de Casos

O Complexo Habitacional Bulevar Artigas, foi de suma importância no cenário de habitações sociais no Uruguai na época, fato que se dá principalmente pela alta densidade alcançada, com cerca de 332 unidades habitacionais, com aproximadamente 630 habitantes por hectare, e também pelo caráter urbano que o projeto alcançou a partir de sua disposição no terreno, em que as torres se dispunham, de forma que criou-se um centro de atividades urbanas no meio do terreno, além de possuir espaços que permitiam equipamentos e comércios estarem no local. Tudo isso já demonstrava essa sensibilidade de Vigliecca com o urbano, e como seu projeto começa a ser pensado dentro de uma cidade, de um contexto, a fim de que aquele espaço seja enriquecido a partir dessa nova obra construída. (Minghini, 2019)

Contudo, um ano após sua chegada de viagem, em 1973, o Uruguai sofre um golpe de Estado e passa a ser um regime ditatorial militar, o que iria levar a perseguição e prisão de Vigliecca, graças à relação da mãe de sua namorada da época, com a oposição do governo do período. Com isso, após sua libertação e por conta dos acontecimentos na cadeia, ele foge e se muda para o Brasil, indo até São Paulo tentar a vida por lá. (Minghini, 2019)

A partir daí, o jovem arquiteto começa sua vida profissional no Brasil, que desde de cedo é marcada por seu envolvimento em muitos concursos, participando antes e depois da criação de seu escritório em 1996, que funciona até os dias de hoje, o Vigliecca e Associados. Aqui o escritório foi responsável por muitos projetos de grande importância, como o Anexo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, o Parque Olímpico de Deodoro, em 2016 para as Olimpíadas no Rio de Janeiro, a Arena Castelão, em Fortaleza, para a Copa de 2014, além de ter participado de diversos concursos, como o da Biblioteca Nacional do México, Museu Nacional do Egito, e casos famosos como o do SESC Nova Iguaçu, também fazendo parte da extensa lista de trabalhos do escritório muitos projetos urbanos. (Minghini, 2019)

Entretanto, por mais diversos em programa e tamanhos que sejam os projetos de Vigliecca, seus projetos de conjuntos habitacionais possuem um peso muito grande na produção de habitação de interesse social no Brasil. Por isso, foram separados três exemplos para estudo, analisando nos próximos tópicos as suas soluções arquitetônicas, e como o projeto impactou a cidade e os moradores, sendo eles o Jardim Vicentina e o Parque Novo Santo Amaro V.

4. Estudo de Casos

4.2 Jardim Vicentina

A escolha desse habitacional foi feita pelas características das habitações e localidade delas no espaço antes da intervenção de Vigliecca, pois era uma comunidade que tinha muitas casas que estavam à beira de córrego, colocando em risco a vida dos moradores. Esse fato se assemelha muito a situação de vulnerabilidade em que a Comunidade de Palafitas do Pina morava, o que torna preciosa as lições que esse projeto proporcionou. Além disso, o arquiteto teve uma preocupação com os materiais do projeto, no intuito de melhor se adequar à realidade da comunidade, para não ficarem dependentes de manutenção constante, além de ter possibilitado uma continuidade da paisagem muito forte, graças ao uso de materiais que se observam ao redor e também, aumentando a integração entre o projeto e a cidade que o cerca.

Ficha Técnica	
Local	Osasco, São Paulo
Período	2008–2010
Autoria	Vigliecca e Associados
Área de Intervenção	94.618 m ²
Unidades Habitacionais	272 unidades
Tipologias	3
Densidade Habitacional	345 hab/ha



Imagem 21: Crianças brincando na quadra do Conjunto Habitacional Vicentina
Fonte: Vigliecca e Associados

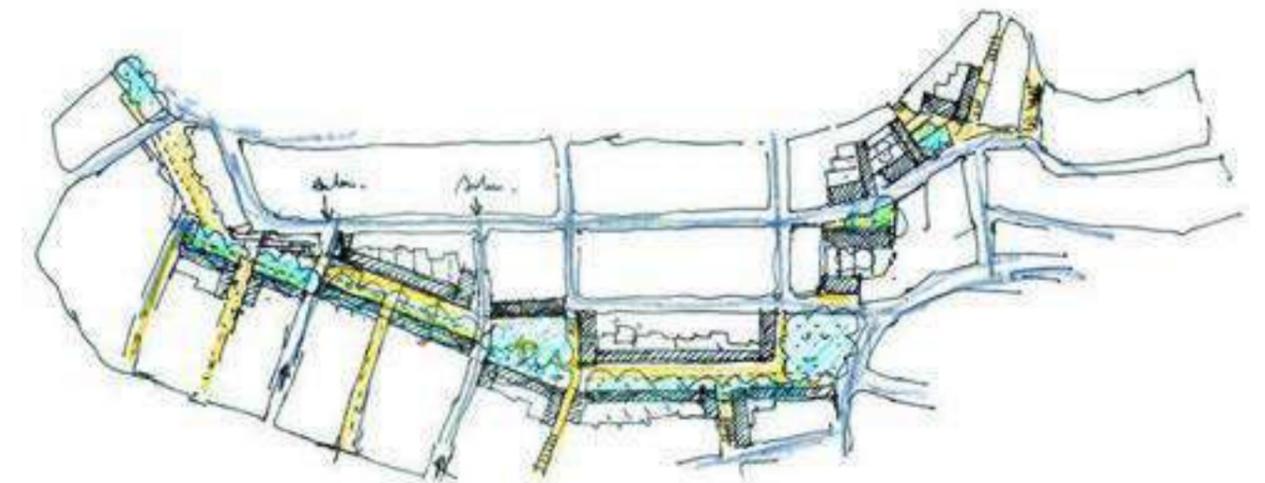


Imagem 22: Croqui do Projeto
Fonte: Vigliecca e Associados

4. Estudo de Casos

Localizado em Osasco, São Paulo, na periferia de Jardim Vicentina, o espaço antes da implementação do projeto de urbanização e do conjunto habitacional, já possuía uma ocupação por parte dos moradores, de forma mais espontânea. Ela acontecia por meio de casas de alvenaria mais consolidadas até casas de madeiras ou outros materiais menos seguros para vedação, com casos de casas térreas e até de dois a três pavimentos.

A grande questão, além das péssimas condições de moradia pelas construções espontâneas das casas do local, era a vulnerabilidade ambiental, que mais de 60% das pessoas que viviam nessas habitações dessa área de intervenção, se encontravam. Isso acontecia pela localidade delas em beira de córrego, colocando a vida dessas pessoas em risco, pois estavam suscetíveis a intempéries naturais, como chuvas, inundações, cheias do corpo d'água, além de contaminação pela pouca infraestrutura sanitária do local, os deixando a mercê de doenças diversas. (Vigliecca & Associados, s.d.)

Com isso, Vigliecca e equipe tomam como diretriz principal a retirada dessas casas em situação de vulnerabilidade para a construção do habitacional, e a canalização do córrego que passa pelo terreno. Para isso, eles criaram três tipos diferentes de plantas baixas, que se distribuem pelos diferentes prédios no terreno. Na parte mais baixa do terreno pode-se observar dois tipos de prédios e dois tipos de plantas (Plantas baixas 3 e 1) que percorrem o córrego canalizado, e mais distante, na parte do terreno mais acidentada, com desnível mais acentuado, mas que leva em conta essa dinâmica do terreno com escadarias, que conectam as partes mais altas das mais baixas, três tipos de prédios e duas plantas (Plantas baixas 1 e 2).

Por sua implantação mais espalhada, que se conecta com várias faces da vizinhança, e por ter a criação de espaços comunitários, embora poucos, que geram usabilidade não somente para os moradores, mas também para a comunidade ao redor, o projeto consegue impactar a cidade que o cerca, demonstrando a sensibilidade e olhar para as necessidades da cidade como um todo, não somente para aquele projeto em específico, conectando ele a dinâmica local. Isso é observado na quadra de esportes que se encontra no meio dos prédios de tipologia 3, e nas bordas das quadras que contém recantos para que as pessoas se apropriem do lugar.

Foram identificadas um total de 6 tipologias de prédios diferentes, dentre os quais possuíam as três plantas baixas tipo projetadas para o projeto, cada uma delas possuindo dois dormitórios, um banheiro, uma cozinha e uma área de serviço. Contudo, foi identificado dentre essas três, uma tipologia de prédio diferente das outras apresentadas pela equipe em seu site, que deve seguir os mesmos princípios e plantas das outras pela análise das aberturas de sua fachada,



Imagem 23: Situação da comunidade pré projeto
Fonte: Archdaily



Imagem 24: Situação da comunidade pré projeto
Fonte: Archdaily

4. Estudo de Casos

mas não foi possível a confirmação disso. Segue a seguir uma análise dessas tipologias por meio de plantas baixas e esquemas.

a) Tipologia das Plantas

Com três tipos diferentes de plantas para o projeto, Vigliecca e equipe conseguiram dar uma certa diversidade de forma nos prédios do complexo, compondo a partir dessas diferentes tipologias de plantas. É observado que a tipologia 1 é a mais comum do complexo, a 2 sendo usada principalmente em fim de quadra e na parte com os desníveis acentuados na parte mais distante do conjunto, e a 3, que é uma mistura da 1 com um anexo novo, é encontrada apenas nos prédios próximos ao córrego.

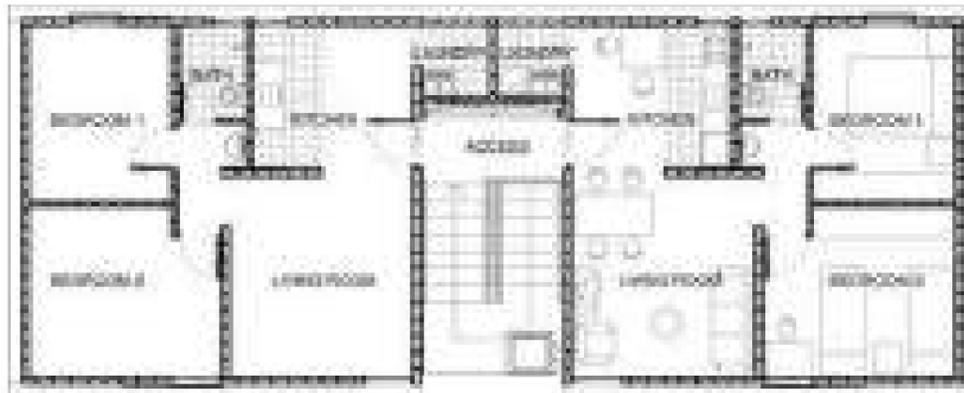


Imagem 25: Tipo 01
Fonte: Vigliecca e Associados



Imagem 26: Tipo 02
Fonte: Vigliecca e Associados



Imagem 27: Tipo 03
Fonte: Vigliecca e Associados

4. Estudo de Casos



Imagem 28: Variação do Tipo 02
Fonte: Vigliecca e Associados



Imagem 29: Variação do Tipo 02
Fonte: Vigliecca e Associados



Imagem 30: Vista interna do Tipo 02
Fonte: Vigliecca e Associados



Imagem 31: Vista interna do Tipo 02
Fonte: Vigliecca e Associados

4. Estudo de Casos

b) Vista aérea do Conjunto Jardim Vicentina - Tipologias dos Prédios

A partir da imagem aérea do projeto, pode-se identificar as 6 tipologias de prédios dele, com a tipologia de prédio em tons rosados com o Tipo 1 de planta, os de tons amarelos e laranjas com o Tipo 2, e os roxos com o Tipo 3. O prédio em cinza foi o que não foi possível identificar o tipo de planta para catalogá-lo, além de estar diferente do que se mostra no projeto exposto pela equipe em seu site.



Imagem 32: Vista Aérea do Conjunto Jardim Vicentina
Fonte: Google Earth adaptado pelo autor

c) Implantação e Áreas Públicas

Embora esta Implantação que a equipe disponibilizou em seu site aparenta estar desatualizada em relação ao que de fato foi construído, as mudanças foram mínimas, como por exemplo uma rotação do prédio mais a norte da implantação, e dá para se ter uma boa ideia da extensão do projeto, além de ver as principais ruas e conexões com o entorno, além de melhor entender por onde passa o córrego canalizado, destacado pela seta tracejada em azul, entre os prédios de tipologia 1 e 3. Outrossim, deve-se destacar as áreas comunitárias que o projeto tentou trazer, tanto com a quadra esportiva, como na pequena área de convivência na borda da quadra, identificadas pelas áreas em verde do mapa (Figura 34).



- Tipo 01 com 3 Pav.
- Tipo 02 com 3 Pav.
- Tipo 01 até 4 Pav.
- Tipo 01 com 5 Pav.
- Tipo 02 com + de 3 Pav.
- Indefinido com 5 Pav.

Imagem 33: Tipologias dos prédios do Conjunto Jardim Vicentina
Fonte: Google Earth adaptado pelo autor



- Tipo 01 com 3 Pav.
- Tipo 02 com 3 Pav.
- Tipo 01 até 4 Pav.
- ←→ Córrego canalizado
- Tipo 01 com 5 Pav.
- Tipo 02 com + de 3 Pav.
- Indefinido com 5 Pav.
- Limite do Conjunto
- Áreas Públicas

Imagem 34: Implantação do Conjunto Jardim Vicentina
Fonte: Vigliecca e Associados adaptado pelo autor

4. Estudo de Casos



Imagem 35: Área Pública
Fonte: Viglieca e Associados



Imagem 37: Área Pública
Fonte: Google Earth 2022



Imagem 36: Pequena quadra esportiva
Fonte: Viglieca e Associados



Imagem 38: Pequena quadra esportiva
Fonte: Google Earth 2022

4. Estudo de Casos

d) Análise das Plantas - Programa e Fluxograma

Quando se analisa o programa das três plantas do projeto se tem o mesmo com 2 quartos (em rosa), 1 cozinha (laranja), 1 área de serviço (amarelo), 1 banheiro (azul), 1 sala de estar (verde), e as circulações (roxo) que variam conforme a tipologia. Percebe-se que houve um esforço de colocar aberturas em todos os ambientes da casa, menos nos banheiros, pois o único que possui abertura para o exterior da edificação é o do tipo 1, os demais ficam com aberturas voltadas para a área de serviço. Outro ponto a ser observado, é a diminuição de circulação na planta de tipo 1, o que pode ser visto como algo bom, mas que no próximo ponto de análise, o de fluxograma, percebe-se que não foi tão benéfico para o ambiente.

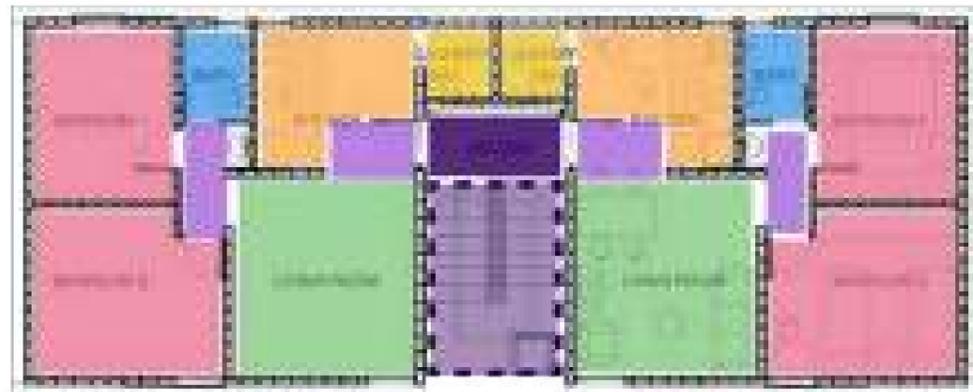


Imagem 39: Programa do Tipo 01
Fonte: Viglieca e Associados adaptado pelo autor

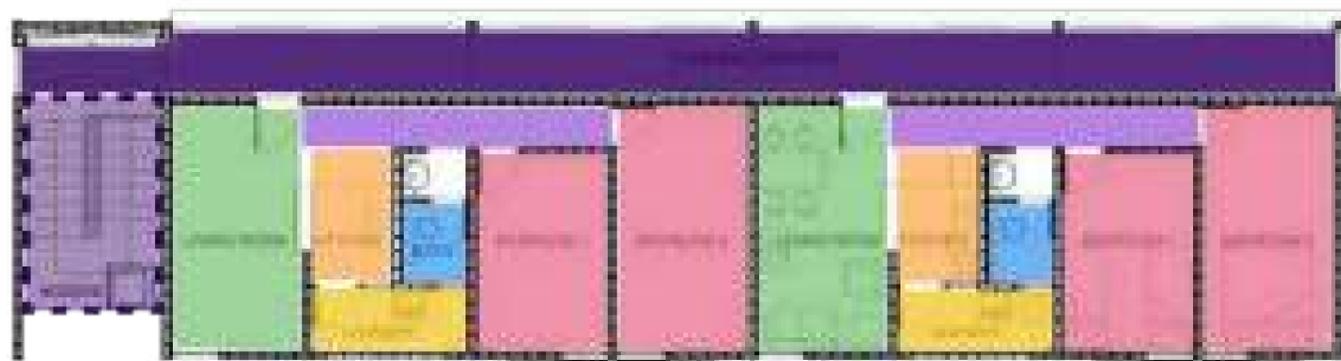


Imagem 40: Programa do Tipo 02
Fonte: Viglieca e Associados adaptado pelo autor



Imagem 41: Programa do Tipo 03
Fonte: Viglieca e Associados adaptado pelo autor

4. Estudo de Casos

Já com o fluxograma pode-se observar uma melhor situação nas plantas baixas mais alongadas retangulares (tipologias 1 e 3), pois percebe-se que com a circulação centralizada se permite uma melhor distribuição dos fluxos, e assim, os ambientes podem ser usufruídos de maneira mais direta, algo que na planta baixa de forma mais quadrada (tipologia 1), pelo layout apresentado, demonstra uma certa dificuldade ao se locomover pelos espaços. Isso demonstra que possivelmente a planta da tipologia 1 não está tão bem resolvida, e que pode gerar dificuldades para o morador conseguir se movimentar livremente em sua casa, sem que prejudique a circulação nela.

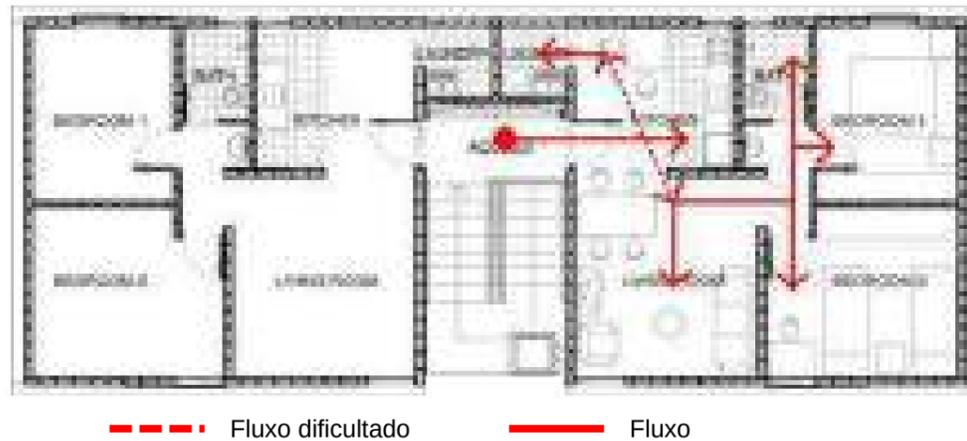


Imagem 42: Fluxograma do Tipo 01
Fonte: Viglieca e Associados adaptado pelo autor



Imagem 43: Fluxograma do Tipo 02
Fonte: Viglieca e Associados adaptado pelo autor



Imagem 44: Fluxograma do Tipo 03
Fonte: Viglieca e Associados adaptado pelo autor

4. Estudo de Casos

4.3 Parque Novo Santo Amaro V

Já o projeto Parque Novo Santo Amaro V, foi escolhido por ter sido pensado a partir das pré-existências, tanto naturais quanto construídas, tendo como um dos grandes objetivos a conexão e diálogo dos espaços privados, do habitacional, com os públicos. Embora, assim como no exemplo anterior, também se observa uma preocupação em relação às condições nas quais as habitações se encontravam, já que se tratava de uma área de risco, com possibilidades de enchentes pelas cheias do corpo d'água, e também por desmoronamentos dos morros vizinhos, aproximando a situação deles a dos moradores das palafitas da antiga comunidade do Pina, desta feita, o que se destaca neste habitacional, é esse esforço de diálogo com a cidade que a circunda, através do próprio projeto.

Ficha Técnica	
Local	São Paulo, São Paulo
Período	2009–2012
Autoria	Vigliecca e Associados
Área de Intervenção	5,39 ha
Unidades Habitacionais	201 unidades
Tipologias	11
Densidade Habitacional	405 hab/ha



Imagem 45: Croqui da Passarela Elevada
Fonte: Vigliecca e Associados



Imagem 46: Vista Aérea do projeto
Fonte: Vigliecca e Associados

4. Estudo de Casos

Na Zona Sul da capital paulista, o local que hoje dá lugar ao conjunto habitacional do Parque Novo Santo Amaro V, teve sua ocupação iniciada no século XVII, próximo a uma aldeia indígena, com a mineração nos arredores do local, e se intensificou na década de 1950, quando houve uma migração muito grande para São Paulo, período esse que se caracterizou por uma ocupação mais espontânea, e com habitações pouco salubres perto do rio.

A área é caracterizada por estar numa zona baixa entre morros, com a presença desse córrego que recebia o esgotamento de águas pluviais da região, contudo, com pouca drenagem, tornando perigoso para as casas ao redor em dias de muita chuva. Além disso, como as áreas de morro foram ocupadas, assim como as de margem do rio, toda a vegetação mais representativa para o local, assim como o equilíbrio natural, foi quase completamente perdida, facilitando, por exemplo, desabamentos do morro, acontecimento, inclusive que acontece até os dias atuais, mesmo depois do projeto concluído (Meghni, 2019).

Já na questão das preexistências construídas, o local possuía alguns pontos de grande importância para a comunidade local, como o clube de futebol, que marcava a paisagem e o cotidiano da vizinhança como um todo, e uma escola estadual, sendo mantidos e incorporados no processo de criação do projeto.

Com tudo isso em mente, Vigliecca e equipe queriam que a habitação não somente se enquadrasse ao conceito de casa, mas que o conjunto servisse à cidade como um todo, um completando as necessidades que cada um tinha, sendo elas melhoradas pelo projeto, servindo, portanto, como um projeto de cidade, não somente de habitação de interesse social (Meghni, 2019). Portanto, é criado um parque linear para recuperar o verde perdido, que percorre as extremidades do conjunto, valorizando assim a natureza de outrora, e permitindo que condôminos, e todos da cidade, usufruam desses novos espaços de lazer criados no parque, incluindo a antiga quadra de futebol, que foi requalificada com o projeto.

Para isso, o parque linear conta com pista de skate, áreas de lazer e espelhos d'água, que evocam as águas de outrora, que passavam pelo córrego local, agora canalizado. Isso tudo era acessado pelas extremidades do projeto, por meio de escadarias, que ligavam as áreas altas do morro com o fundo do vale, além de passagens no térreos dos blocos, por meio de um pavimento de pilotis, aumentando a permeabilidade do projeto e criando áreas de espaços semi-públicos.

Quando se observa a implantação do projeto, essas áreas de uso público e condominial ficam na parte posterior aos edifícios, enquanto eles ficam majoritariamente com suas faces principais voltadas para as ruas que circundam a área de intervenção, sendo um deles



Imagem 47: Situação pré projeto da comunidade
Fonte: Vigliecca e Associados

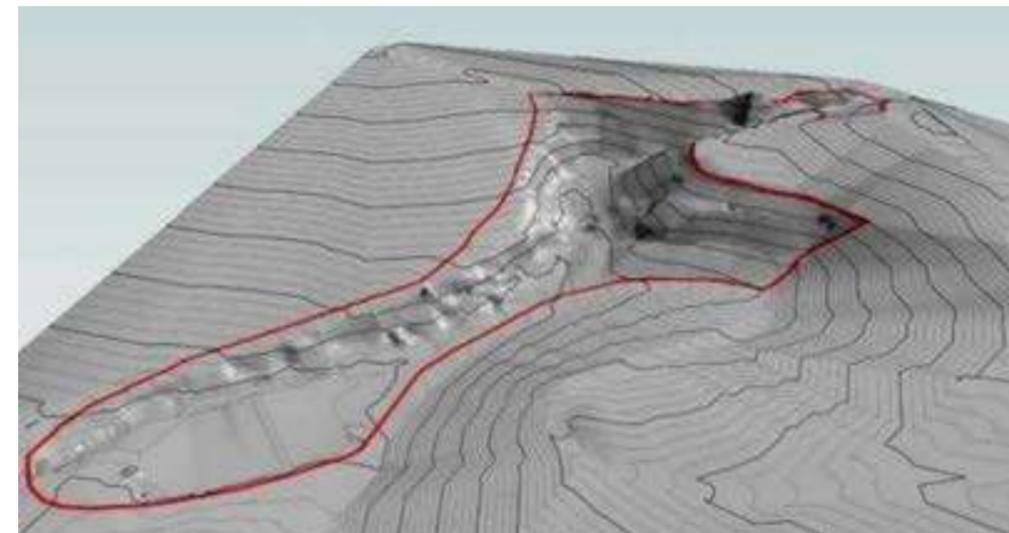


Imagem 48: Topografia do terreno e arredores
Fonte: Conectividade UFSC

4. Estudo de Casos

posicionado de forma transversal ao terreno. Esses prédios são divididos por blocos, que por sua vez são ocupados por diferentes tipologias de plantas tipos, totalizando um total de 11 tipologias diferentes com tamanhos variados, variando entre as metragens de 52,5m² à 76,5m², com tipos de 2 a 3 quartos e até mesmo apartamentos duplex.

Entendemos moradia como sinônimo de cidade. E entendemos que a produção de habitação em grande escala constitui a parte básica na produção da cidade. Projetos de arquitetura coletiva devem gerar setores visíveis e compreensíveis que organizem a escala enfrentando a cidade real e rejeitando formalismos heroicos. Acreditamos que a reprodução da habitação deve valorizar a variedade e a identidade, alcançadas através de um relacionamento de respeito à geografia e de solidariedade ao existente' (Viglicca, Hector, e associados, memorial).

Com isso, o projeto se diferencia dentre muitas produções de habitação de interesse social no cenário nacional, a partir do momento em que marca a paisagem, ao mesmo tempo que tenta resolver problemas da própria cidade, inserindo o complexo habitacional de maneira que seu caráter urbano sirva de dentro pra fora, ou seja, atendendo as demandas dos habitantes, e concomitantemente, inclui os cidadãos de forma geral, em que os espaços criados possam suprir a vizinhança como um todo.

4.4 Conjunto Habitacional do Jardim Edite

A escolha deste último projeto de habitação de interesse social para análise se deu principalmente pela sua localização, visto que o Conjunto Habitacional do Jardim Edite, localizado na favela que leva o mesmo nome, está inserido em uma realidade um pouco semelhante a que se encontrava a Antiga Comunidade de Palafitas do Pina. Isso se dá pelo fato de que o Conjunto do Jardim Edite, e a favela a qual ele pertence, tem proximidade com uma das áreas mais valorizadas de São Paulo, com um forte polo comercial, que são as Av. Jornalista Roberto Marinho, antigamente com o nome de Água Espraiada, e Av. Engenheiro Luis Carlos Berrini, que desde a década de 1980 até 2001 sofreu um intenso processo de aumento na valorização dessa região. (Coradin, 2014). Tal fato configura um paralelo com a situação encontrada no Pina, com a localização das palafitas antes do incêndio, já que estavam em um local de alta valorização, pela proximidade de polos comerciais e empresariais como o do shopping Rio Mar.

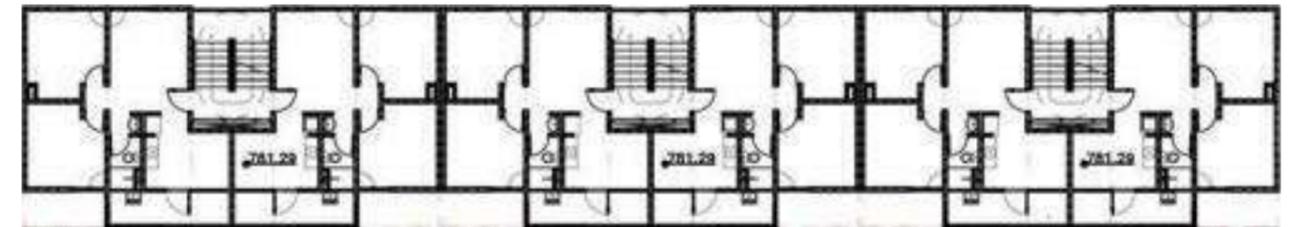


Imagem 49: Planta Baixa com 2 quartos
Fonte: Archdaily

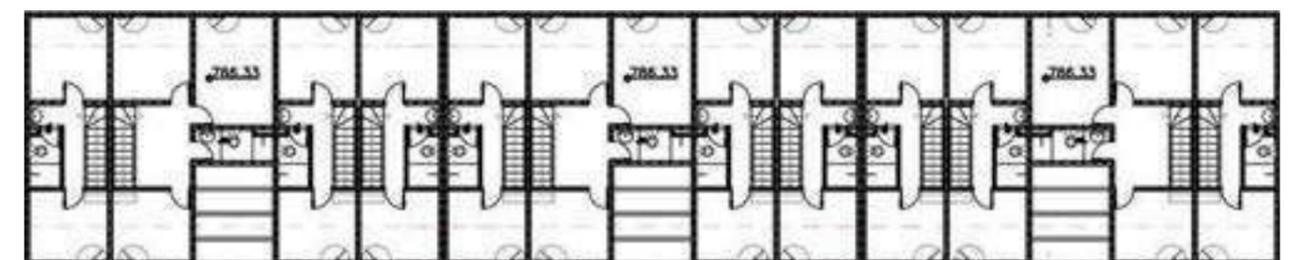
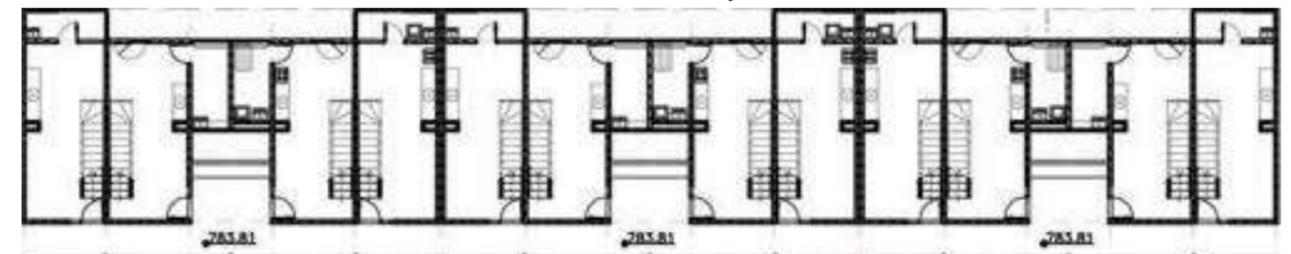


Imagem 50: Planta Baixa do tipo duplex
Fonte: Archdaily

4. Estudo de Casos

Ficha Técnica	
Local	São Paulo, São Paulo
Período	2008–2013
Autoria	Escritório MMBB + Hereñú & Ferroni Arquitetos
Área de Intervenção	19.000 m ²
Unidades Habitacionais	252 unidades
Tipologias	4
Densidade Habitacional	477 hab/ha

Quando se analisa a história de ocupação da Favela Jardim Edite observa-se que ela acontece desde a década de 1970, antes da desapropriação das terras da favela para a construção da Av. Água Espraiada, com a ocupação na época sendo feita por residências em terras com pouca interferência humana, ainda pouco caracterizada pela alta densidade que toma conta da localidade a partir do momento que a favela Jardim Edite cresce. (Ventura, 2020)

Contudo, a área começa a despertar interesses de grupos de empresários, visto sua proximidade com o eixo em constante crescimento, que era a Marginal do Rio Pinheiros, valorizando os terrenos da Berrini, tendo um aumento dos preços para construções de usos comerciais de 57,7% na década de 1990, em comparação ao aumento de 24,3% e 13,1% na Paulista e na Faria Lima respectivamente (Fix, 2001 apud Coradin, 2014).



Imagem 51: Vista Aérea do Conjunto Habitacional Jardim Edite
Fonte: Archdaily



Imagem 52: Creche situada dentro do complexo arquitetônico do conjunto habitacional Jardim Edite
Fonte: Archdaily

4. Estudo de Casos

A partir do interesse desses empresários, a área começa a ser palco de muitas obras que visavam atender às demandas dessa classe comercial, principalmente no que diz respeito ao sistema viário para conectar com essa nova área. Entretanto, esses projetos visavam principalmente os interesses empresariais, ignorando a população que já residia nos locais de intervenção, como os da favela de Jardim Edite. Isso é observado nos projetos que se tinha para essa nova área, como o da Av. Água Espraiada, hoje Avenida Jornalista Roberto Marinho, que chegou a ser executada, além de projetos de aeroportos especializados para helicópteros onde se encontrava a favela de Jardim Edite.

A Av. da Água Espraiada demorou para ser concluída, ficando boa parte do final do século passado até os anos 2000 com obras paradas, o que possibilitou muitas pessoas que não tinham melhores condições financeiras a ocuparem as áreas da construção, aumentando a formação de moradias insalubres na região. Entretanto, como o interesse pela área era grande, voltou a se observar despejos e remoções de pessoas de suas casas, tudo isso a fim de continuar as obras que iriam servir ao mercado, aumentando o conflito entre os moradores e os empresários, chegando a um ápice em 2008, quando após uma manifestação organizada por moradores da favela, uma limiar jurídica paralisou as remoções por parte dos empresários, e após muita luta, as duas partes chegaram em um acordo de se construir em parte dos terrenos das construções na área habitações para suprir as necessidades das pessoas que estavam ficando sem moradia por conta dessas obras.

Com isso, surge na esquina das Av. Água Espraiada (atual Jornalista Roberto Marinho) e Av. Engenheiro Luis Carlos Berrini o Conjunto Habitacional Jardim Edite, iniciado em 2008 e finalizado em 2013, que em conjunto a outras obras de São Paulo da mesma época, busca integrar a habitação de interesse social a cidade, a exemplo do próprio Conjunto Habitacional Parque Novo Santo Amaro V, anteriormente analisado neste trabalho.

O Conjunto Habitacional Jardim Edite conta com usos diversos dentro de seus limites, com uma UBS, uma Creche e uma Cozinha-escola, todos esses equipamentos sendo pensados para melhor suprir as necessidades dos moradores da habitação como também da vizinhança da favela que é carente de bons equipamentos e locais de profissionalização.

Com 252 unidades habitacionais, o Conjunto possui 4 tipologias de planta baixa para as unidades habitacionais, distribuídas em 5 prédios, em que 3 são mais verticalizados, com 17 pavimentos, contando com o térreo, e 2 mais horizontais, com 5 pavimentos, também contando com o térreo. Já os equipamentos são localizados no térreo do conjunto, em que a cozinha escola fica na mesma quadra que a UBS, na quadra mais a Oeste, e a creche na quadra mais a Leste, junto com uma unidade do prédio de tipologia mais verticalizada e outra de tipologia mais horizontal.



Imagem 53: Conjunto Jardim Edite
Fonte: Archdaily

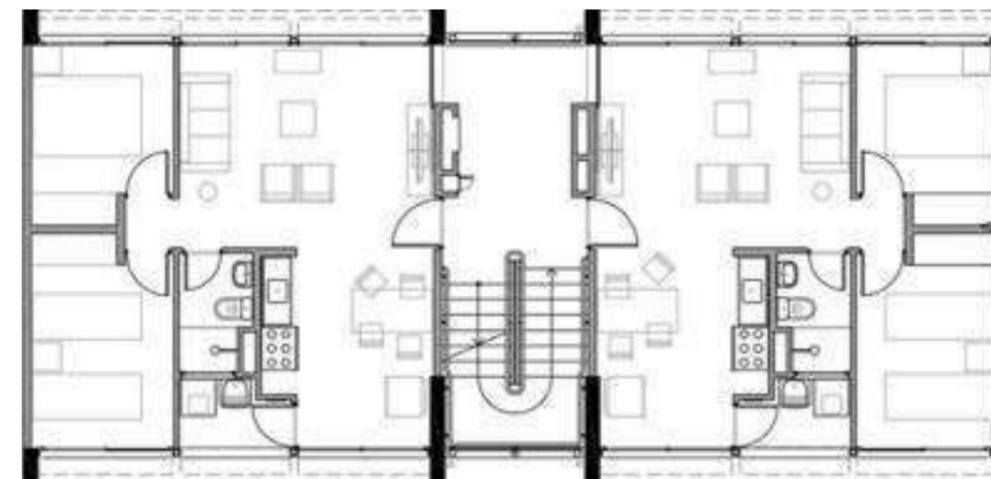


Imagem 54: Planta do tipo com 2 quartos
Fonte: Archdaily

4. Estudo de Casos

Embora tenha 4 tipologias para as unidades habitacionais, o programa de cada é basicamente o mesmo, possuindo 2 quartos, 1 banheiro, 1 cozinha, 1 sala de estar e 1 área de serviço, com tamanhos que variam a aproximadamente 45m² e 60m², sendo este último referente ao duplex, contando os dois pavimentos do apartamento. Tais tipologias são distribuídas pelos diferentes tipos de prédios do conjunto, sendo os duplex e o tipo 3, maior entre as tipologias de planta não duplex, nas lâminas mais horizontais, e o tipo 1 e 2, menores em área, nas torres mais altas.

4.5 Entre a Teoria e Prática – Lições Aprendidas a partir dos Exemplos Estudados

É inegável a importância que a construção desses habitacionais tiveram para a melhoria de vida dos moradores dos projetos analisados neste capítulo. Contudo, é importante salientar que mesmo eles serem bons exemplos de arquitetura de qualidade para a construção de Habitação de Interesse Social no Brasil, vale ressaltar que nem tudo termina perfeito, normalmente, e que certas decisões projetuais podem acarretar em alguns impasses e contradições ao próprio projeto que foi feito.

Quando os projetos estudados de Vigliecca são observados sob essa perspectiva, percebe-se que nos dois casos há uma preocupação no que tange a inserção deles na cidade, tentando, cada em uma sua devida proporção, inserir o habitacional as demandas urbanas também, sendo o esforço de Parque Novo Santo Amaro V mais visível e marcante no projeto. Isso porque os espaços criados no Jardim Vicentina não são tão expressivos, já que se resumem apenas a uma quadra de pequeno porte, para uso esportivo do habitacional e entorno, bem como pequenos espaços urbanos de apropriação e descanso com arborização e bancos no local.

Isso faz com que todo o pensamento de Vigliecca sobre o dever das habitações Sociais dentro da cidade, em servir para a resolução de problemas sociais e de espaços de qualidade para o entorno, não fosse tão bem explorado neste projeto. Além disso, um pequeno detalhe que pode ser observado também, foi a falta de arborização na construção final, ponto que estava no projeto de Vigliecca, mas que não é observado atualmente nas ruas do conjunto, o que contribui com o aumento de temperatura da área, causando desconforto ambiental aos moradores do local.



Imagem 54: Plantas do tipo duplex
Fonte: Archdaily

4. Estudo de Casos

Já no que tange o esforço observado no Parque Novo Santo Amaro V, tanto a escala do projeto como o que ocorreu para a apropriação pública e dos condôminos, tem muito mais espaços construídos para o entorno que o outro projeto analisado. Além disso, a concepção levou em conta as pré-existências do local, o que também ajuda a conectar a comunidade ao projeto. Contudo, foi nessa busca por criar espaços flexíveis, no que diz respeito à condição do que é privado e do que é público, com espaços muitas vezes tendo funções mistas, que o projeto falhou um pouco ao não entender o que realmente o seu público alvo almejava para o projeto.

Na tese de doutorado de Catharina Christina Teixeira pela Universidade de São Paulo, intitulado “As ZEIS 1 e a condição periférica de aglomerado de ZEIS do Parque Novo Santo Amaro em São Paulo”, de 2018, traz muito bem essa situação, em que esses espaços ditos públicos, foram incorporados pelos moradores do condomínio, e a escala da cidade do projeto foi perdida de certa forma por isso. Como ela mesmo diz em sua tese:

A característica deste projeto promoveu algumas lacunas na questão da propriedade e do seu uso, que aliada à falta de ação do poder público no assentamento das famílias ao conjunto, causou um conflito com a apropriação indevida de áreas públicas e comuns. Dois pontos são palco deste conflito no Parque Novo Santo Amaro V: a “rua de pedestre”, área privativa com permissão de uso público e o Parque que é uma área pública de uso público. (Teixeira, 2018)

Muitas das entradas para as áreas que foram projetadas para serem públicas como o parque linear e as áreas de espelhos d'água foram fechadas. Isso se deu principalmente pela falta de segurança que os condôminos sentiam com as áreas abertas que davam acesso inclusive às entradas das suas residências.

Já ao analisar o Conjunto Jardim Edite, um dos seus maiores problemas é causado mais por características externas ao projeto, do que propriamente ele em si, embora, claro, pudesse ter sido antecipado algo na época em que ele estava sendo feito. De fato, ao colocar em seu programa uma UBS que serve a vizinhança e uma Creche - que sempre se encontra tendo filas para serem feitas as matrículas dos alunos - o Conjunto Jardim Edite trás para a comunidade benefícios muito grandes, servindo como um bom exemplo para os esforços de trazer uma urbanidade para o projeto, ao tentar resolver problemas da vizinhança com seu projeto.

Contudo, por estar localizado em uma das áreas mais valorizadas de São Paulo, foi observado que alguns moradores tinham que se deslocar para outros bairros mais baratos para comprar comida, por exemplo, como foi relatado numa entrevista feita na dissertação de



Imagem 55: Fechamentos de espaços públicos pelos moradores e descaso com o parque
Fonte: Catharina Christina Teixeira, 2018



Imagem 56: Fechamento do parque
Fonte: Google Earth

4. Estudo de Casos

mestrado pela Universidade de São Paulo de Renata Cardoso Coradin, de título de “Habitar Social: a produção na cidade de São Paulo”, de 2014

Segundo os moradores, tanto a creche, como o posto de saúde, oferecem bom atendimento. A moradora Ana Paula, vizinha de Cícera - moradora que viveu no conjunto Real Parque durante certo tempo -, conta que conseguiu vaga na creche para seu filho, mas que, para o próximo ano, já há fila de espera para vagas, dependendo da idade. As moradoras também comentaram que a região é bastante cara, inclusive “o preço do pão” e que, para fazer compras, precisam ir até os supermercados próximos ao aeroporto de Congonhas – o que extrapola o raio de proximidade - Por outro lado, elogiam muito a rede de transporte público (informação verbal) (Coradin, 2014)

Com tudo isso em mente, as lições que ficaram, e que ajudaram na concepção do projeto, foi a importância de melhor conectar o projeto com a cidade, assim, ele seja concebido de forma a trazer melhorias para a cidade como um todo. Por isso, será pensado junto a ele, a partir de diretrizes, e a nível de estudo preliminar, um projeto urbano, que ao mesmo tempo sirva para as necessidades da comunidade, que, como já foi demonstrado antes, é de maioria pesqueira, e também a cidade ao seu redor, ajudando assim a conectar a realidade dessas pessoas à cidade e ao entorno em que vivem, algo inimaginável nas condições pré incêndio, uma vez que estavam completamente invisibilizados e ilhados em suas palafitas.

Contudo, como visto no caso do Parque Novo Santo Amaro V, é interessante que exista uma clara divisão do que é privado e público, para tanto evitar que haja uma apropriação do que é público como a ocupação de áreas condominiais. Pensando nisso, será feito uma divisão de espaços por meio de muros não tão altos e com bastante permeabilidade visual, pois assim, por mais que se tenha essa separação, o conjunto não seja tão agressivo nessa diferenciação de espaços, permitindo desta feita, criar acessos que somente os moradores possam ter, sem atrapalhar no espaço público.

Por fim, será integrado no espaço público, portanto projetado na proposta, uma parte comércios para serem usados pelos próprios moradores do conjunto habitacional, a fim de melhor suprir as necessidades dos moradores de menores condições financeiras, comparado ao que existe ao redor do local. Além disso, o Clube Libanês Brasileiro iria ser restaurado e transformado em mercado, para ser usado também pelos moradores, podendo inclusive ser vendido frutos do mar, tanto em seu interior como nas suas proximidades, nas áreas públicas criadas por meio de pequenas feiras estilo de rua, para atrair mais pessoas para o local e ajudar financeiramente os pescadores – dotado de infraestrutura adequada, para atrair os consumidores das redondezas, que tem um nível de exigência maior.

5 PROJETO ENTRE PONTES



5.0 Projeto Entre Pontes

Por fim, neste último capítulo, após os estudos sobre a contextualização histórica e formação da comunidade de palafitas no Pina estudada, assim como o estudo da produção de habitação de interesse social no cenário brasileiro, tanto historicamente como através dos estudos de casos, foi desenvolvido o Anteprojeto para a Antiga Comunidade de Palafitas do Pina. Também estará presente o Estudo Preliminar das Diretrizes Urbanísticas para o entorno imediato do terreno escolhido, a fim de melhor suprir as necessidades dos moradores do Conjunto Habitacional criado, assim como a cidade de forma integral.

Para tal, o capítulo foi dividido em subtópicos, sendo o primeiro focado em explicar as referências projetuais, além dos estudos de casos, para as decisões de elementos arquitetônicos, tendo como ponto de escolha principalmente as decisões perante as questões de conforto térmico. Depois são expostas as condicionantes do projeto, como a legislação vigente no local, assim como os limites do terreno trabalhado e as proximidades do terreno.

Após isso, foi elaborada uma breve análise urbana da área, para a partir daí ser mostrado o masterplan para a área, mostrando o que foi pensado para conectar o projeto com a cidade à sua volta. Depois são discutidas as explicações do projeto em si, com o seu conceito, a concepção das plantas e demonstração da estrutura e elementos arquitetônicos usados, finalizando com a exposição dos renders do projeto.

5.1 Referências Projetuais

Para as referências, foram procurados projetos que tivessem soluções para conforto térmico, uma vez que se observa uma crescente mudança nas temperaturas e sensação térmica em face das mudanças climáticas. Levando isto em consideração, dois projetos do Irã e dois projetos nacionais foram vistos como referências no que tange às soluções em relação a sombreamento e consequentemente uma melhor sensação térmica dentro dos apartamentos.

5.0 Projeto Entre Pontes

5.1.1 Internacionais

Zendegi Building – Faraman Design and Construction Office; e Office Building para a Universidade Sharif de Tecnologia em Tehran – Hooba Design Group

Nestes dois projetos situados em Teerã, capital do Irã, se tem um esforço estético, e principalmente funcional, de trazer fachadas protegidas para filtrar a luz do Sol no interior de seus prédios. Por ser uma cidade inserida em um clima árido, e estar a uma altitude mais alta, seus dias quentes são bastante quentes, e em outro extremo, seus dias frios bastante frios, e a proteção nas fachadas a incidência solar é uma solução que pretende prevenir e filtrar o calor e luz que entra pelas aberturas nas fachadas.

No projeto habitacional, o uso de painéis de tijolo dispostos de maneira a deixar vazamentos entre eles foi pensado justamente para filtrar a luz solar nas fachadas e aberturas mais críticas. Já no da Universidade, os painéis são mais flexíveis e podem ser ajustáveis a depender da incidência da luz ao passar do dia, mas também utilizam a estética dos tijolos vazados para criar a fachada protegida. Ambos os projetos, ao criarem esses artifícios de segunda pele vazada, permitem que em épocas mais quentes o ambiente interno se torne mais ameno, além de permitir uma permeabilidade visual entre interior e exterior que enriquecem suas fachadas.



Imagem 57: Universidade Sharif de Tecnologia em Tehran - fachadas principais
Fonte: Dezeen



Imagem 58: Universidade Sharif de Tecnologia em Tehran - detalhes das fachadas principais
Fonte: Dezeen

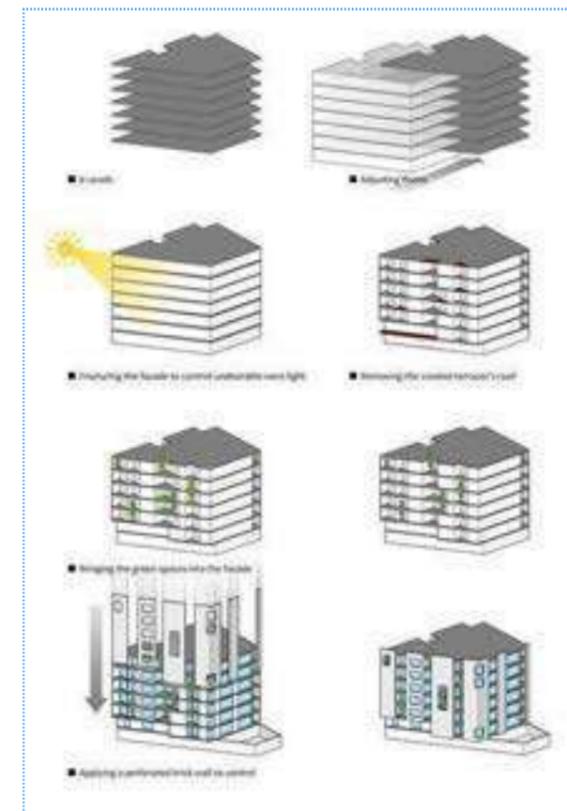


Imagem 59: Zendegi Building - diagramas
Fonte: Archdaily



Imagem 60: Zendegi Building - fachadas
Fonte: Archdaily

5.0 Projeto Entre Pontes

5.1.1 Nacionais

Lins Arquitetos – Academia Escola Unileão e Juizado Especial Cível e Criminal de Unileão

Situados no município de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, a academia e o juizado também fazem uso de elementos vazados para melhor se adaptarem ao clima semi-árido brasileiro, que possui altas temperaturas o ano inteiro. Para isso, a equipe do escritório faz uso de fachadas vazadas, a fim de que se tenha uma melhor regulação de temperatura nos ambientes internos, permitindo a ventilação entrar e melhor filtrando a entrada de luz solar nos ambientes.

Na escola, a equipe fez uso de tijolos vazados, de forma similar aos observados nos exemplos do Irã, mas ao invés de usá-los como uma espécie de segunda pele, eles fazem o fechamento das fachadas que serão protegidas, não são elementos adicionais as aberturas, criando uma fachada mais viva e permitindo uma permeabilidade visual tão interessante quanto os outros exemplos. Além disso, eles criam espaços entre a fachada protegida pelos tijolos e a área de atividades da academia com jardins internos, a fim de melhorar o “microclima” interno. Após essas camadas, foi colocada peles de vidro para separar as áreas de atividades das áreas de intermediárias, podendo, se for necessário, refrigerar o ambiente.

Já no Juizado, prédio proveniente do convênio entre a Universidade Unileão e o Tribunal de Justiça de Juazeiro do Norte/CE, também utiliza dos artifícios observados na academia para melhorar o conforto térmico dentro do prédio, sendo que o elemento vazado utilizado foram cobogós cerâmicos nas fachadas, criando um ritmo para ela muito interessante ao mesmo tempo que permite a entrada de ar e filtra a entrada de luz. Além disso, também se tem jardins internos entre as fachadas e as áreas comuns, com a mesma intenção de melhorar o “microclima” interno.

Atentando para isto, para que internamente os apartamentos consigam oferecer conforto térmico para seus moradores, serão usados elementos vazados, a fim de permitir tanto uma maior filtragem da luz, como promover uma ventilação cruzada dentro de todas as unidades, fazendo que assim, se tenha uma melhor qualidade de vida.



Imagem 61: Academia Escola Unileão Vista aérea e vista externa
Fonte: Archdaily



Imagem 62: Academia Escola Unileão – detalhe das soluções com tijolos vazados
Fonte: Archdaily



Imagem 63: Juizado Especial Cível e Criminal de Unileão Vista da Fachada principal e vista aérea
Fonte: Archdaily

5.0 Projeto Entre Pontes

5.2 Condicionantes Projetuais

O projeto está situado em uma área de **MANC**, Macrozona do Ambiente Natural e Cultural de acordo com o Plano Diretor de Recife, área que tem como principais diretrizes:

1. Articular os principais elementos identitários da cidade do Recife, os corpos hídricos, os remanescentes de mata atlântica e seus sistemas associados e o patrimônio cultural edificado;
2. Integrar os parques, praças, áreas verdes e rede hídrica por meio de conectores ambientais que promovam a integração e fortaleçam a infraestrutura ambiental da cidade;
3. Desenvolver o território de maneira sustentável e ampliar a capacidade de resiliência do Município para o enfrentamento das mudanças climáticas.

Nesta perspectiva, foi pensado para o projeto uma forma de ligar o conjunto criado com a cidade através de um parque na área, além de trazer mais pessoas para o local, e fazendo o plantio de espécies nativas para preservar a margem, tudo isso melhor explicado mais à frente quando for apresentado as diretrizes para o urbano.

O terreno para o projeto foi o mesmo usado pela Moura Dubeux para o Condomínio Líbano, pegando o terreno do Clube Libanes Brasileiro, o terreno ao lado dele, a margem do rio onde ficavam as palafitas, e um terreno que dá acesso a Rua Arquiteto Augusto Reinaldo.

Além desses pontos, por estar em uma área de margem de rio, uma parte do terreno está na área Non Aedificandi, o que foi levado em consideração no projeto, e foi feito um recuo a partir desta área que não pode haver construções.

5.2.1 Análise Urbana

Na análise urbana foi visto as principais características do entorno do projeto, em que foi visto tanto os principais empreendimentos que se encontravam na região, como também a disposição de serviços e comércios para entender as necessidades da comunidade que estaria residindo na habitação criada.



Imagem 64: Vista Aérea do Pina
Fonte: Google Earth adaptado pelo autor

5.0 Projeto Entre Pontes

Com isso, foi possível perceber como o terreno da intervenção está rodeado de empreendimentos voltados para a classe média e alta, como pode-se observar na presença do próprio RioMar Shopping, que por si só já atrai muito interesse do da especulação do mercado imobiliário, sendo um dos grandes fatores que ajudam na gentrificação da área, e com o shopping, têm-se também o empresarial Riomar Trade Center, que concentra muitos consultórios e empresas. Outro empreendimento da vizinhança é o Atacado dos Presentes, que consegue atender uma variedade maior de classes sociais vendendo uma diversidade de produtos, indo de material de construção até brinquedos, materiais escolares dentre vários outros.

Já no que tange os Serviços e Comércios, e Áreas de Lazer Públicas da vizinhança, percebe-se uma certa carência, principalmente quando colocado dentro do raio de caminhabilidade de 400m (Farr, 2008). Dentro deste raio, o mercado mais próximo está a frente do conjunto habitacional Brasília Teimosa, precisando cruzar a movimentada avenida Antônio de Goes. Quanto à saúde, existe uma UBS a dois quarteirões do projeto, precisando atravessar a outra Avenida Herculano Bandeira. No quesito Educação existe até um número razoável de escolas públicas na área, mas elas ficam mais para o lado de Brasília Teimosa, um pouco longe da habitação.

Em relação às Áreas Públicas de Lazer, a mais significativa para o local é a praia, com apenas algumas pequenas praças destinadas à população espalhadas pelo bairro, espremidas no espaço urbano e com pouca qualidade, quantidade essa pouco expressiva considerando a extensão do bairro e proximidades. As outras áreas mais significativas se encontram ou mais a Sul em Boa Viagem ou do outro lado do rio.

Por fim, nas margens do rio Tejipló, no lado do projeto e de Brasília Teimosa, percebe-se uma falta da vegetação ripária, representando uma grande perda para a biodiversidade local, uma vez que é lar e local de reprodução de muitas espécies da fauna local.

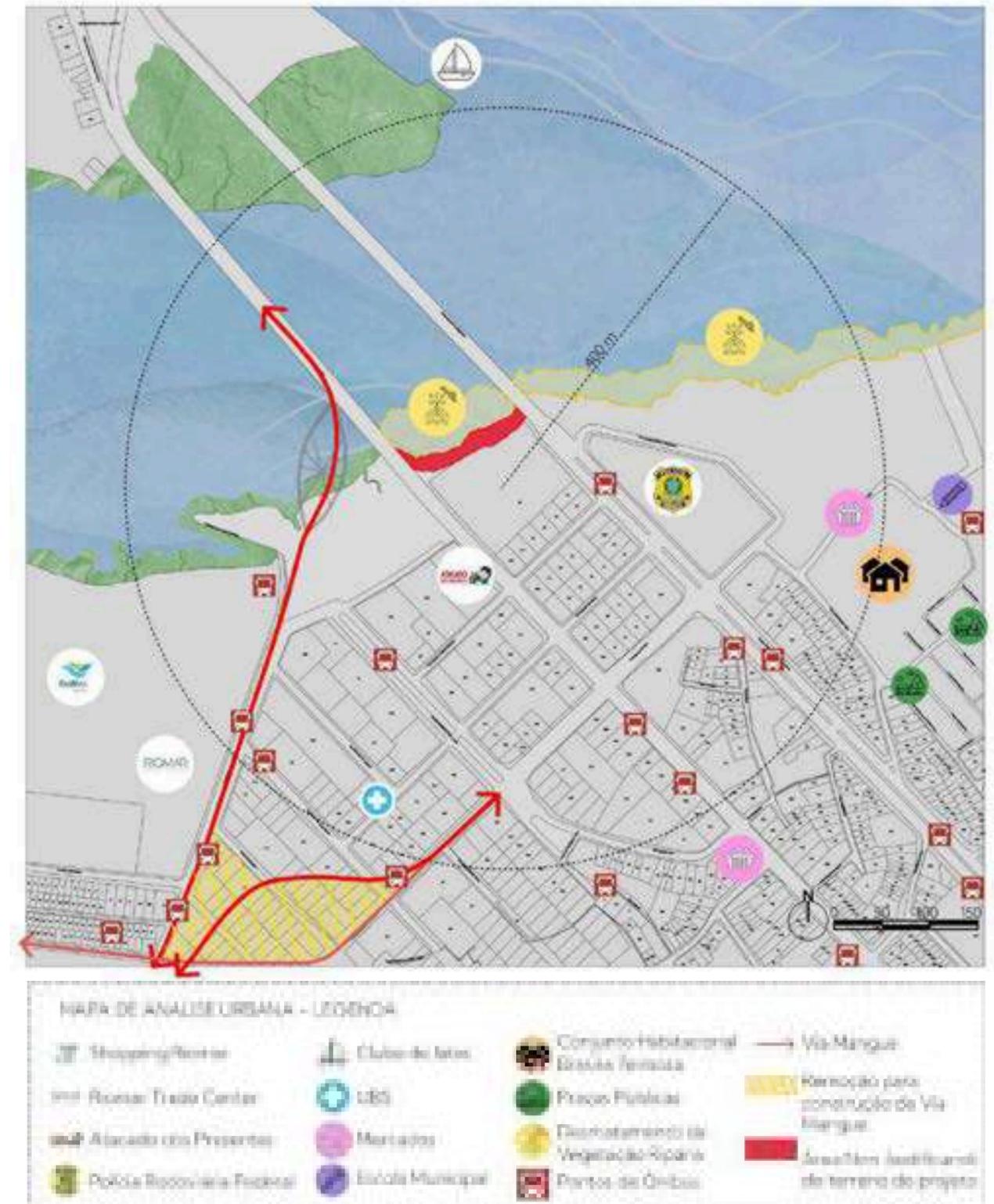


Imagem 65: Mapa da Análise Urbana
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes



Imagem 66: Praças Públicas do Pina e Proximidades
Fonte: Google Earth adaptado pelo autor



Imagem 67: Praça Adalberto Aguiar
Fonte: Google Earth



Imagem 68: Praça da Vila Teimosinho
Fonte: Google Earth



Imagem 69: Praça Abelardo Baltar
Fonte: Google Earth

5.0 Projeto Entre Pontes



Imagem 66: Praças Públicas do Pina e Proximidades
Fonte: Google Earth adaptado pelo autor



Imagem 70: Praça da Laursa
Fonte: Google Earth



Imagem 71: Praça Encanta Moça
Fonte: Google Earth



Imagem 72: Praça Profeta J. Smith
Fonte: Google Earth

5.0 Projeto Entre Pontes

5.3 Diretrizes Urbanas

Com a análise do bairro e tendo em vista a localização do projeto perante o Plano Diretor do Recife, foram pensadas algumas diretrizes de caráter urbano para a área. Como este trabalho de conclusão de curso é mais focado no projeto arquitetônico do habitacional para a comunidade do Beco do Sururu, os novos usos e espaços criados para a área de intervenção estão mais a nível de diretrizes e entendimento do todo.

5.3.1 Diretrizes Urbanas – Macro

I) Construção da Habitação de Interesse Social para a Comunidade do Beco do Sururu

Como já explicado por meio de todo esse trabalho, a gritante disparidade entre as oportunidades vividas pelas pessoas do Beco do Sururu e a cidade formal, assim como a negação das frentes d'águas para as populações de baixa renda e a relação intrínseca de grande parte dos seus moradores, pescadores, e o rio, demonstra como esse terreno poderia ter sido utilizado visando essa comunidade, em contrapartida da falta de interesse do Estado de fazer isso e garantir moradia digna a essas pessoas.

II) Revitalização da Vegetação Ripária

Para isso seria utilizado vegetações locais de mangue, já existentes em outras áreas do rio, pegando as mesmas espécies observadas nesses locais com vegetação ripárias e colocadas nas novas áreas a fim de evitar um desequilíbrio ambiental.

III) Parque Entre Pontes

Assim como é instigado pelas diretrizes da MANC, em especial a primeira - articular os principais elementos identitários da cidade do Recife, os corpos hídricos, os remanescentes de mata atlântica e seus sistemas associados e o patrimônio cultural edificado - foi pensado para a área de intervenção deste trabalho um Parque.

Isso porque, enquanto escassos os Espaços de Lazer Livres para a região, o terreno trabalhado se mostra como uma grande oportunidade para que todos da cidade tenham uma maior aproximação com o patrimônio natural que é o rio, além de permitir também a inserção do patrimônio edificado do Clube Libanes Brasileiro, enquanto herança do modernismo recifense, na vida de todos os usuários deste parque. Além disso, o parque ajudaria na integração da vida dos moradores do habitacional criado com dinâmicas da cidade.

Foi pensando nas necessidades e conforto dessa população ribeirinha, e a partir do que foi aprendido nos estudos de casos neste trabalho, que o parque possui três principais eixos de intervenção. Um voltado diretamente para as necessidades da Comunidade do Beco do

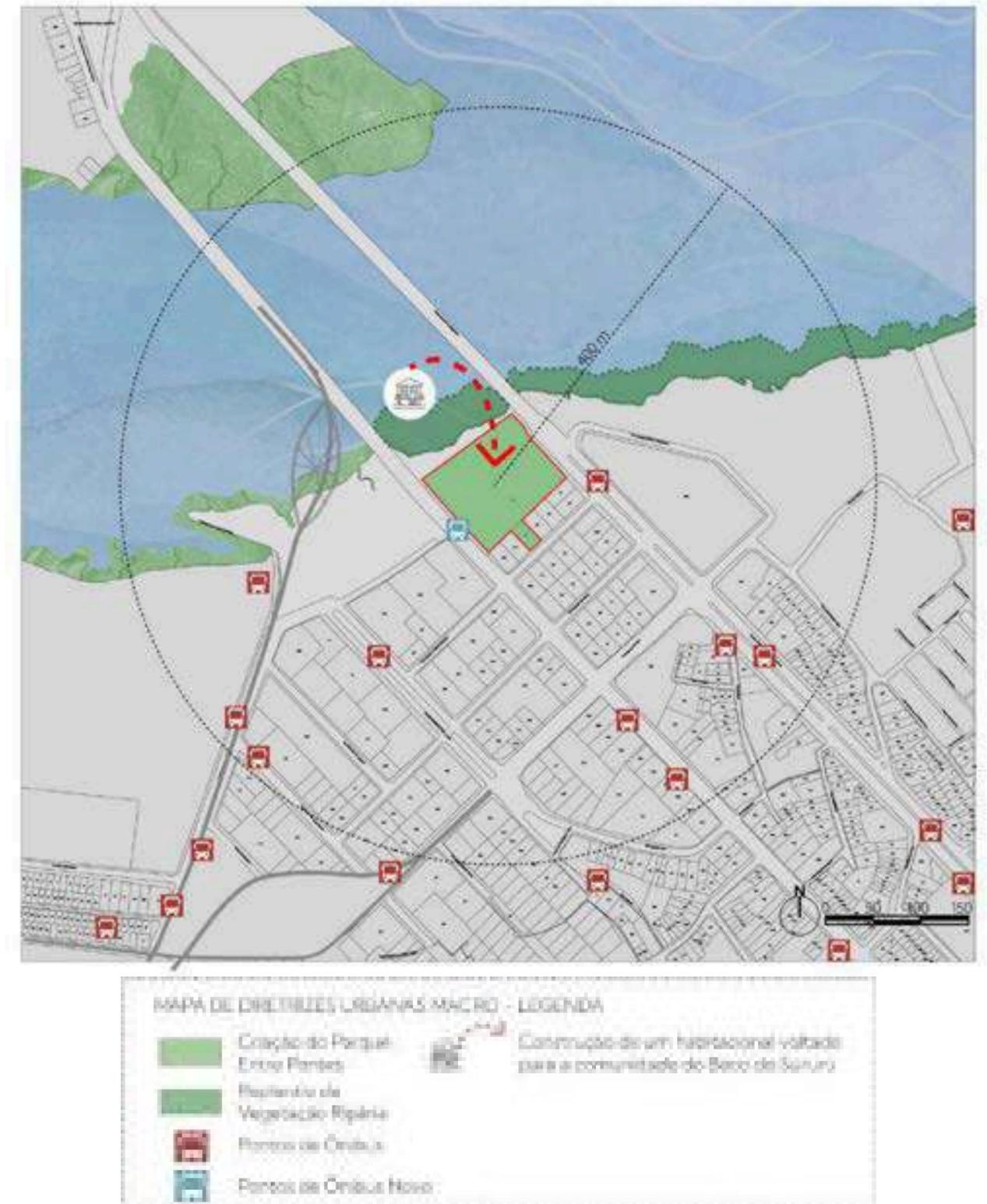


Imagem 73: Mapa de Diretrizes - Macro
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

Sururu, chamado Eixo do Pescador. O outro pensado para criar um eixo comercial na área, atraindo pessoas para o parque e aumentando com isso a dinamicidade do local, e principalmente garantindo que as pessoas do conjunto habitacional consigam fazer suas compras perto de casa, chamado Eixo Mercado Libanes. E o último sendo o da criação do parque e com isso os trabalhos paisagísticos e criação de áreas de lazer e de revitalização do mangue, permitindo assim a apropriação de todos no espaço criado, chamado Eixo Mangue-Cidade.



Imagem 74: Diagrama dos eixos do parque Entre Pontes
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.3.2 Diretrizes Urbanas – Micro

I) Eixo dos Pescadores

I.I) Construção da Habitação de Interesse Social Entre Pontes

Uma das características que foi pensada para a habitação foi a clareza de suas áreas privativas em relação aos espaços públicos, já que a partir do que foi aprendido nos estudos de casos, principalmente no do Parque Novo Santo AmaroV, a falta de clareza entre o que é público e o que é do condomínio gera um certo conflito entre a apropriação desses espaços. Com isso em mente, toda a área condominial foi delimitada com um muro, mas ainda permitindo uma permeabilidade visual e não possuindo uma altura muito alta para que esse elemento não sirva de segregador para os ambientes criados.

Outro ponto levado em consideração foi a quantidade de unidades habitacionais que seriam criadas para a comunidade do Beco do Sururu. Para isso, de forma pragmática para que fosse possível quantificar as unidades habitacionais projetadas para este trabalho de conclusão, foi levado em consideração o dado de 50 palafitas queimadas pelo incêndio do artigo “A crônica de um desastre anunciado. As palafitas do Recife só são visíveis quando queimam?”, de Fabiano Rocha Diniz e Danielle de Melo Rocha, já que em muitas fontes divergiam sobre a quantidade de pessoas que realmente eram da comunidade e foram atingidas pelo desastre.

Ao todo, no Projeto do Conjunto Habitacional Entre Pontes, com público alvo sendo majoritariamente a comunidade do Beco do Sururu, foram feitas 52 unidades habitacionais.

I.II) Construção de um píer de uso particular dos moradores do Habitacional

A construção desse píer seria para poder acomodar os barcos dos pescadores do habitacional. Ele seria feito de forma flutuante, a fim de seguir a maré do rio. Seu uso seria limitado a partir de um pequeno portão no guarda-corpo do mirante do parque para dificultar o acesso de pessoas que não são do habitacional.



Imagem 75: Mapa de Diretrizes - Micro
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

II) Eixo Mercado Libanes

II.I) Restauo do Clube Libanes Brasileiro

Aqui seria criado um eixo comercial no parque a partir da restauração do Clube Libanes Brasileiro, transformando-o em um mercado a fim de servir como âncora e chamariz deste eixo.

Embora não seja o foco do trabalho, deve-se salientar a importância de se restaurar o clube libanes brasileiro. Uma das principais diretrizes construtivas que precisam ser seguidas seria o restauro de sua área coberta em seus fundos, que antigamente não possuía paredes vendando o vão livre embaixo da cobertura, e com isso integrando ainda mais o prédio com o espaço público criado.

Além disso, a transformação do uso do clube em um mercado seria para dar mais opções de mercado para a população local, principalmente do Habitacional Entre Pontes, além de poder ser um local de venda de mercadorias dos comerciantes do habitacional, outra grande classe encontrada na comunidade Beco do Sururu.

II.II) Comércio Fixos

Outra área de comércio que seria criada está a frente do habitacional, uma vez que fica mais próxima do outro extremo do parque e ajudaria a amarrar esse eixo comercial de um lado a outro, criando um fluxo de fora para dentro do parque para poderem usufruir desses comércioos.

Esses comércioos, embora estejam mais representados em forma de diretriz para o parque, devem seguir a ideia de serem prédios baixos, de no máximo 2 pavimentos e que possam servir de edifícios passagens. Isso é para que se tenha a possibilidade de passagem de um lado a outro de suas edificações, chegando a uma área que serve de apoio a esses comércioos, principalmente se existirem restaurantes e lanchonetes para usarem para colocar mesas.

O aluguel desses comércioos pode ser feito pelos próprios moradores do habitacional ou por pessoas de fora, com o aluguel ajudando a manter o condomínio e parque.



Imagem 75: Mapa de Diretrizes - Micro
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

II.III) Feiras Sazonais

Para aproveitar esse eixo e o espaço criado pelo parque também seriam feitas feiras sazonais que atrairiam diferentes tipos de pessoas para o parque além de reforçar esse caráter comercial do eixo ao lado das áreas de lazer.

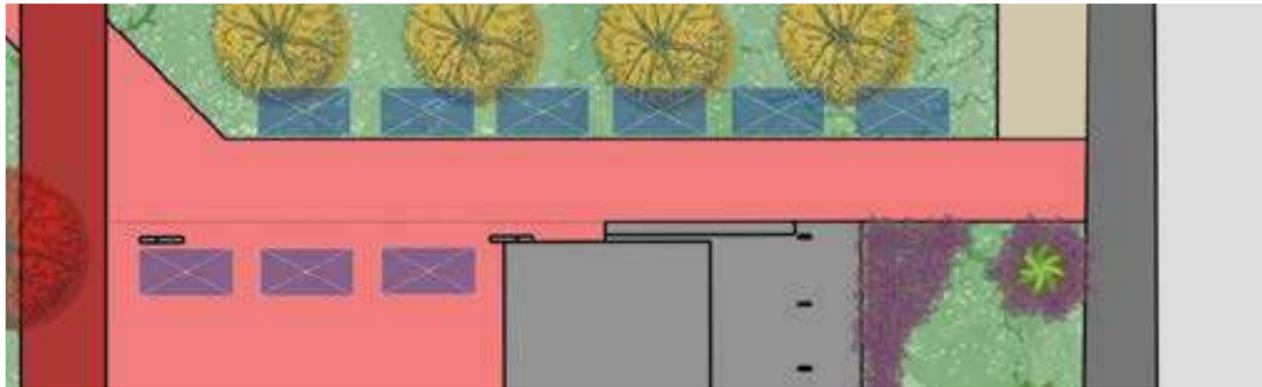


Imagem 76: Feira Sazonal no Eixo Comercial ao lado do Mercado
Fonte: Vinícius Sibaldo

III) Eixo Mangue-Cidade

III.I) Replântio da Vegetação Ripária

III.II) Áreas de Lazer

Esse espaço terá um caráter mais de parque, com mais árvores arbustivas e áreas de sombreamento para criação de locais de lazer e contemplação, como por exemplo parques infantis, e áreas de práticas de atividades em grupo e individuais.

III.III) Alameda Linear

Criação de uma alameda usando a espécie nativa mulungu vermelho (Erythrina verna) a fim de marcar esse eixo de relação da cidade com o mangue e criar um espaço menos denso para a apreciação do mangue e do rio, além de criar uma espécie de mirante que avança dessa alameda para o mangue, reforçando ainda mais essa aproximação.

III.IV) Mirante no Rio

Com o intuito de criar novas relações da população com o rio e aproximar ainda mais as pessoas dele, um mirante que adentra o rio levaria as pessoas para mais perto ainda desse patrimônio natural. Com isso em mente, um eixo bem marcado no parque, que inicia-se nas entradas mais distantes do rio, delimita e leva as pessoas para essa nova experiência e vivência com o rio.



Imagem 75: Mapa de Diretrizes - Micro
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.4 Implantação

Para esse novo espaço público que foi criado foram pensados as seguintes espécies de vegetação para servirem de base para os projetos paisagísticos do local:

Imagem	Nome Popular	Nome Científico	Tipo	Uso no Projeto
 <p>Imagem xx: Zebrina Fonte: Jardim Cor, 2020</p>	Zebrina	<i>Tradescantia zebrina</i>	Forração	Jardins e Parque
 <p>Imagem xx: Areca Bambu Fonte: Bio Revita, 2022</p>	Areca Bambu	<i>Dypsis lutescens</i>	Palmeira	Jardins e Parque
 <p>Imagem xx: Pata-de-vaca Fonte: Folhas e Folhagens, [s.d]</p>	Pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i>	Porte Médio	Parque



Imagem 77: Mapa de Implantação
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

Ficha Técnica	Nome Popular	Nome Científico	Tipo	Uso no Projeto
 <p>Imagem xx: Chuva de Ouro Fonte: Jardim Exótico, [s.d.]</p>	Chuva-de-ouro	<i>Cassia ferruginea</i>	Porte Médio	Eixo Comercial
 <p>Imagem xx: Mangueira Fonte: Jardim Cor, 2020</p>	Mangueira	<i>Mangifera indica</i>	Porte Grande	Jardins e Parque
 <p>Imagem xx: Mulungu Fonte: Pinheiro Plantas, [s.d.]</p>	Mulungu vermelho	<i>Erythrina verna</i>	Porte Grande	Eixo Mangue-Cidade
 <p>Imagem xx: Mangue vermelho Fonte: Clarice Doughty, 2020</p>	Mangue Vermelho	<i>Rhizophora mangle</i>	Árvore	Replanteio do mangue



Imagem 77: Mapa de Implantação
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.5 Conceito

O pensamento conceitual que guiou o projeto e resultou em sua forma, vem a partir da locação do prédio e sua relação com o entorno, assim como suas necessidades perante o conforto térmico dos moradores do conjunto habitacional. A habitação está situada no lado mais a oeste do terreno, uma vez que mais a leste se encontra o prédio do Clube Libanes Brasileiro, herança do patrimônio modernista recifense e que precisa ser valorizado dentro do espaço em que se encontra, uma vez que faz parte da produção histórico cultural da cidade.

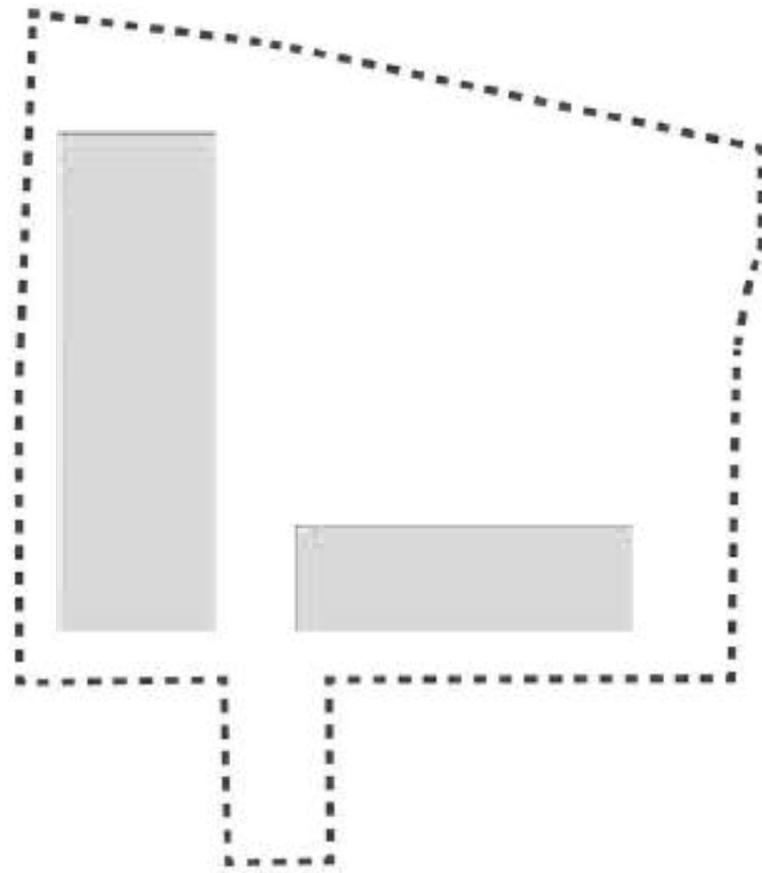


Imagem 78: Diagrama 1 do Conceito
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

Contudo, o prédio ao usar totalmente o espaço mais a oeste que é permitido, por conta da área Non Aedificandi e os limites do terreno estaria impedindo a vista de quem vem da Avenida Herculano Bandeira do Clube Libanes Brasileiro. Isso serviria como uma espécie de barreira e dificultador para o acesso e apropriação do Clube, agora transformado em mercado dentro do parque criado. Com isso em mente, um eixo seria criado desde o lado mais a oeste, a partir de uma diagonal que direciona e leva as pessoas até o mercado. É com essa diagonal que se cria um dos limites do Habitacional Entre Pontes, pois assim o prédio não atrapalha essa relação patrimônio-cidade e ainda ajuda a criar essa relação no momento em que sua forma, agora marcada pela diagonal também convida os transeuntes a olharem e se direcionarem para o mercado.

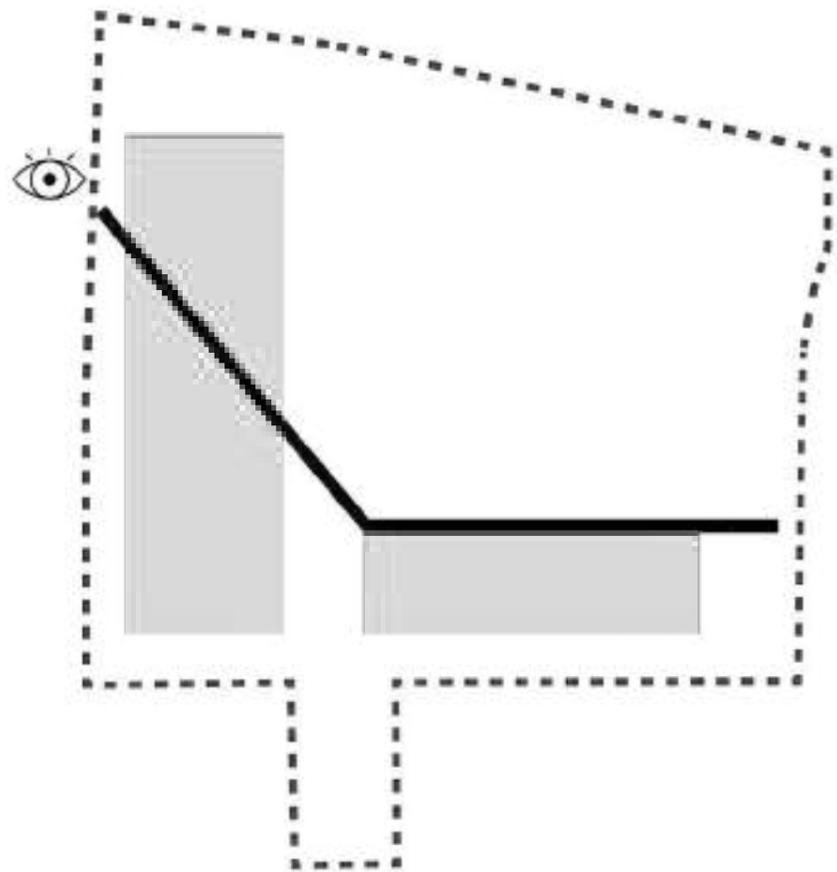


Imagem 79: Diagrama 2 do Conceito
Fonte: Vinícius Sibaldo



Imagem 80: Render mostrando o eixo comercial que guia até o mercado
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

Com sua alocação no terreno agora definida, foi pensado em como permitir que entrasse ventilação de forma cruzada dentro das unidades habitacionais. Para que fosse possível isso foram criados dois Blocos, o Bloco A, e o Bloco B, que se separam criando um espaço entre eles e permitindo assim a passagem do vento e sua entrada em outras fachadas dos apartamentos. Além disso, na fachada sudeste foram feitas paredes vazadas utilizando tijolos sendo posicionados de forma alternada, criando espaços vazios para a passagem moderada de luz e a passagem do vento.

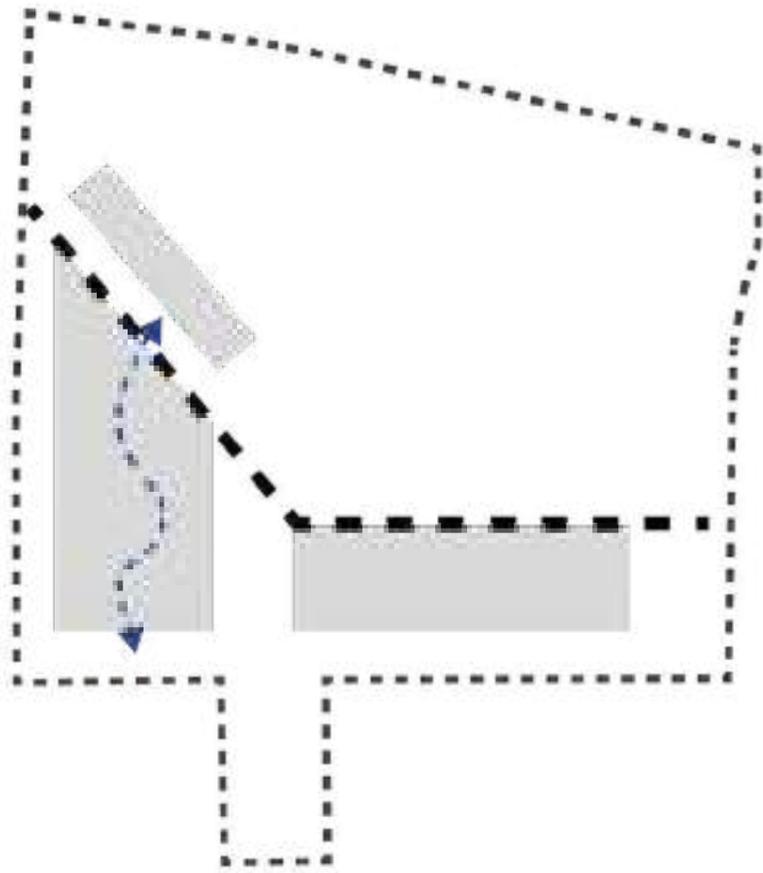


Imagem 81: Diagrama 3 do Conceito
Fonte: Vinícius Sibaldo



Imagem 82: Render mostrando elementos vazados nas fachadas
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

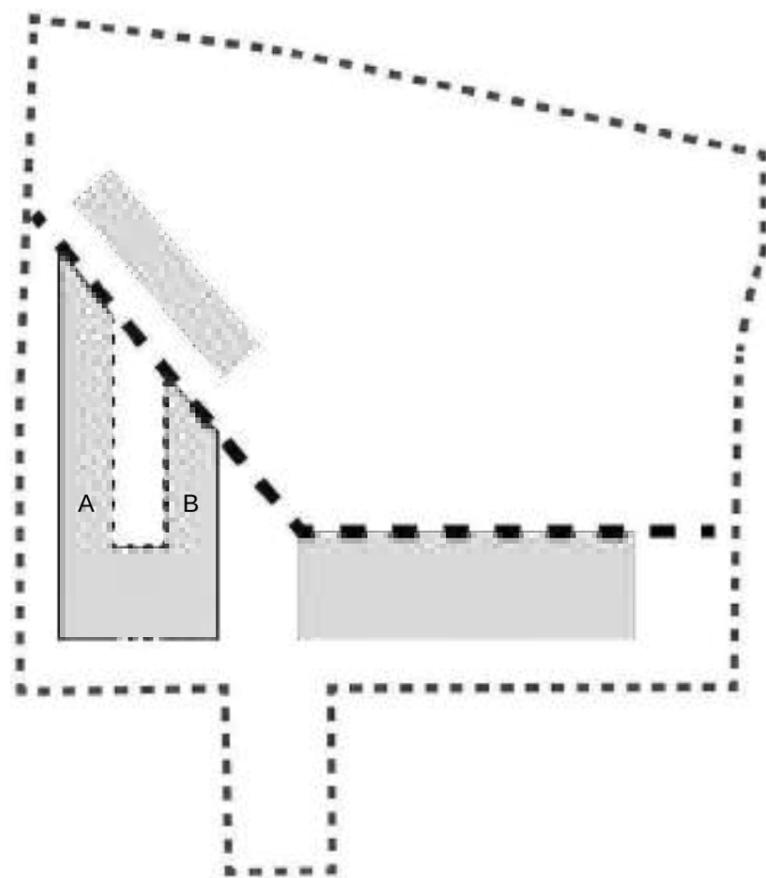


Imagem 83: Diagrama 4 do Conceito
Fonte: Vinícius Sibaldo



Imagem 84: Render mostrando a relação entre os três volumes construídos do Parque
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

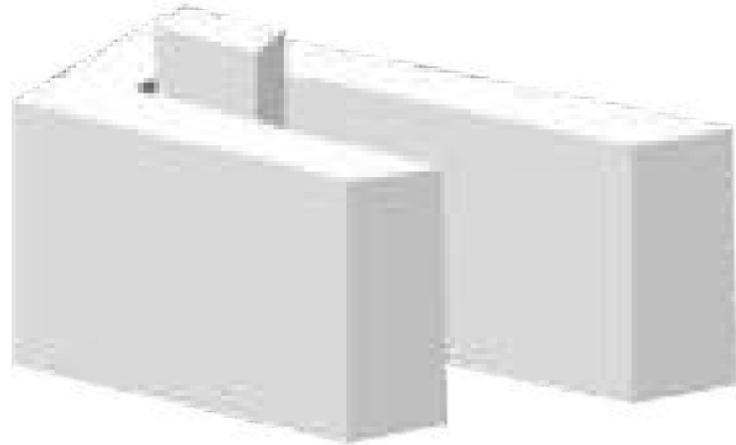


Imagem 85: Diagrama 1 da Volumetria
Fonte: Vinícius Sibaldo

Ademais, outro ponto levado em consideração foi sua proximidade com o rio, e pensando nisso que foi feito um escalonamento das altura do prédio para evitar que houvesse um volume muito alto perto do rio.

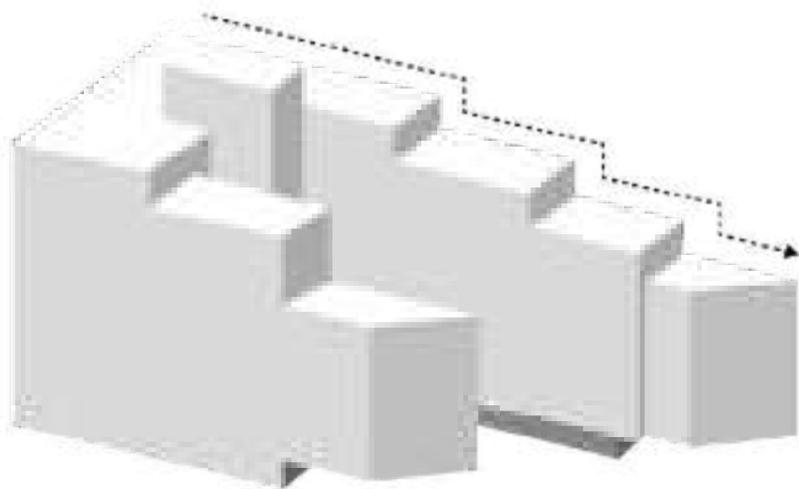


Imagem 86: Diagrama 1 da Volumetria
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

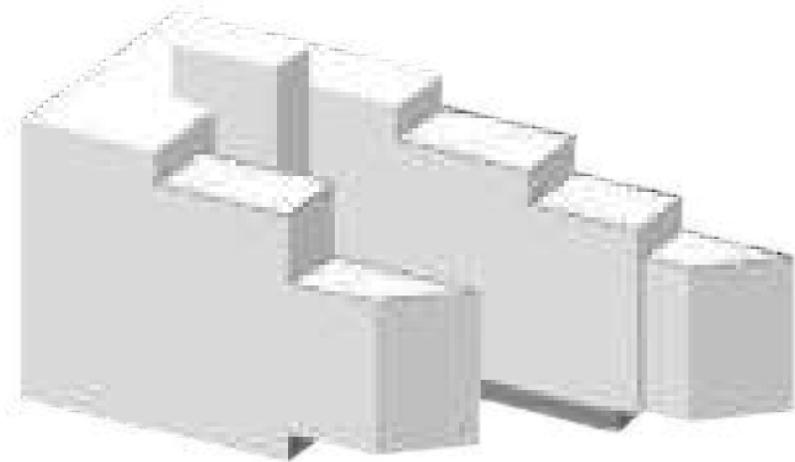


Imagem 87: Diagrama 1 da Volumetria
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.6 Elementos Construtivos

5.6.1 Estrutura

No tocante a estrutura do habitacional, ela foi projetada de acordo com o pré-dimensionamento proposto por Yopanan Rebello em seu livro “A Concepção Estrutural e a Arquitetura”. Como ela é feita em Concreto Armado, e o maior vão que precisa vencer é de **6 metros** em uma das tipologias de plantas suas dimensões são as seguintes:

PILAR		40 cm X 40 cm
VIGA		45 cm x 25 cm
LAJE		15 cm de espessura

Imagem 88: Tabela da Estrutura
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.6.2 Elementos Vazados – Tijolos

Para a criação de correntes de ar que ventilassem os apartamentos foi utilizado em todo o projeto tijolos dispostos de forma alternada criando assim paredes vazadas que permitem a entrada de ar e de forma mais filtrada a luz no ambiente. A ideia é que o tijolo sirva tanto para criar ambientes mais confortáveis dentro dos apartamentos como elemento de composição da fachada.

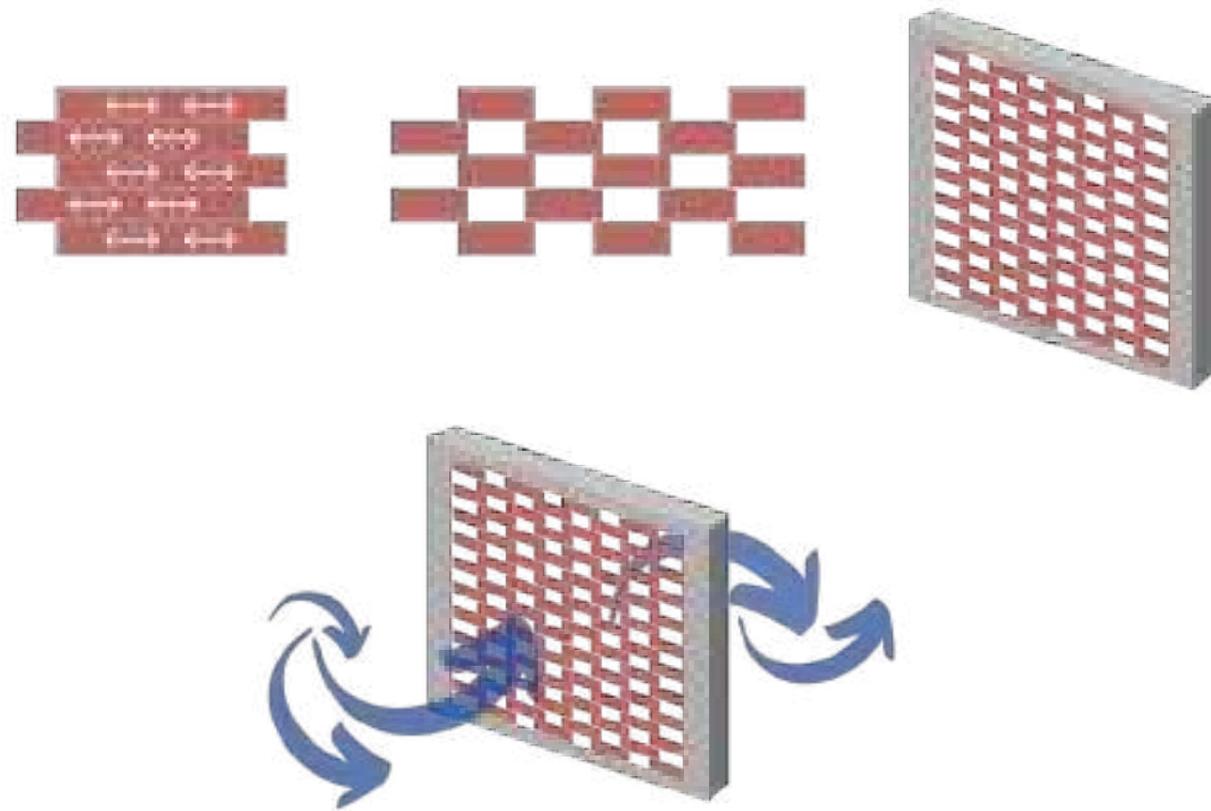


Imagem 89: Diagrama do Elemento Vazado usado no projeto
Fonte: Vinícius Sibaldo



Imagem 90: Render mostrando a relação entre os três volumes construídos do Parque
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.6.3 Parede para Arte da Comunidade

No trabalho feito por Daniel Verçosa Vale, de título “As transformações das paisagens na antiga comunidade de palafitas do Pina e no entorno do shopping RioMar”, ele demonstra como na antiga Comunidade do Beco do Sururu existia produção de arte nas palafitas por meio do grafite. Essa arte demonstrava figuras como peixes dentre outras coisas que faziam parte dessa comunidade. A partir deste relato, no novo Conjunto Habitacional Entre pontes teria a torre de escada para que os moradores pudessem exercer essa arte e deixar o novo lar mais personalizado com a cara da comunidade.



Imagem 91: Grafite encontrado nas antigas palafitas antes do incêndio
Fonte: Daniel Verçosa Vale, 2017



Imagem 92: Render mostrando a torre de escada em que os moradores poderão fazer arte nela
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.6.4 Caixa d'água

Na NBR 5626, em que é estimado um gasto de 120 L por pessoa em casas populares e é necessário no cálculo a inclusão no cálculo de 2 dias de reserva, foi estimado para o conjunto a necessidade de 49.440 L. A quantidade de pessoas usada no cálculo, que será melhor explicado no próximo tópico, foi de 206 pessoas, ficando com o seguinte cálculo:

$$120 \text{ L por pessoa} \times 206 \text{ pessoas} \times 2 \text{ dias de reserva} = 49.440 \text{ L}$$

Para suprir tal demanda, foi projetado para o conjunto o uso de 5 caixas d'água de 10.000 L, resultando em um total de 50.000 L. Essas caixas d'água ficam no topo da torre de escada.

5.7 Plantas

O projeto da Habitação de Interesse Social foi pensado a partir de 4 tipologias diferentes de Plantas, que foram resultado dos estudos das plantas dos casos estudados, em que pode-se observar diferentes metragens entre elas, indo de 50 m² a até 76,5 m² em um mesmo complexo, a exemplo do Parque Novo Santo Amaro V.

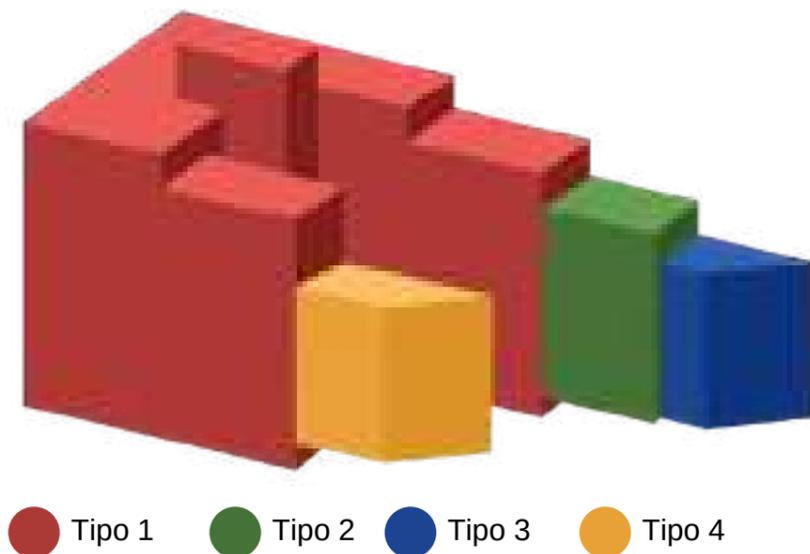


Imagem 93: Diagrama das Tipologias de Planta na Volumetria
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

Outra coisa que foi levado em consideração para a criação das plantas foi a posição dos apartamentos em relação ao norte, criando brises ventilados para as aberturas desses apartamentos a partir da utilização de tijolos intercalados para que fosse possível ter uma filtragem em relação a luz do Sol e ao mesmo tempo possibilita-se a entrada de vento dentro da unidade habitacional. Para as fachadas situadas a Oeste-Sudoeste (Bloco A), os brises ventilados estão voltados para noroeste, barrando o Sol de Poente, e o mais intenso do dia, ao mesmo tempo que a abertura do brise está voltado para Sudoeste. Já para os apartamentos da fachada com orientação Leste-Nordeste (Bloco B), os brises ventilados verticais voltam-se para Sudeste, barrando principalmente o Sol de nascente, que para essa fachada é o mais intenso.

Também pensando no conforto térmico dos moradores, em todas as unidades foi feito o uso dos tijolos dispostos de forma alternada, criando uma parede vazada, nas paredes que dão para a circulação do prédio, permitindo assim circulação cruzada em todas as unidades.

Outro ponto considerado na concepção das tipologias das plantas foi a disposição dos quartos e sala de estar em relação às fachadas que são voltadas para fora, para que com isso a ventilação seja facilitada e possam ter a paisagem natural e do parque como vistas desses espaços.

5.7.1 Planta Tipo 1

A planta de tipo 1 foi pensada para oferecer um conforto e flexibilidade no que diz respeito à possibilidade de mobília dentro dela, em que a circulação fosse bem setorizada e não entrasse em conflito com o layout da casa, como foi observado em alguns casos estudados neste trabalho.

A partir dessa premissa, a planta possui 75,3 m² de área, possuindo 1 sala, 1 cozinha, 1 área de serviço, 1 banheiro, 2 quartos e 1 varanda. Essa varanda proporciona para os moradores desta tipologia uma espécie de “pequeno quintal” para aproveitar a vista, tanto do parque como do rio, servindo principalmente para o lazer e conforto térmico para eles, uma vez que a varanda ajuda a proteger os quartos da luz solar direta e permite a entrada de vento.

Existem 4 variações do tipo 1 no conjunto, sendo diferenciados apenas pelo espelhamento dos apartamentos que são vizinhos um do outro, da orientação dos brises para as diferentes fachadas, e, no caso das unidades que ficam na borda do edifício, possuem uma janela a mais na sala. Com isso, no bloco A, existe o Tipo 1 A e o Tipo 1 A', já no Bloco B têm-se o Tipo 1 B e o Tipo 1 B'.

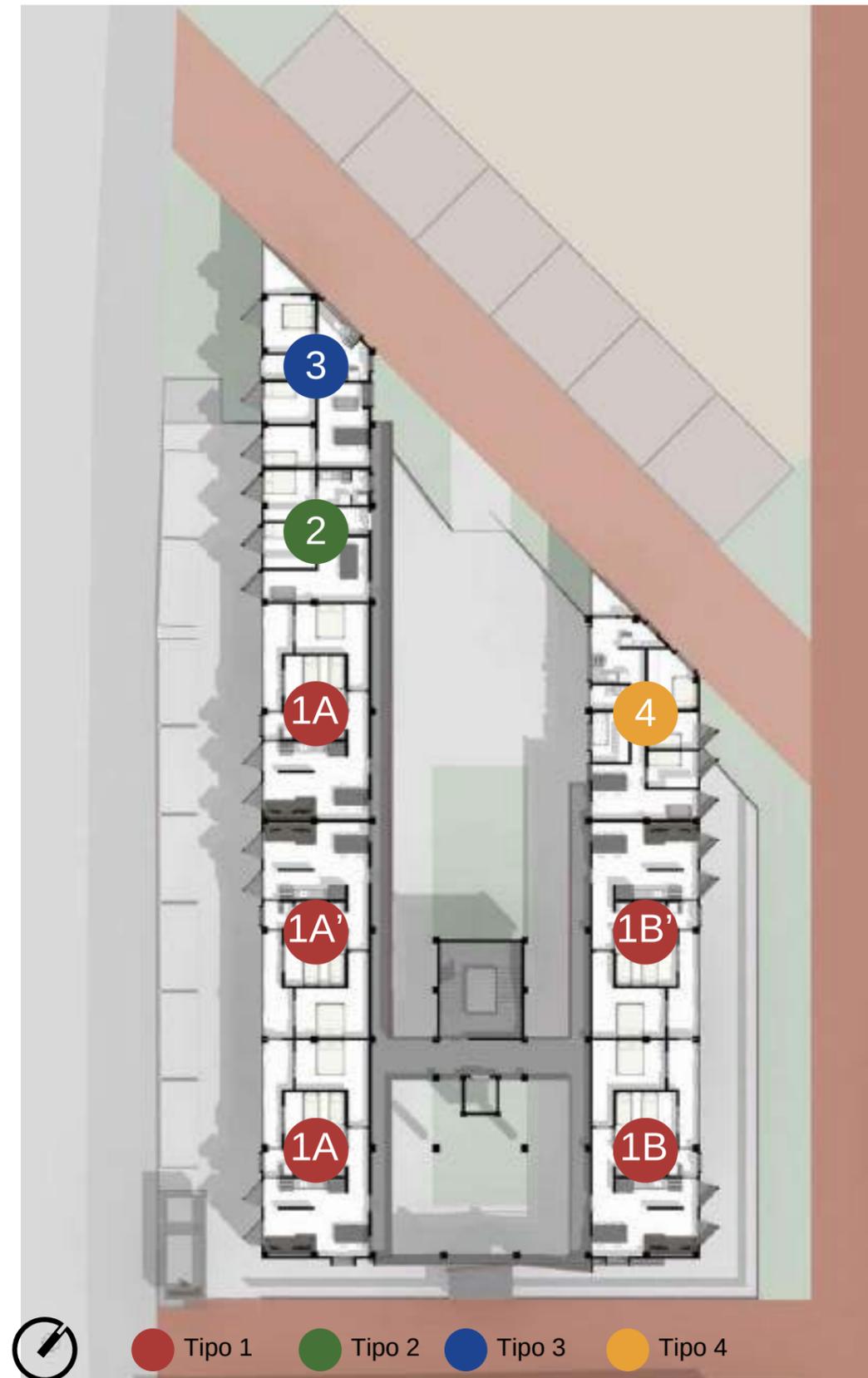


Imagem 94: Planta chave com os tipos de unidades habitacionais
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

Tipo 1 A



Imagem 95: Planta Baixa Tipo 1 A
Fonte: Vinícius Sibaldo

Tipo 1 B



Imagem 96: Planta Baixa Tipo 1 B
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

Tipo 1 A'



Imagem 97: Planta Baixa Tipo 1 A'
Fonte: Vinícius Sibaldo

Tipo 1 B'



Imagem 98: Planta Baixa Tipo 1 B'
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

Fluxograma

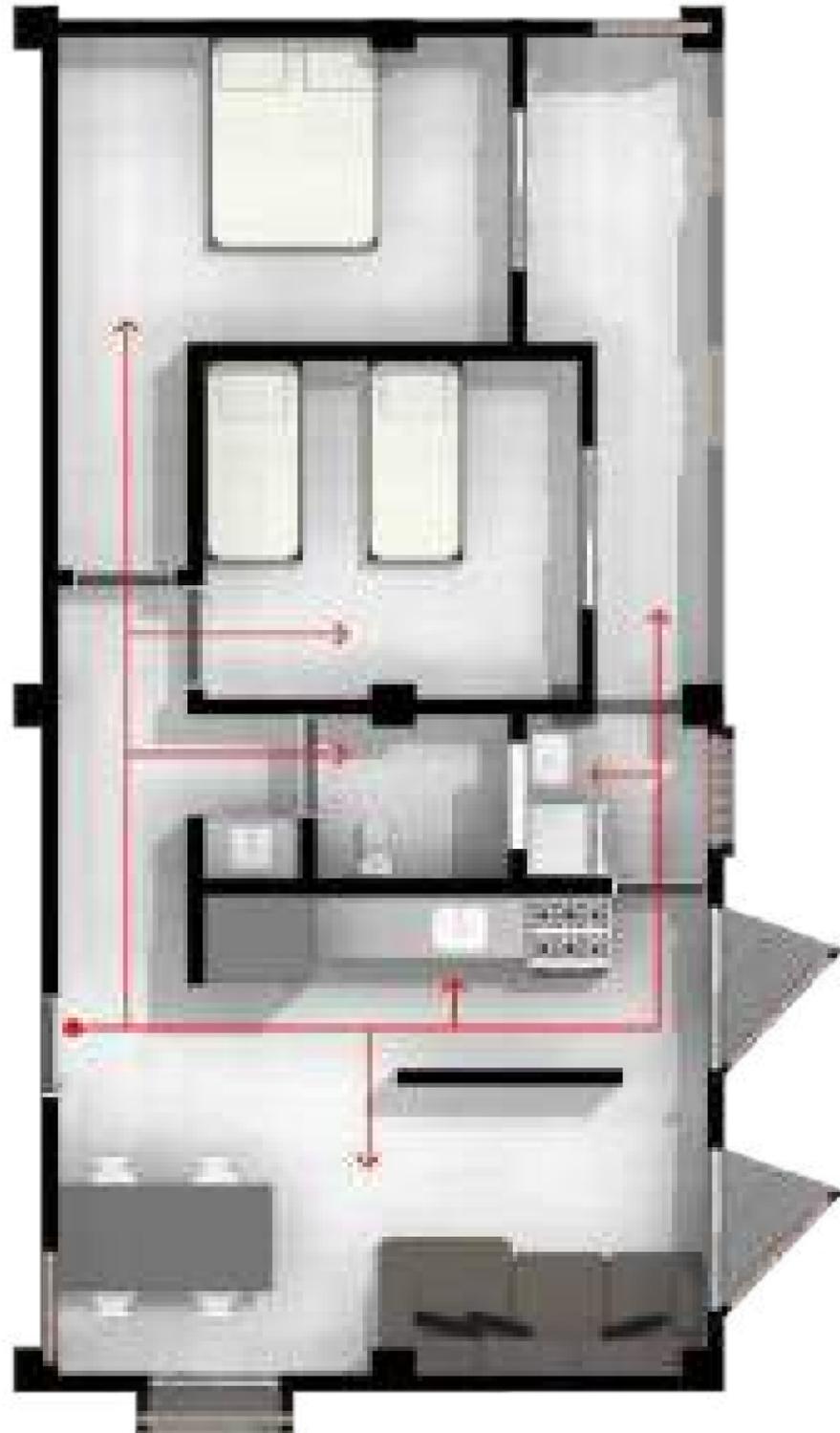


Imagem 99: Fluxograma na Planta Tipo 1
Fonte: Vinícius Sibaldo

Ventilação Cruzada

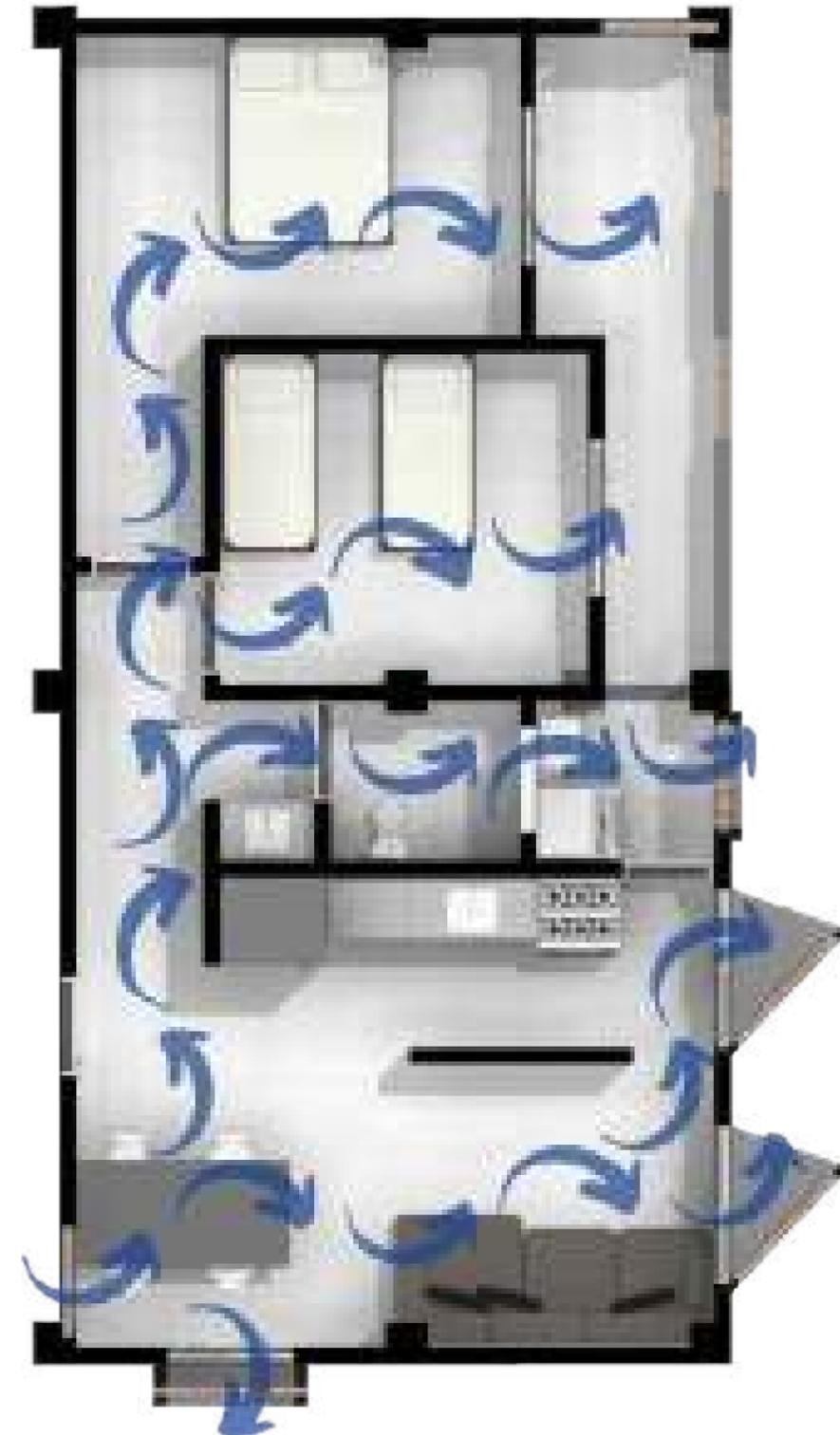


Imagem 100: Diagrama dos Ventos na Planta Tipo 1
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.7.2 Planta Tipo 2

O tipo 2 é uma planta de transição entre o tipo 1 e o tipo 3, que fica na quina que dá para a diagonal em frente ao comércio fixo do parque. Ela também é a menor dentre as plantas, possuindo 45,8 m². Em relação aos seus apartamentos, têm-se 1 sala, 1 cozinha, 1 área de serviço, 1 banheiro e 2 quartos.



Imagem 101: Planta Baixa do Tipo 2
Fonte: Vinícius Sibaldo

Fluxograma

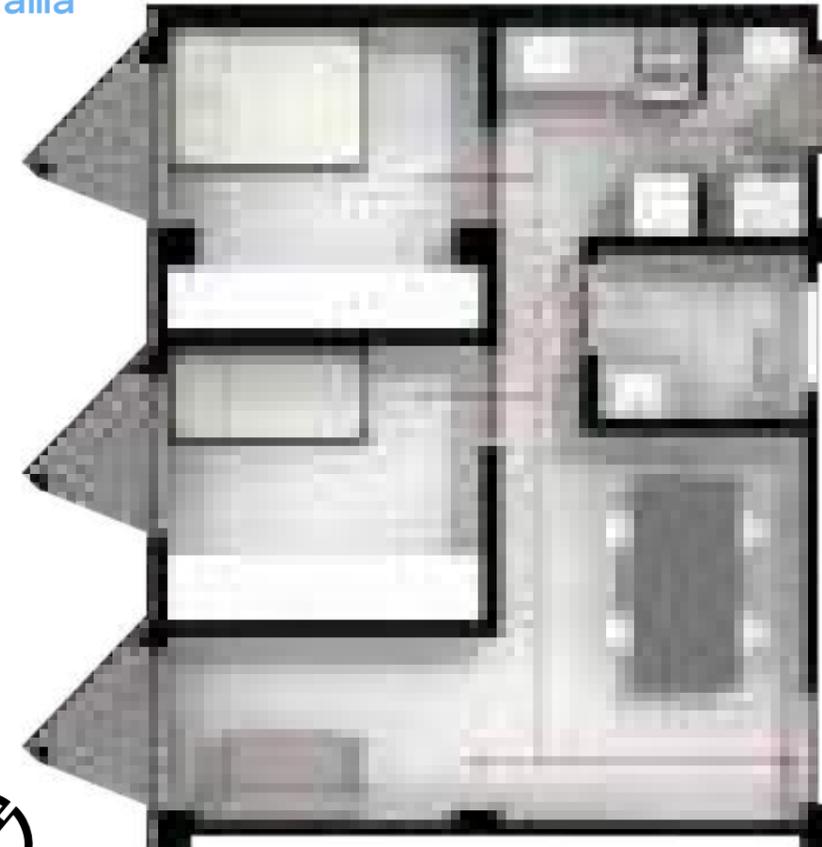


Imagem 102: Fluxograma nas Plantas do Tipo 2
Fonte: Vinícius Sibaldo

Ventilação Cruzada



Imagem 103: Diagrama dos Ventos na Planta Tipo 2
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.7.3 Planta Tipo 3

Este tipo está localizado no extremo norte do prédio no Bloco A, e, por seguir a diagonal criado no eixo comercial que leva até o mercado criado, possui uma quina que foi aproveitada para virar uma varanda no quarto de casal da unidade. Com isso, aproveita-se o espaço para apreciação da paisagem do parque e rio. Ela possui 1 sala, 1 cozinha, 1 área de serviço, 1 banheiro e 3 quartos. Sua metragem é de 59,56 m².

Fluxograma



Imagem 105: Fluxograma da Planta Tipo 3
Fonte: Vinícius Sibaldo

Ventilação Cruzada



Imagem 106: Diagrama dos Ventos na Planta Tipo 3
Fonte: Vinícius Sibaldo



Imagem 104: Planta Baixa do Tipo 3
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.7.4 Planta Tipo 4

Com características bem parecidas com a do tipo 3, a tipologia de planta 4 também se encontra na quina do prédio, mas do Bloco B. Desta vez a varanda tem caráter mais social, assim como a do tipo 1, e tem conexão direta com a cozinha e área de serviço. Em relação aos apartamentos é a que permite maior ocupação com 1 sala, 1 cozinha, 1 área de serviço, 1 banheiro e 4 quartos. Sua metragem é de 67, 8 m².



Imagem 107: Planta Baixa do Tipo 4
Fonte: Vinícius Sibaldo

Ventilação Cruzada



Imagem 109: Diagrama dos Ventos na Planta Tipo 3
Fonte: Vinícius Sibaldo

Fluxograma

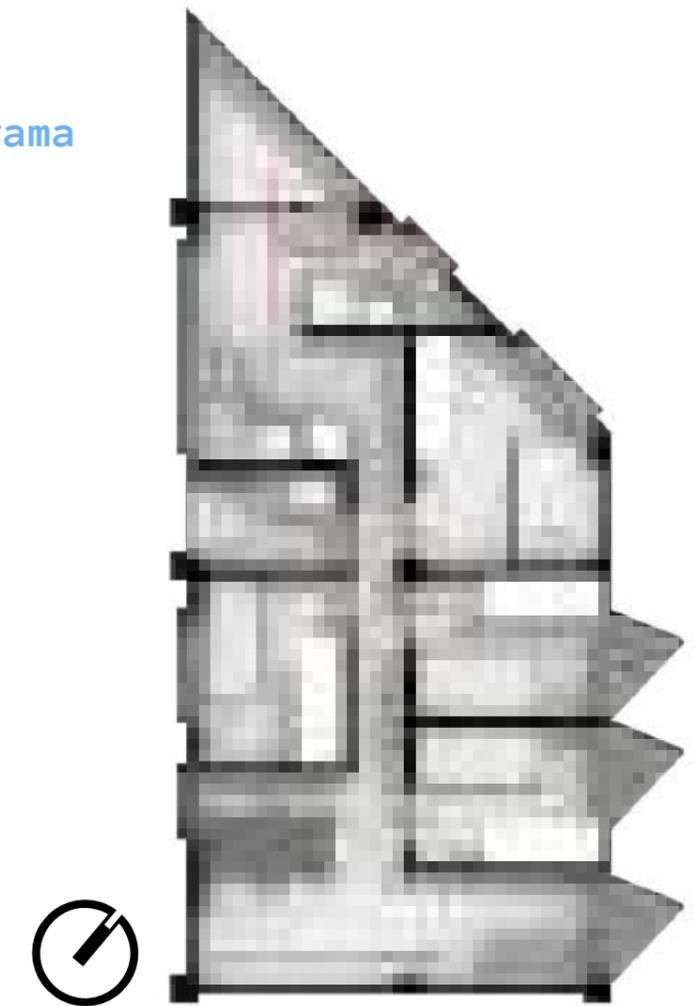


Imagem 108: Fluxograma da Planta Tipo 3
Fonte: Vinícius Sibaldo

5.0 Projeto Entre Pontes

5.7.5 Quantidade de Pessoas

Tipologia	Metragem	Pessoas / Tipo	Quantidade de Unidades	Total / Tipo
Tipo 1	75,3 m ²	4	38	152
Tipo 2	45,8 m ²	3	6	18
Tipo 3	59,56 m ²	4	4	16
Tipo 4	67,8 m ²	5	4	20
		Total	52	206



CONCLUSÃO 6

6. Conclusão

O caso da comunidade do Beco do Sururu, as palafitas entre pontes do Pina, é um dentre vários encontrados pela capital pernambucana. As palafitas, enquanto reflexo claro das desigualdades e falta de oportunidades para muitos, são verdadeiros refúgios para aqueles que na cidade formal não conseguiram construir sua vida, mesmo em meio a invisibilidade perante o Estado, que não costuma dar atenção às necessidades das comunidades que vivem nesses ambientes, e só se fazem presente após um desastre ou para expulsá-los para satisfazer aos anseios do mercado imobiliário.

Herdeiros de uma história segregatória, em que os mais pobres sempre lutaram por um espaço no meio urbano, e que trazem consigo as raízes de uma sociedade que se organizou em bases escravocratas, os moradores das palafitas nos cursos d'água do Recife tentam com o que conseguem sobreviver, e assim como os moradores dos cortiços de outrora, são vítimas de preconceito por parte das classes com mais poder aquisitivo.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo, além dos expostos no início deste volume, de gerar uma discussão perante os casos das palafitas, e tentar entender como o poder público pode melhor incluir essas comunidades nas realidades a qual elas já pertencem, e são tão dependentes por conta das relações criadas entre a comunidade e o espaço em que vivem. Com isso, instigar com que mais pessoas possam trabalhar sobre o mesmo tema, em comunidades em que as chamas ainda não consumiram suas casas, podendo assim melhor trabalhar as particularidades dessas comunidades.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



6. Referências Bibliográficas

- ACADEMIA Escola Unileão / Lins Arquitetos Associados. ArchDaily Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/920845/academia-escola-unileao-lins-arquitetos-associados>. Acesso em: 22 nov 2023.
- ALMEIDA, Giselle; MOREIRA, Fernando. Infiltrando urbanidade: a produção de habitação social de Vigliecca & Associados: entrevista com Héctor Vigliecca e Neli Shimizu. Vitruvius, 2019. Disponível em: vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/20.079/7400?page=1. Acesso em: 14 fev 2024.
- BARATTO, Romullo. Primeiro lugar no concurso para Habitação Social em Bogotá / Vigliecca & Associados + Ensemble de Arquitectura Integral. ArchDaily Brasil, 2019. Acessado 10 set 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/912440/primeiro-lugar-no-concurso-para-habitacao-social-em-bogota-vigliecca-and-associados-plus-ensemble-de-arquitectura-integral>> ISSN 0719-8906
- BOLFE, Sandra; RUBIN, Graziela. O desenvolvimento da habitação social no Brasil. Ciência e Natura, Santa Maria, v. 36 n. 2, p. 201-213, mai-ago 2014. Disponível em: www.redalyc.org/pdf/4675/467546173014.pdf. Acesso em: 13 jan 2024.
- CARLSON, Cajsá. Hooba Design Group clads Tehran office building in brick panels that adjust to the sunlight. Dezeen, 2020. Disponível em: www.dezeen.com/2020/12/08/sharif-office-building-hooba-design-group-tehran/. Acesso em: 5 dez 2023.
- CHALOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CORADIN, Renata Fragoso. Habitar social: a produção contemporânea na cidade de São Paulo. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-27062014-155103/>. Acesso em: 10 fev 2024.
- DINIZ, F. Rocha; ROCHA, Daniele. A crônica de um desastre anunciado. As palafitas do Recife só são visíveis quando queimam?. Observatório das Metrópoles, 2022. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/a-cronica-de-um-desastre-anunciado-as-palafitas-do-recife-so-sao-visiveis-quando-queimam/>. Acesso em: 19 set. 2023.
- FORMICKI, Guilherme; VENTURA, Isabella. A cidade global é para todos? Os casos da urbanização das favelas Real Parque e Jardim Edite. VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, 2020. Disponível em: enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/21962.pdf. Acesso em: 15 out 2023.
- GONSALES, Celia; MACHADO, Andréia. Hector Vigliecca e as propostas de habitação de interesse social: construção de uma paisagem urbana. Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, v. 10 n. 76, p. 104-118., 2022. Disponível em: publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/3187/3109. Acesso em: 15 set 2023.
- HEIDEGGER, Martin. 1994. Construir, habitar, pensar. Barcelona: En conferencias y artículos.
- JUIZADO Especial Cível e Criminal de Unileão / Lins Arquitetos Associados. ArchDaily Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/916243/juizado-especial-civel-e-criminal-de-unileao-lins-arquitetos-associado>. Acesso em: 10 ago 2023.
- KOWARICK, Lúcio. Cortiços: a humilhação e a subalternidade. Scielo, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/lj/ts/a/qrgPRKcgk55jZwbd84XH5HC/#>. Acesso em: 10 jan 2024.
- LERMEN, Bruna; SANTOS, Alessandra. Elementos de integração no bairro: uma análise do conjunto habitacional Jardim Edite. VISBQP, Uberlândia, p. 1215-1225. 2019. Disponível em: eventos.antac.org.br/index.php/sbqp/article/view/3222/2676. Acesso em: 11 nov 2023.
- MARQUES, Sonia; OLIVEIRA, Terezinha; VIEIRA, Natália. Clube Líbano Brasileiro em Recife: um registro dos últimos suspiros. 4 Docomomo Norte/Nordeste, 2012. Disponível em: projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/handle/123456789/1353. Acesso em: 11 nov 2023.
- MINGHINI, Victor. A dimensão urbana nos projetos habitacionais de Héctor Vigliecca. 2019. 214 p. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-16102019-172517/publico/MEVICTORMARTINSMINGHINI_rev.pdf. Acesso em: 10 out 2023.

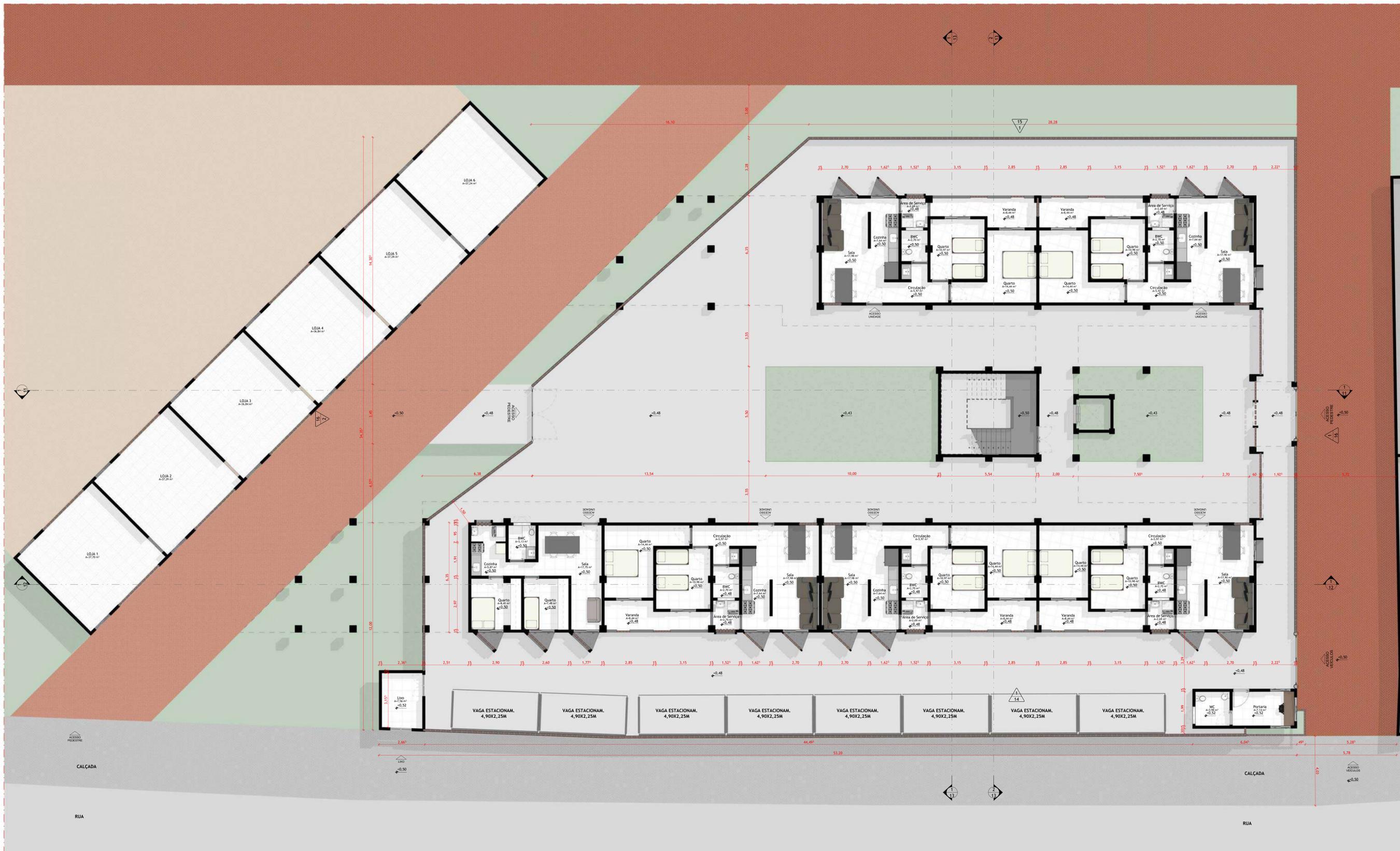
6. Referências Bibliográficas

- MOREIRA, Tomás; NASCIMENTO NETO, Paulo; SCHUSSEL, Lucena. Conceitos divergentes para políticas convergentes: descompassos entre a Política Nacional de Habitação e o Programa Minha Casa, Minha Vida. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 14, n. 1, p. 85-98, maio, 2012.
- MOURA, Célio; MOTA, Maiara. A negação das frentes d'água do Recife à ocupação popular: discutindo os casos das comunidades Arlindo Gouveia, José Holanda e Brasília Teimosa. *ARCHITECTON-Revista de Arquitetura e Urbanismo*, Recife, v.7, n 11, p. 1-15, 2022. Disponível em: [54.94.8.198/index.php/arquitetura/article/view/2426/1821](https://www.54.94.8.198/index.php/arquitetura/article/view/2426/1821). Acesso em: 14 dez 2023.
- MOURA DUBEUX. O Clube Líbano Brasileiro nasceu do desejo de amigos e parentes árabes de ter um espaço para se reunir e cultivar suas raízes. Facebook, 22 mar 2022. Disponível em: www.facebook.com/mouradubeuxoficial/videos/o-clube-libano-brasileiro-nasceu-do-desejo-de-amigos-e-parentes-arabes-de-ter-um/699697431161851/?locale=ms_MY. Acesso em: 11 out 2023.
- OLIVEIRA, Aline. Urbanização brasileira e marginalidade: os olhares socioeconômico e sociocultural em contraponto. *Revista Faac*. Bauru, v.2 n. 1 p. 55-68, abr/set. 2012. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/revistafaac/index.php/revista/article/view/75/41>. Acesso em: 15 nov 2023.
- OLIVEIRA, Renata. O acesso à arquitetura e à cidade na produção estatal de habitação popular em Belo Horizonte/MG e São Paulo/SP de 2005 a 2012. 2016. 251 p. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.
- OS QUIOSQUES E OS CORTIÇOS DA CIDADE: NUVENS DE POEIRA. MultiRio, Rio de Janeiro. Disponível em: multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/2915-os-quiosques-e-os-corticicos-do-rio-republicano . Acesso em: 17 nov 2023.
- SALES, Raíssa. Paisagem teimosa: a construção social da Brasília recifense e a (r)existência do seu amanhã. Trabalho de conclusão de curso - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 378.p, 2017. Disponível em: https://issuu.com/raissag.arquitetura/docs/paisagem-teimosa_raissa-gomes-issuu. Acesso em: 11 maio 2023.
- SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: EDUSP, 2005.
- SOBRINHO, Afonso. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15 n. 32, jan/abr, p. 210-235. 2013. Disponível em: www.scielo.br/j/soc/a/LJBz4P3sqLrM4ss4sNQJZSG/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 jan 2024.
- SOVERAL, Thiago. A produção de um novo modelo de HIS: o programa + Lapena Habitar e sua arquitetura. Archdaily Brasil, 2023. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/1004943/a-producao-de-um-novo-modelo-de-his-o-programa-plus-lapena-habitar-e-sua-arquitetura?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all. Acesso em: 30 ago 2023.
- TEIXEIRA, Catharina. AS ZEIS 1 e a condição periférica do aglomerado de ZEIS do Parque Novo Santo Amaro em São Paulo. 2018.323 p. Tese, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2018.
- VALE, Daniel. As transformações das paisagens na antiga comunidade de palafitas do Pina e no entorno do shopping Riomar. Trabalho de conclusão de curso - Departamento Acadêmico de Cursos Superiores, Instituto Federal de Pernambuco. Recife, 83p., 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/984/As%20transforma%20das%20paisagens%20na%20antiga%20comunidade%20de%20palafitas%20do%20Pina%20e%20no%20entorno%20do%20shopping%20Riomar.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jul 2023.
- VIGLIECCA & Associados. Parque Novo Santo Amaro. Disponível em: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/parque-novo-santo-amaro-v>. Acesso em: 27 nov 2023.
- VIGLIECCA & Associados. Projeto Jardim Vicentina. Disponível em: www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/vicentina. Acesso em: 27 nov 2023.
- ZENDEGI Building / Faraman Design and Construction Office. ArchDaily, 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com/1001668/zendegi-building-faraman-design-and-construction-office>. Acesso em: 10 ago 2024.

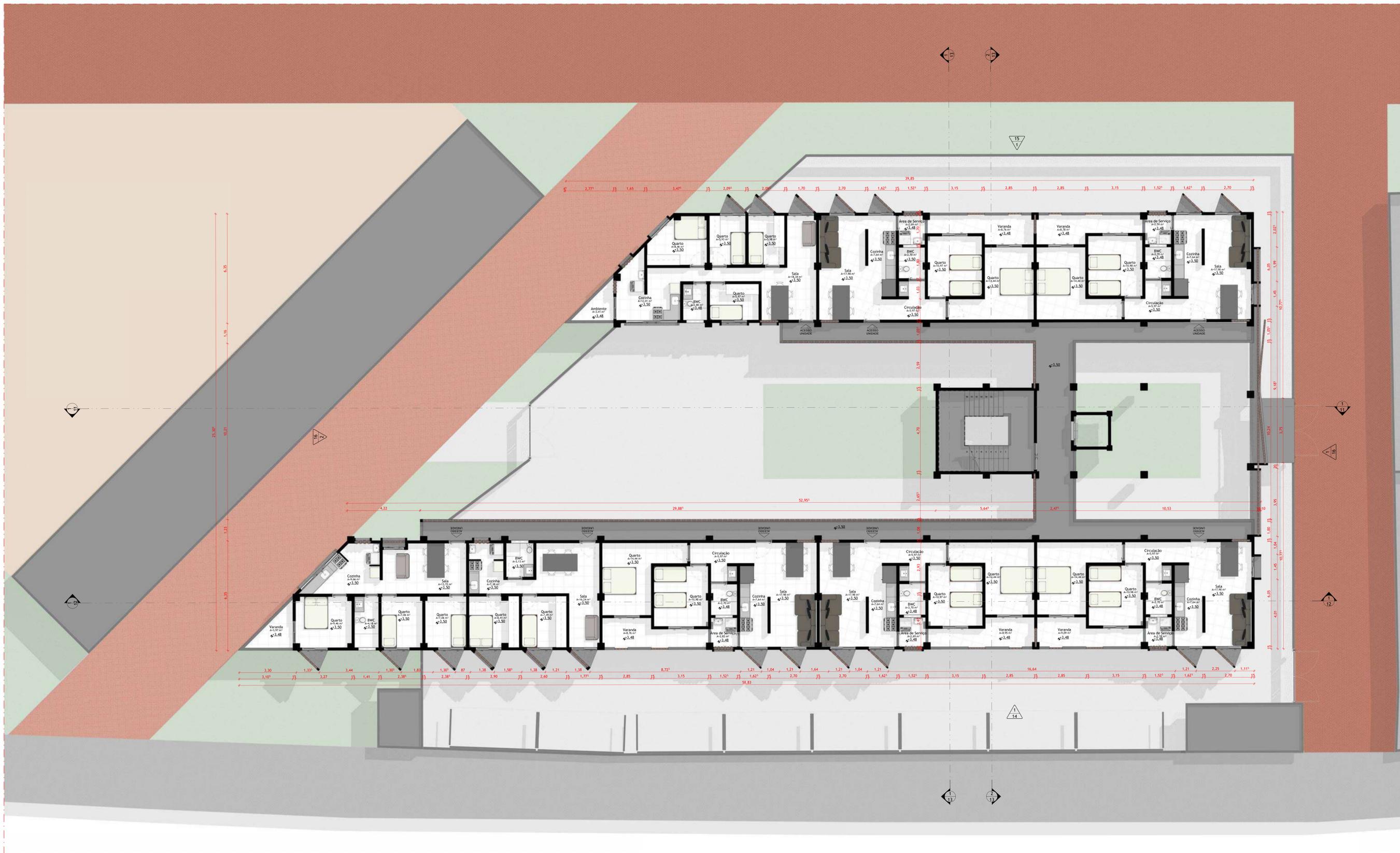


ANEXOS

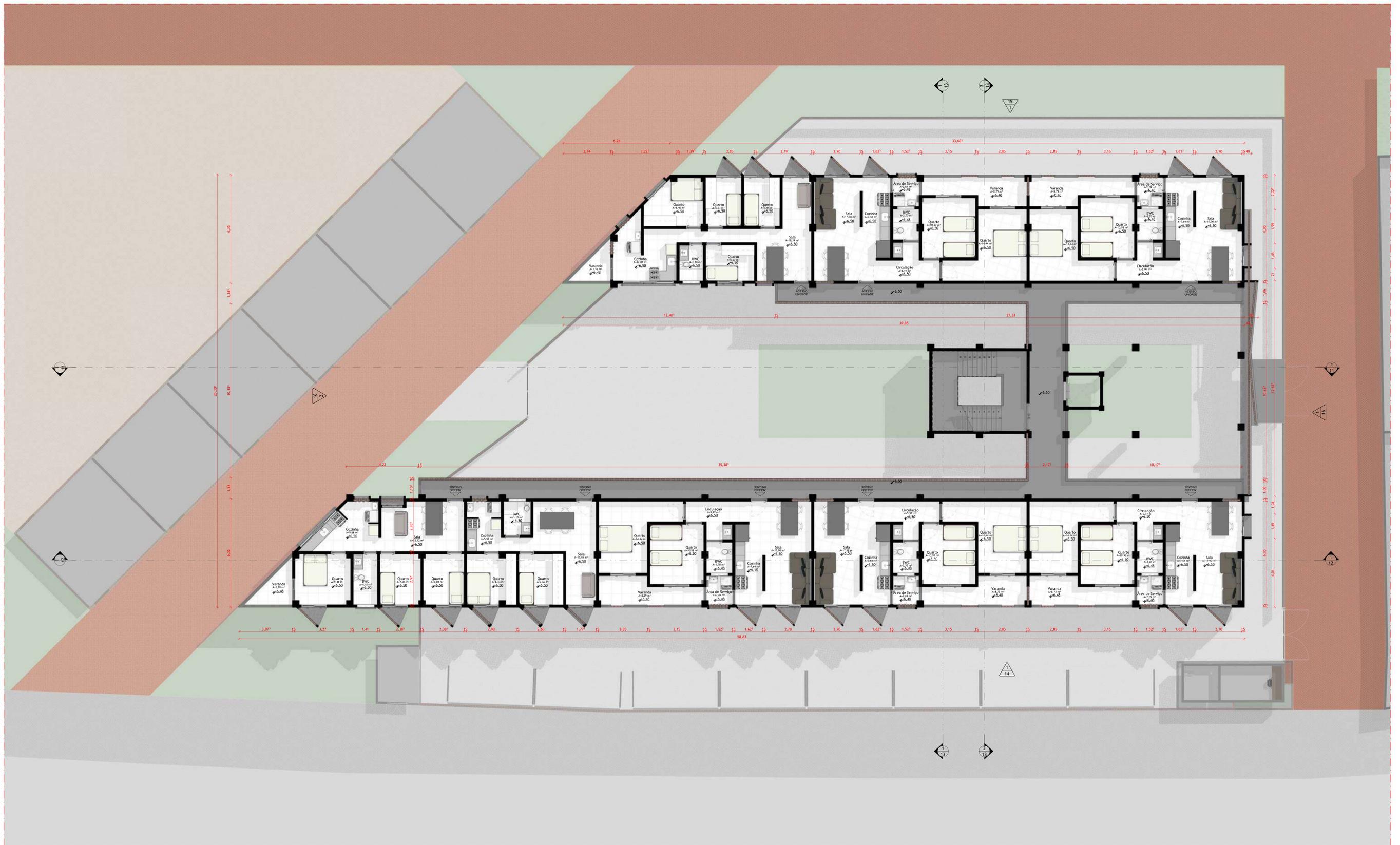




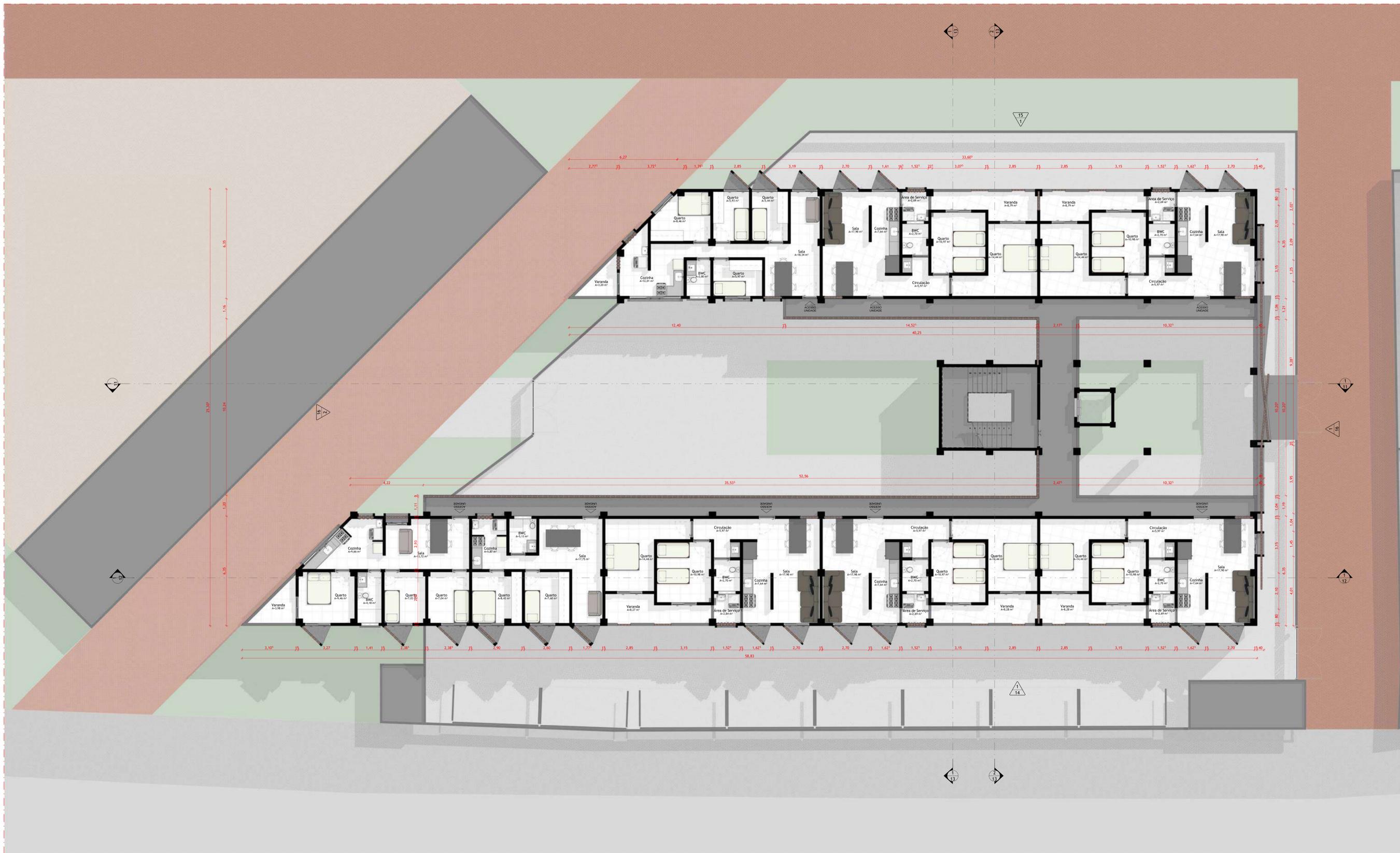
1 PLANTA BAIXA TÉRREO
ESCALA 1:75



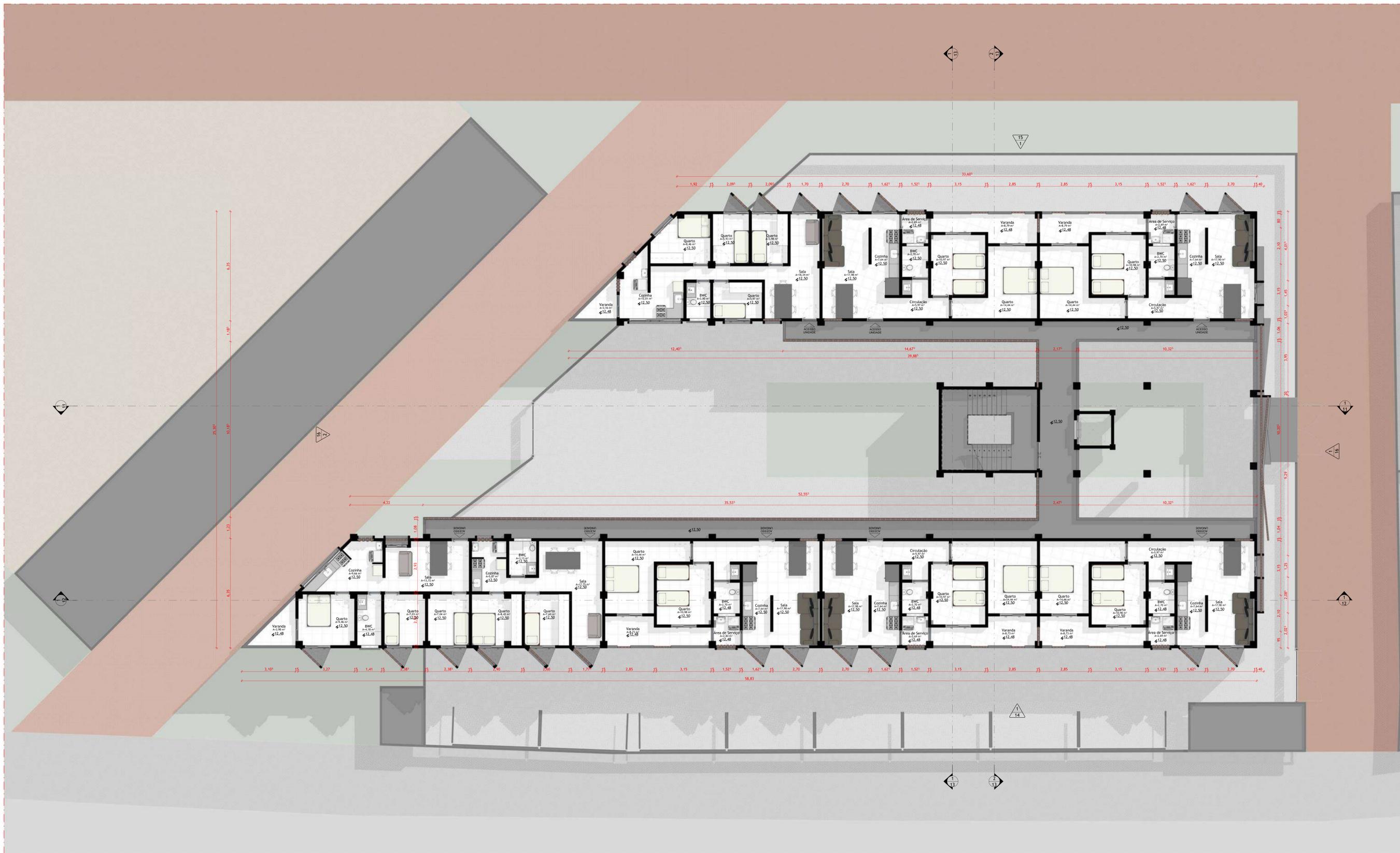
1 PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO
ESCALA 1:75



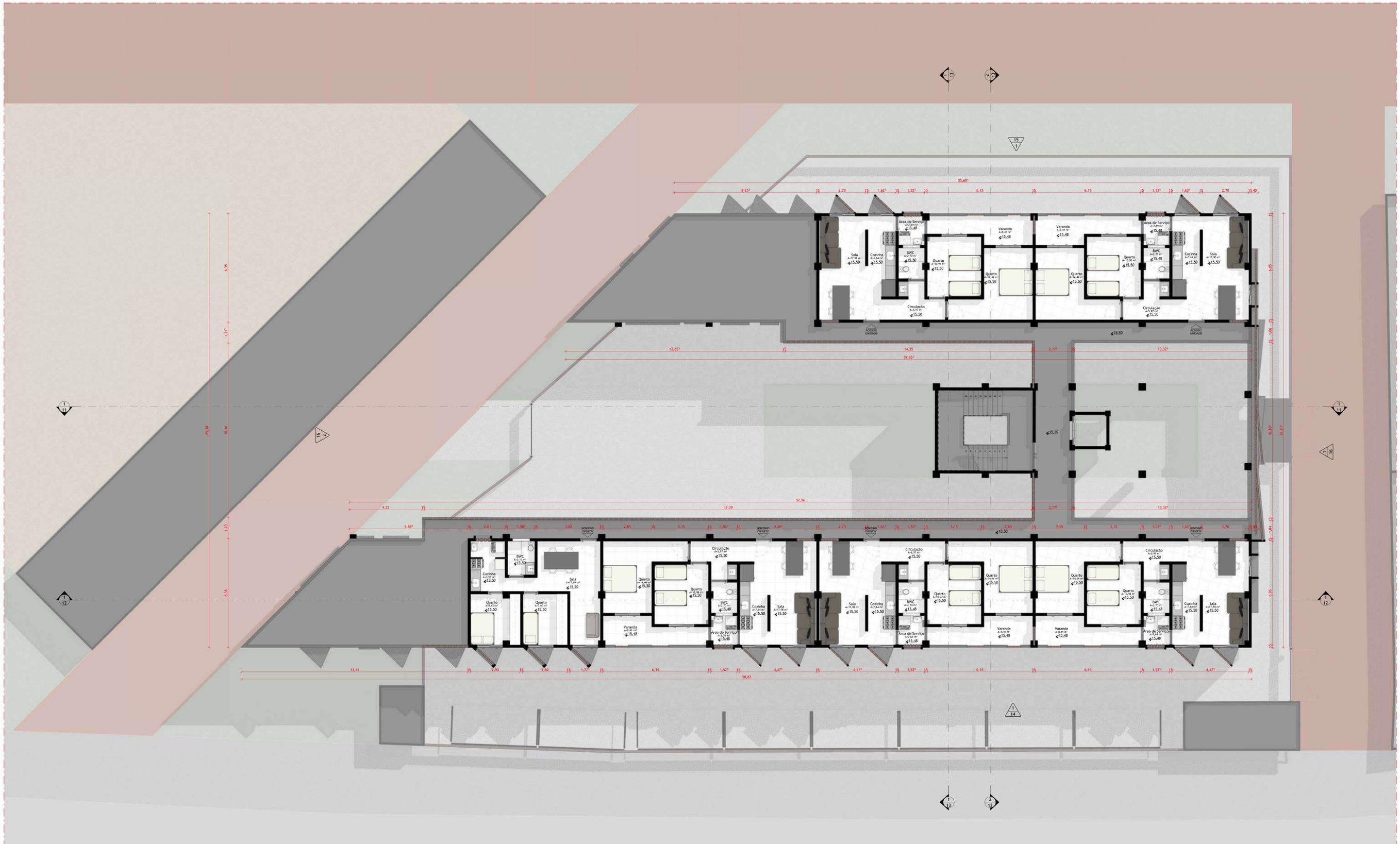
1 PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO
ESCALA 1:75



1 PLANTA BAIXA 3º PAVIMENTO
ESCALA 1:75



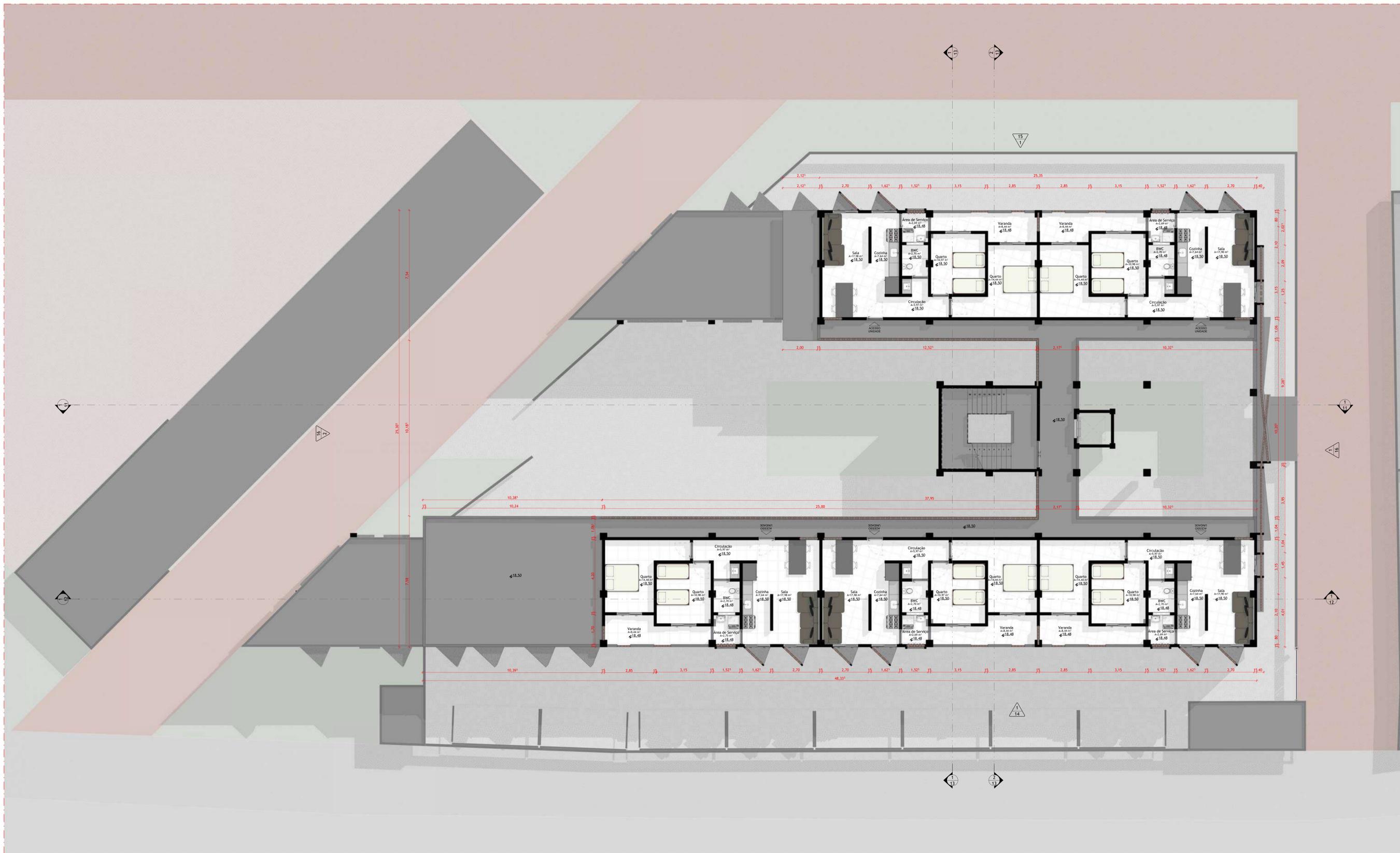
1 PLANTA BAIXA 4º PAVIMENTO
ESCALA 1:75



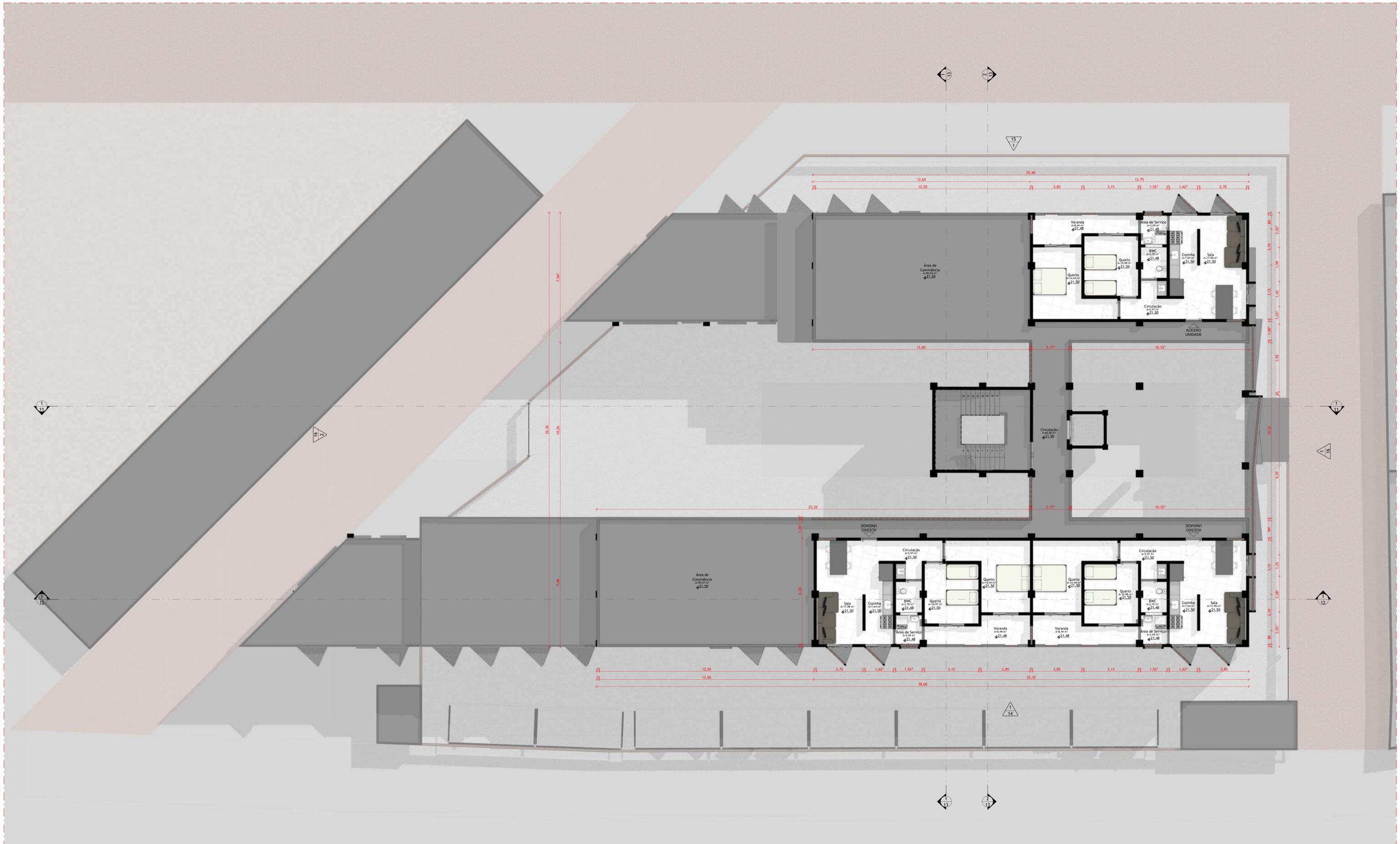
1 PLANTA BAIXA 5º PAVIMENTO
 ESCALA 1:75

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

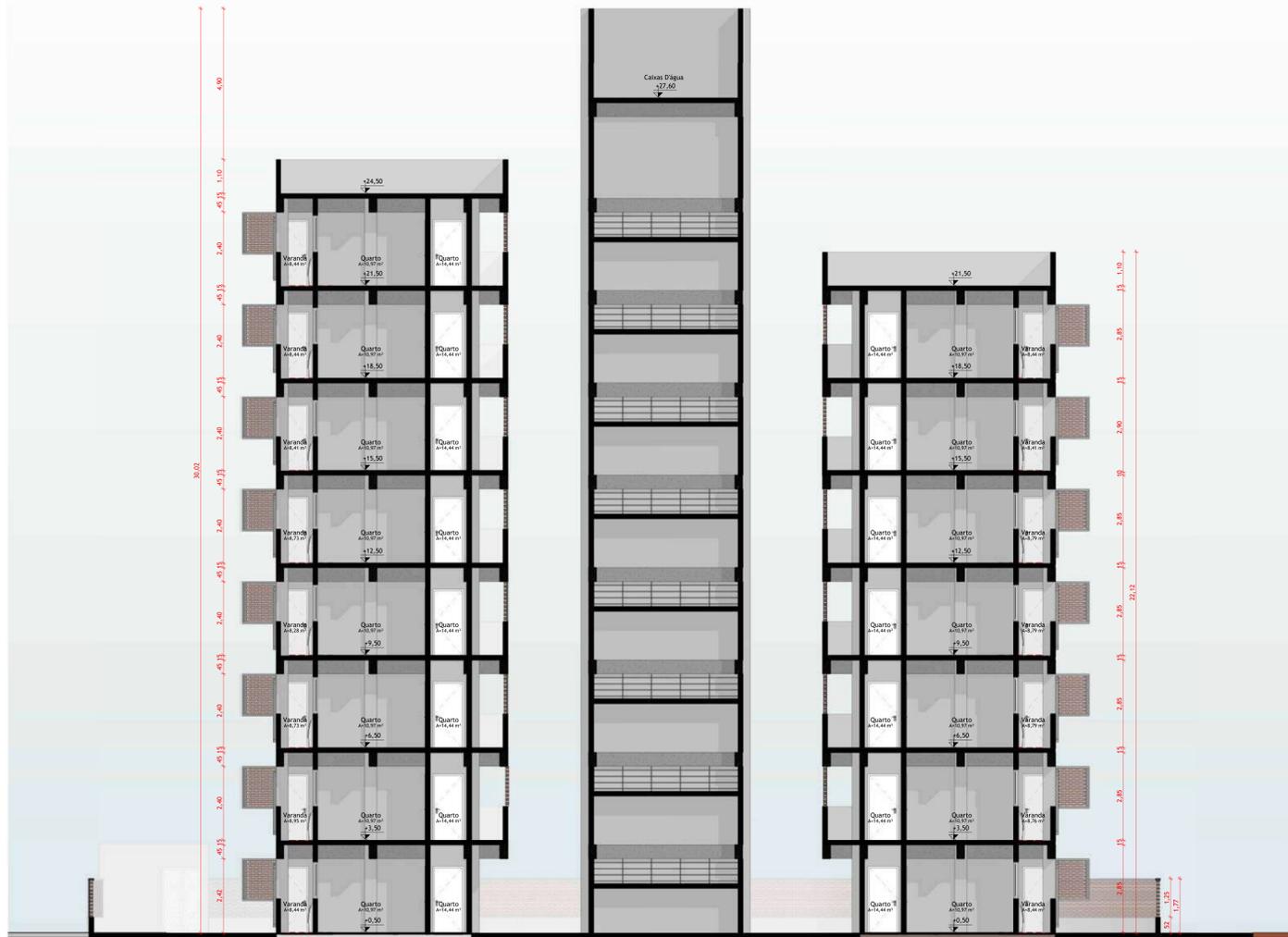
PROJETO: ENTRE PONTES: ANTEPROJETO DE HABITAÇÃO SOCIAL PARA ANTIGA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA PÓS INCÊNDIO DE 2022
 ENDEREÇO: Av. Hercúlio Bandeira, Pina, Recife - PE
 DATA: MARÇO/2024
 AUTORA: VINÍCIUS SIBALDO
 ORIENTADORA: ADRIANA BORBA
 ESCALA: 1:75



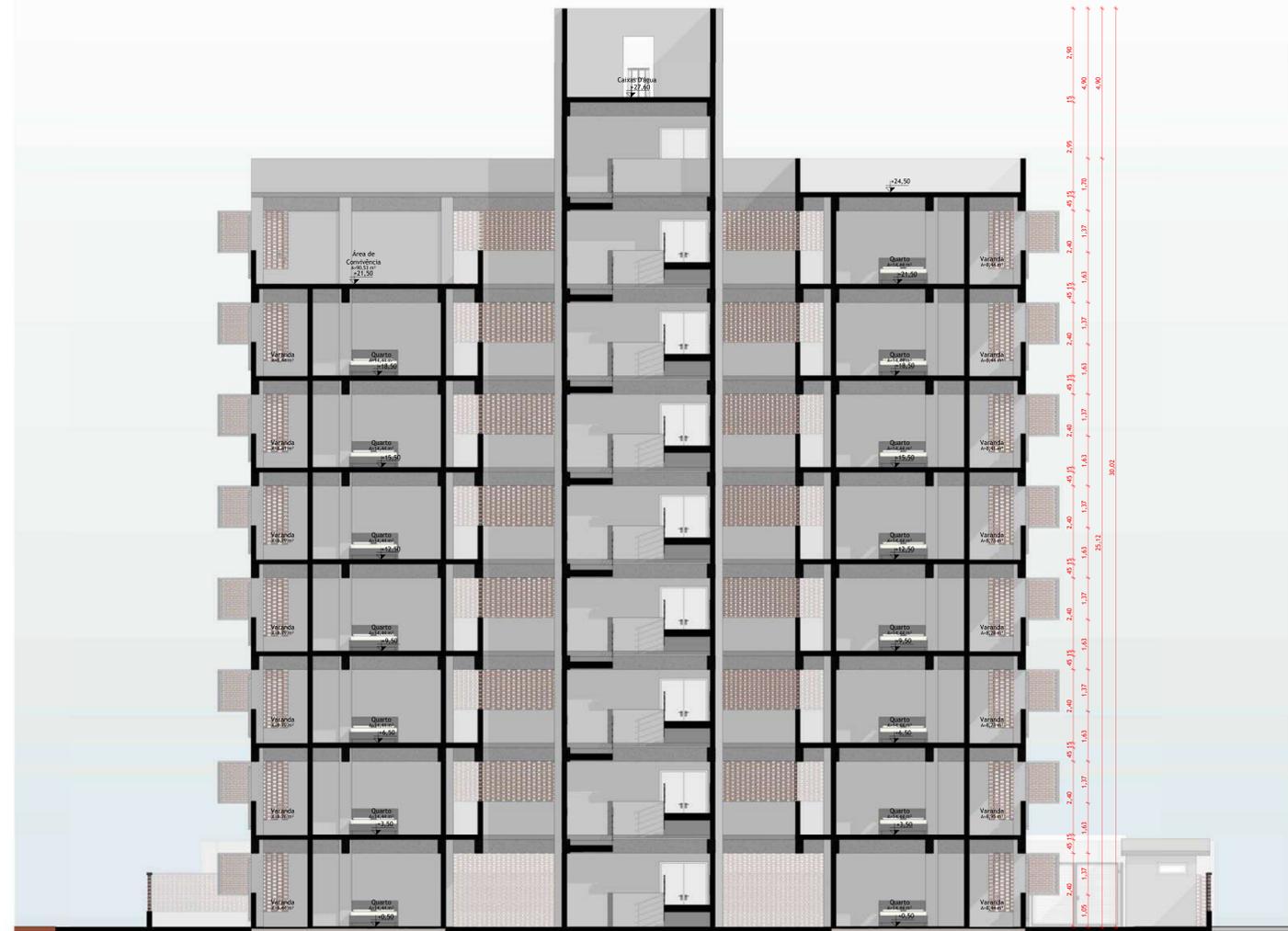
1 PLANTA BAIXA 6º PAVIMENTO
ESCALA 1:75



1 PLANTA BAIXA 7º PAVIMENTO
ESCALA 1:75



1 CORTE CC
ESCALA 1:75



2 CORTE DD
ESCALA 1:75

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

PROJETO: ENTRE PONTES: ANTEPROJETO DE HABITAÇÃO SOCIAL PARA ANTIGA COMUNIDADE DE PALATITAS DO PINA PÓS INCÊNDIO DE 2022

INGENHEIRO: Av. Herculano Bandeira, Pina, Recife - PE

AUTORA: VINÍCIUS SIBALDO

ORIENTADORA: ADRIANA BORBIA

DATA: MARÇO/2024

ESCALA: 1:75

FOLHA: 13/16



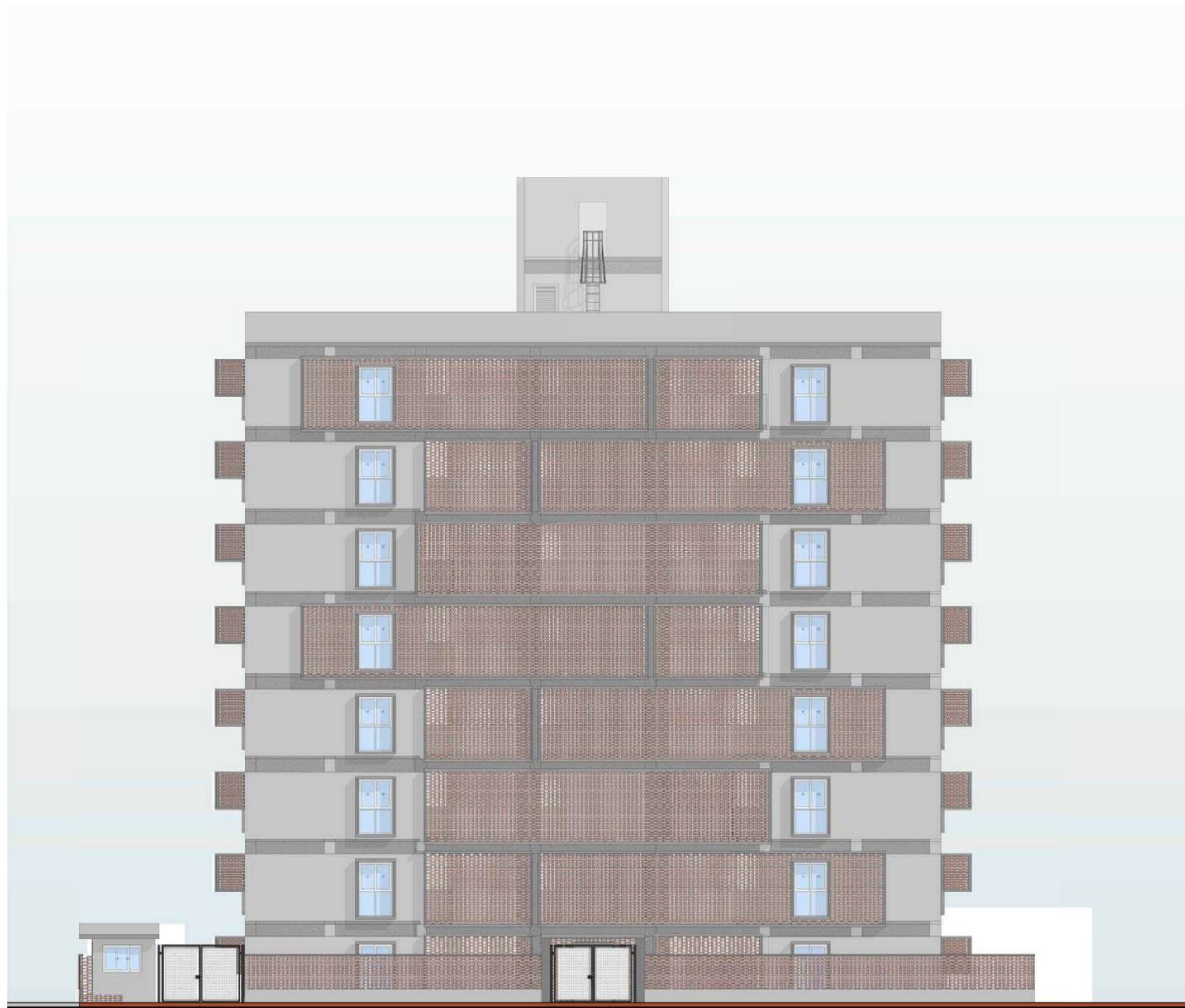
1 FACHADA SUDOESTE
ESCALA 1:75



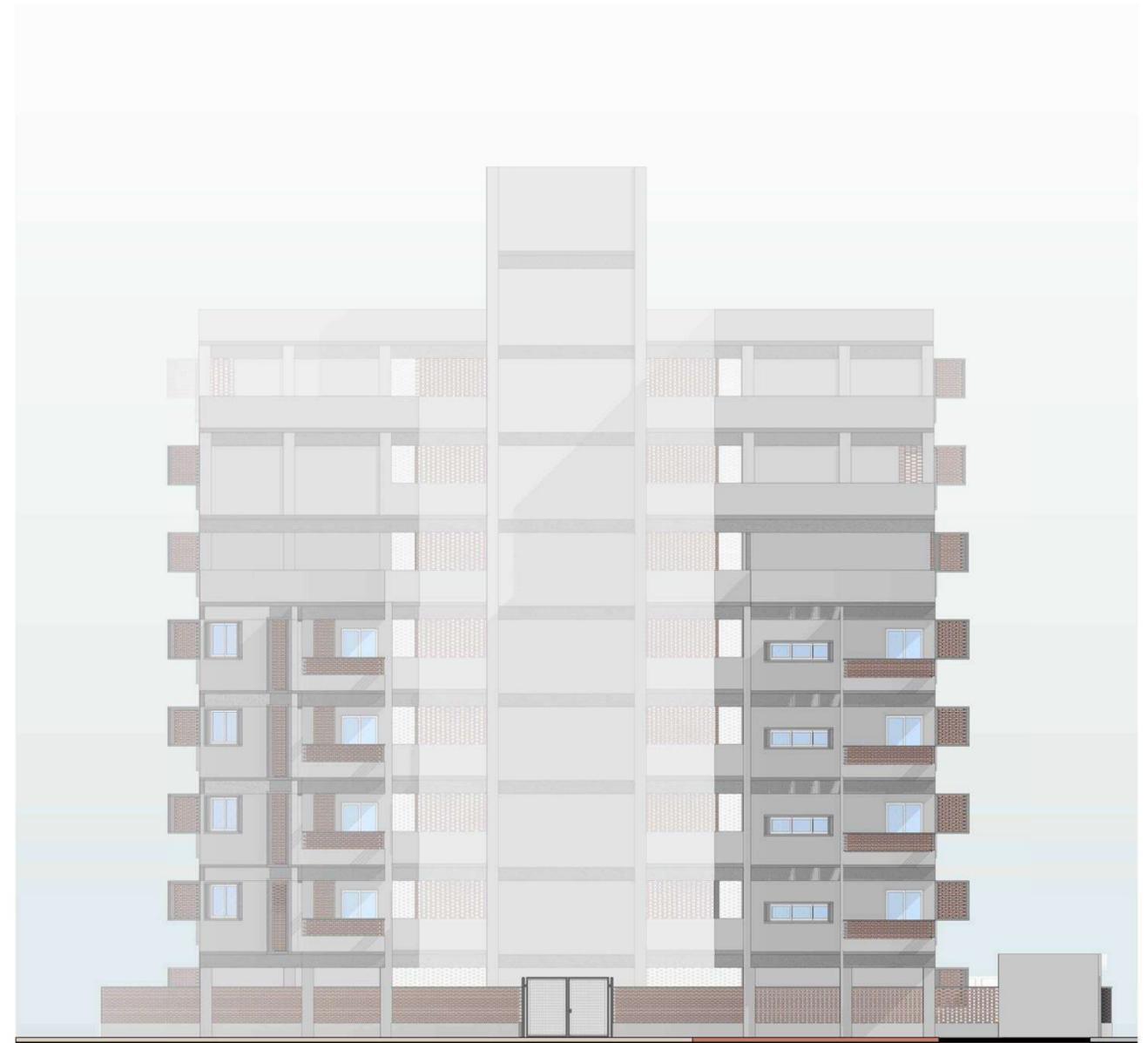
1 FACHADA NORDESTE
ESCALA 1:75

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

PROJETO	INTEGRADO	AUTORIA
ENTRE PONTES: ANTEPROJETO DE HABITAÇÃO SOCIAL PARA ANTIGA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA PÓS INCÊNDIO DE 2022	Av. Herculano Bandeira, Pina, Recife - PE	VINÍCIUS SIBALDO
DESENHO	DATA	ESCALA
FACHADA NORDESTE	MARÇO/2024	1:75
		ORIENTADORA
		ADRIANA BORBA



1 FACHADA SUDESTE
ESCALA 1:75



2 FACHADA NOROESTE
ESCALA 1:75

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARQUITETURA E URBANISMO

PROJETO: ENTRE PONTES: ANTEPROJETO DE HABITAÇÃO SOCIAL PARA ANTIGA COMUNIDADE DE PALAFITAS DO PINA PÓS INCÊNDIO DE 2022	ENDEREÇO: Av. Herculano Bandeira, Pina, Recife - PE	AUTORA: VINÍCIUS SIBALDO
DESENHO: FACHADAS SUDESTE E NOROESTE	DATA: MARÇO/2024	ESCALA: 1:75
		ORIENTADORA: ADRIANA BORBA

Perspectivas



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo

Perspectivas



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo

Perspectivas



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo

Perspectivas



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo

Perspectivas



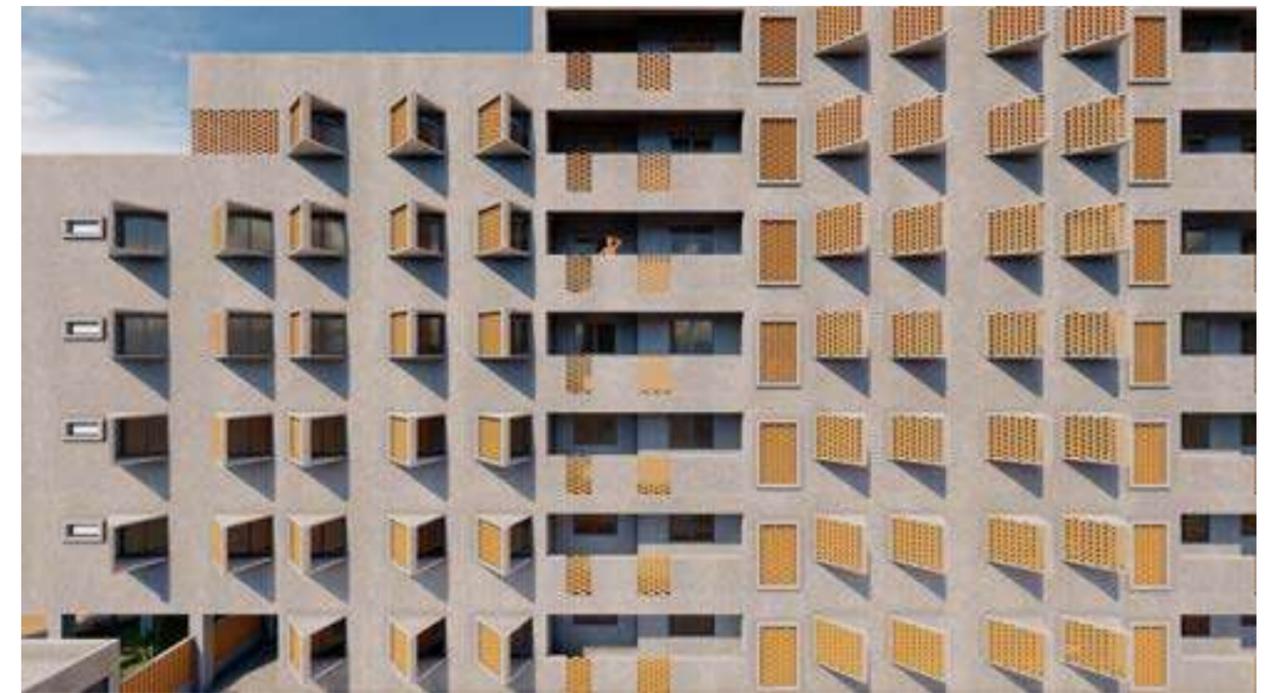
Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo

Perspectivas



Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo

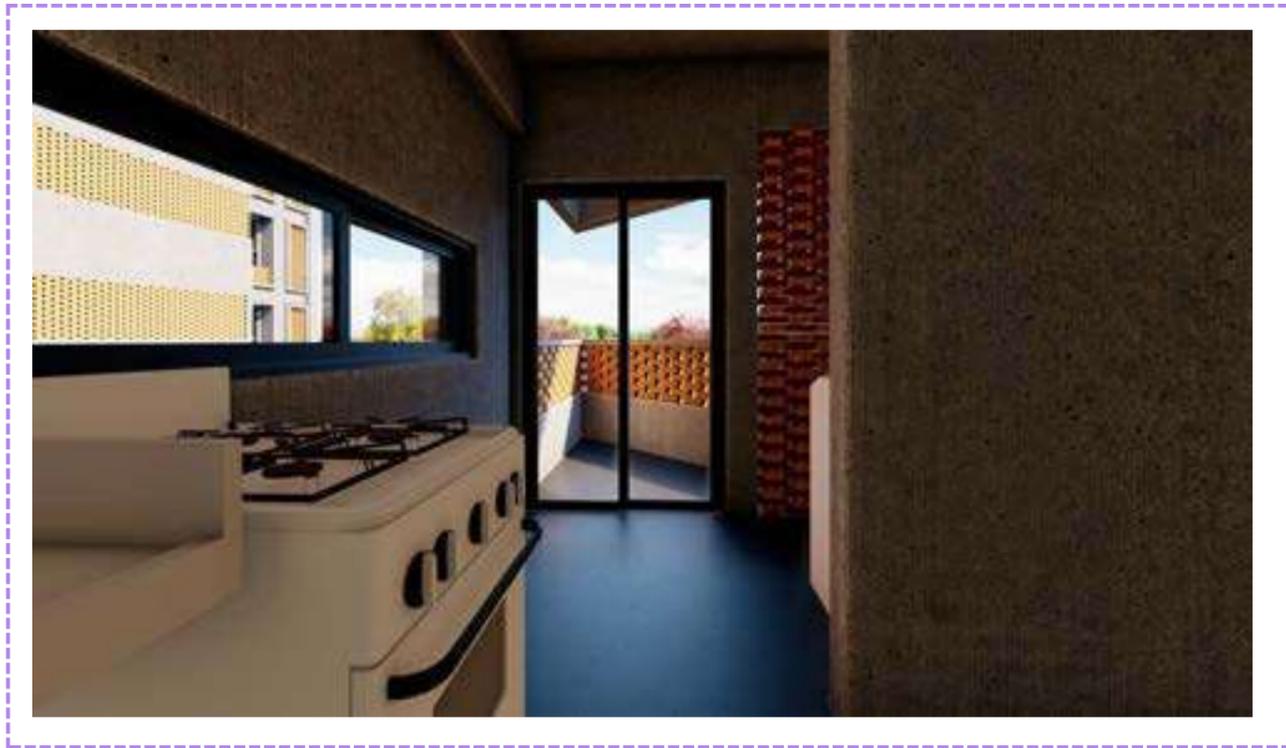


Fonte: Vinícius Sibaldo



Fonte: Vinícius Sibaldo

Perspectivas



Fonte: Vinícius Sibaldo